



**UNIVERSIDADE FEDERAL DO NORTE DO TOCANTINS – UFNT
CÂMPUS DE ARAGUAÍNA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM LETRAS: ENSINO DE LÍNGUA E
LITERATURA - PPGLIT**

MARIA JOSÉ PEREIRA DA SILVA

**A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO “CÍRCULO DE LEITORES” PARA A
FORMAÇÃO DE LEITORES NO CONTEXTO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO
FEDERAL DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO - IETU UNIFESSPA-PA**

**ARAGUAÍNA-TO
2022**

MARIA JOSÉ PEREIRA DA SILVA

A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO “CÍRCULO DE LEITORES” PARA A FORMAÇÃO
DE LEITORES NO CONTEXTO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEDERAL DE
ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO - IETU UNIFESSPA-PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (PPGLIT/UFNT), Câmpus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura.

Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Testa

ARAGUAÍNA-TO
2022

MARIA JOSÉ PEREIRA DA SILVA


A CONTRIBUIÇÃO DO PROJETO “CÍRCULO DE LEITORES” PARA A FORMAÇÃO DE LEITORES NO CONTEXTO DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEDERAL DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO - IETU UNIFESSPA-PA

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte Tocantins (PPGLIT/UFNT), campus de Araguaína, como requisito parcial à obtenção do título de Mestre em Letras: Ensino de Língua e Literatura.


Orientadora: Profa. Dra. Eliane Cristina Testa

Data de aprovação:


Banca examinadora de qualificação

Documento assinado digitalmente
 ELIANE CRISTINA TESTA
Data: 04/04/2023 15:50:29-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Profª. Dra. Eliane Cristina Testa
Orientadora e Presidente da banca IIFT/ PPGL

Documento assinado digitalmente
 RUBENS MARTINS DA SILVA
Data: 04/05/2023 17:34:52-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Rubens Martins da Silva - UNITINS
Examinador externo

Documento assinado digitalmente
 CARLOS BORGES DA SILVA JUNIOR
Data: 03/05/2023 19:32:32-0300
Verifique em <https://validar.iti.gov.br>

Prof. Dr. Carlos Borges da Silva Júnior - PPGL/UFNT
Examinador interno

ARAGUAÍNA-TO
2022

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Tocantins

- S586c Silva, Maria José Pereira da.
A contribuição do projeto círculo de leitores para a formação de leitores no contexto da biblioteca do Instituto Federal de Estudos do Trópico Úmido - IETU UNIFESSPA-PA. / Maria José Pereira da Silva. – Araguaína, TO, 2022.
151 f.
- Dissertação (Mestrado Acadêmico) - Universidade Federal do Tocantins – Câmpus Universitário de Araguaína - Curso de Pós-Graduação (Mestrado) em Letras Ensino de Língua e Literatura, 2022.
Orientador: Eliane Cristina Testa
1. Biblioteca do Instituto Federal de Estudos do Trópico Úmido - IETU UNIFESSPA-PA. 2. Formação de leitores literários. 3. Mediação leitora. 4. Leitura literária. I. Título

CDD 469

TODOS OS DIREITOS RESERVADOS – A reprodução total ou parcial, de qualquer forma ou por qualquer meio deste documento é autorizado desde que citada a fonte. A violação dos direitos do autor (Lei nº 9.610/98) é crime estabelecido pelo artigo 184 do Código Penal.

Elaborado pelo sistema de geração automática de ficha catalográfica da UFT com os dados fornecidos pelo(a) autor(a).

AGRADECIMENTOS

A Deus por ter me dado força, coragem e persistência no decorrer do curso e deste trabalho.

Aos meus queridos pais, Regina Pereira da Cruz Silva e Bernardo Soares da Silva, pelo incentivo e apoio que sempre me proporcionaram durante toda minha vida de estudante.

Ao meu sobrinho Edson e a meu tio Amadeu *in memoriam*, infelizmente não se encontram entre nós, mas ao lado de Deus pai todo poderoso.

Aos meus familiares, e em especial a minha irmã Lúcia, meu anjo-da-guarda nesta longa jornada.

A Professora Eliane Cristina Testa, minha orientadora, que iluminou constantemente as minhas ideias com seu vasto conhecimento.

Ao corpo docente do Programa de Pós-graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins – UFNT/ Câmpus Araguaína por terem transmitido a mim de maneira eficiente os seus conhecimentos.

Aos meus amigos(as), Soraima, Roberta e Conceição Feitosa pela amizade e companheirismo.

Aos discentes e docentes do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU – UNIFESSPA que se dispuseram a colaborar com este trabalho através da participação no Círculo de leitores e com seus posicionamentos no questionário que lhes foram aplicados.

*Mas em todas estas coisas somos mais do
que vencedores, por aquele que nos amou.*

Romanos 8: 37

RESUMO

Como fator essencial para o desenvolvimento humano, a leitura é um aprendizado que deveria ser a prioridade no início e durante a vida escolar e acadêmica de todos os indivíduos. Apesar de ser uma preocupação constante para a rede educacional básica, muitos alunos têm chegado à universidade sem as competências e as habilidades leitoras de modo mais avançado, comprometendo seu processo de aprendizagem no ensino superior. Tendo em vista esse panorama, é necessário que sejam efetivados projetos de leitura literária que potencializem a prática leitora entre os acadêmicos, a fim de que possam crescer em conhecimento, em desenvolvimento pessoal, tornando-os mais críticos e autônomos intelectualmente. Neste contexto, a biblioteca é um dos espaços de mediação de leitura importante e que necessita ser ativado constantemente com projetos de leitura literária. Sendo assim, este estudo foi realizado com o objetivo de analisar o projeto de formação de leitores na biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA-PA) como formador de leitores literários. Esta pesquisa é qualitativa, quantitativa, bibliográfica, documental e interpretativa. Metodologicamente foram aplicados questionários semiestruturados. Também para conhecer o perfil dos usuários da biblioteca foram analisados alguns relatórios institucionais, como os de registros de empréstimos da biblioteca, a fim de evidenciar a relação dos alunos com os livros literários e a biblioteca. Como fundamentação teórica adotou-se o seguinte autor quanto à metodologia da pesquisa: Thiollent (1985), e as contribuições de Cosson (2006) sobre estruturação de grupos de leitura. Destaca-se Lajolo (2002); Paulino (2005); Yunes (1995, 2003 e 2012); Jouve (2002, 2013); Cosson (2006, 2019); Compagnon (2003); Candido (2004) e Azevedo, (2004), os quais destacam como se dá a formação leitora/literária. Para discutir questões de bibliotecas universitárias e círculos de leitores, utilizou-se Soares (2009), Silva (1987, 1997); Roca (2012); Pereira Júnior (2019); Bortolin (2006); Bortolin e Almeida Jr. (2011); Bortolin e Santos (2014); Silva *et al* (2015); Silva (1987, 1997), Cosson (2014); Fontes (2012); Almeida Jr (1997) e Milanese (2008), dentre outros, que descrevem em suas teorias a função da biblioteca como formadora de leitores literários por meio de projetos envolvendo grupos de leitura. Como alguns resultados, apontamos que as ações de leitura literária implementada pela biblioteca da unidade IETU/UNIFESSPA-PA contribuíram para a formação leitora do grupo e na efetivação da bibliotecária como mediadora de leitura, além de mostrar a importância de ações de formação de leitores e a contribuição da biblioteca em levar essas ações para a comunidade acadêmica e a comunidade em geral, o que, conseqüentemente, torna a literatura fundamental na vida dos educandos.

Palavras-chave: Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido do IETU/UNIFESSPA-PA; Formação de leitores literários; Mediação leitora; Leitura literária, “Círculo de leitores”.

ABSTRACT

As an essential factor for the human development, reading is a lesson that should be priority at the beginning and during school and academic life of every student. Despite being a recurring preoccupation for the elementary, middle and high school education systems, many students are arriving at the university without more advanced reading skills and competences, which affects negatively in their learning in higher education systems. In view of this scenario, projects of literary reading that cultivate the reading habit among academics are necessary, so that they can grow their knowledge and personal development, and thus becoming more critics and intellectuals who think for themselves. In this context, the library is one of the important spaces of reading intervention that it needs to be, constantly, active with literary reading projects. Thus, this work was made aiming to verify the relevance and possibility of a project of readers' formation in the library of the Institute for the Studies of the Humid Tropics (IETU) of the Federal University of the South and Southeast of Pará (UNIFESSPA-PA). The research is qualitative, quantitative, bibliographic, documentary and interpretative. Methodologically, semi-structured questionnaires were used. Also, to understand the user profile of the library, some institutional documents like the book lending registry were analyzed in order to demonstrate the relationship between the students, literary books and the library. Regarding the theoretical foundation, the following author was used as research methodology: Thiollent (1985), and the contributions of Cosson (2006) as well on the structuring of reading groups. Lajolo (2002); Paulino (2005); Yunes (1995, 2003 e 2012); Jouve (2002, 2013); Cosson (2006, 2019); Compagnon (2003); Candido (2004) and Azevedo (2004) can also be highlighted when it comes to understanding the reader/literary formation. To discuss matters about university libraries and readers' circles, Soares (2009), Silva (1987, 1997); Roca (2012); Pereira Júnior (2019); Bortolin (2006); Bortolin and Almeida Jr. (2011); Bortolin and Santos (2014); Silva et al (2015); Silva (1987, 1997), Cosson (2014); Fontes (2012); Almeida Jr (1997) and Milanese (2008), among others, were relied upon, as they describe in their theories the function of the library in its literary readers' formation role through projects involving reading groups. Results include the contribution that the activities of literary reading implemented by the library of the unity IETU/UNIFESSPA-PA had on the reading formation of the group and in the effectiveness of the librarian as a reading interventionist. The results also show the importance of activities of readers' formation, as well as the contribution of the library in taking these activities to the academic community and the community in general, which, consequently, evince literature as fundamental in the life of students.

Keywords: Library of the Federal Institute for the Studies of the Humid Tropics - IETU UNIFESSPA-PA; Literary Readers formation; Reading intervention; Literary Reading; Readers circle.

LISTA DE FIGURAS

Figura 1 - Câmpus Universitários da UNIFESSPA-PA no Sul e Sudeste do Pará	57
Figura 2 – Imagem do Organograma Atual.....	61
Figura 3 – Câmpus do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU/Xinguara.....	69
Figura 4 - Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU/UNIFESSPA-PA ...	71
Figura 5 - Acervo da Biblioteca do IETU/Câmpus Xinguara	72
Figura 6 - Imagens da organização da biblioteca para o Projeto “Adote uma biblioteca escolar”	80
Figura 7 - Evento Troca-Troca de Livros	81
Figura 8 – Capa do livro <i>Contos indígenas brasileiros</i>	98
Figura 9 – Participante/leitor no primeiro encontro do “Círculo de leitores”	100
Figura 10 - Participante/leitor no primeiro encontro do “Círculo de leitores”	100
Figura 11 – Capa do livro <i>Ay kakyri Tama</i>	102
Figura 12 - Graduandos do IETU	103
Figura 13 - Maria José - Bibliotecária	103
Figura 14 - Professora Soraima Moreira	105
Figura 15 - Professor André Furtado	108
Figura 16 – Capa de <i>O avesso da pele</i>	109
Figura 17 - Bibliotecária e participantes.....	112
Figura 18 - Discentes do IETU – UNIFESSPA-PA	114
Figura 19 - Docentes e discentes do IETU – UNIFESSPA-PA	115

LISTA DE GRÁFICOS

Gráfico 1 – Faixa Etária.....	84
Gráfico 2 – Interesse pela Leitura.....	84
Gráfico 3 – Tipo de Leitura realizada com mais frequência	85
Gráfico 4 – Quantidade de Livros Literários lidos por ano	86
Gráfico 5 – Contato dos alunos com biblioteca antes de entrar na universidade	86
Gráfico 6 – Frequência dos alunos na biblioteca.....	87
Gráfico 7 - Utilização da biblioteca.....	88
Gráfico 8 – Biblioteca como bom lugar para leitura	89

LISTA DE QUADROS

Quadro 1 - Espaço físico, área para estudos e equipamentos, por biblioteca.....	62
Quadro 2 - Recursos humanos.....	63
Quadro 3 - Horário de funcionamento das bibliotecas do CBIU/UNIFESSPA-PA.....	65
Quadro 4 - Acervo, impresso e em multimídia, por área de conhecimento do CNPq: janeiro de 2020	66
Quadro 5 - Livros por Área de Conhecimento da Biblioteca do IETU Câmpus de Xinguara .	75
Quadro 6 - Livros literários mais emprestados nos anos de 2018 a 2021	77
Quadro 7 - Alunos participantes da pesquisa por curso	83

LISTA DE SIGLAS E ABREVIATURAS

IETU - Instituto de Estudos do Trópico Úmido

MEC - Ministério da Educação e Cultura

PNBE - Programa Nacional Biblioteca na Escola

PNLE - Política Nacional de Leitura e Escrita

PNLL - Plano Nacional do Livro e da Leitura

PROLER - Programa Nacional de Incentivo à Leitura

UNIFESSPA-PA - Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará

SUMÁRIO

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS	16
2 A LEITURA LITERÁRIA E AS BIBLIOTECAS de ensino superior.....	27
2.1 Leitura Literária: Perspectivas e Abordagens.....	30
2.2 A presença das bibliotecas nas políticas públicas de incentivo à leitura literária	35
2.2.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)	39
2.2.2 Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)	41
2.2.3 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)	42
2.2.4 Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE).....	44
2.3 A biblioteca como espaço de formação de leitores literários	46
2.4 O bibliotecário como mediador da leitura literária	51
3 A BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEDERAL DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO – UNIFESSPA/CÂMPUS DE XINGUARA-PA.....	55
3.1 Centro de Bibliotecas Universitárias – CBIU	59
3.2 Serviços e produtos das bibliotecas integrantes do CBIU/UNIFESSPA-PA.....	66
3.3 O Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU - Câmpus de Xinguara.....	68
3.4 A biblioteca do Câmpus de Xinguara e o leitor literário: relações de interação	69
3.4.1 Acervo e serviços.....	71
3.4.2 Empréstimos de livros literários	76
3.4.3 As ações de incentivo à leitura na biblioteca do Instituto Federal de Estudos do Trópico Úmido – UNIFESSPA- PA - Câmpus de Xinguara	79
3.4.4 Dificuldades encontradas e a adesão ao modelo de atividades remotas.....	82
3.4.5 Análise dos dados gerados.....	83
3.4.6 Relação aluno e leitura	84
3.4.7 Relação aluno e biblioteca.....	86
3.4.8 Perfil do(a) leitor(a).....	89
4 ANÁLISE DO PROJETO “CÍRCULO DE LEITORES”: AS CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA	91
5 CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	117
REFERÊNCIAS	121
ANEXO A – CONTO “A ORIGEM DO FUMO”	129

APÊNDICE A – PESQUISA QUANTITATIVA – TÓPICOS GERAIS	132
APÊNDICE B – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA INDÍGENA	133
APÊNDICE C – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA INDÍGENA.....	134
APÊNDICE D – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA FICÇÃO URBANA	135
APÊNDICE E – CARTA-CONVITE	137
ANEXO B – PROJETO INTERNO DA UNIVERSIDADE.....	138
ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP	151

1 CONSIDERAÇÕES INICIAIS

Quando se pensa em leitura e universidade, é intuitivo definir que alguns estudantes universitários são leitores assíduos e sem dificuldades interpretativas. O que antes era uma preocupação apenas do ensino fundamental e médio, a baixa capacidade para ler, interpretar ou analisar textos, sobremaneira os literários, passou a fazer parte do ensino superior. Ao chegar à universidade, o aluno deveria possuir um bom desempenho na leitura e, mediante isso, ser apto a compreender conteúdos diversos e ser capaz de analisar diferentes tipos de textos. No entanto, o inverso acontece, e a imaturidade evidenciada pela incapacidade leitora dos estudantes oriundos da educação básica não é somente uma questão de responsabilidade da escola, mas também de seu contexto social e familiar.

Segundo a Agência Brasil (2020), nosso país perdeu, nos últimos quatro anos, mais de 4,6 milhões de leitores, de acordo com os dados da pesquisa “Retratos da Leitura no Brasil”. As maiores quedas no percentual de leitores foram observadas entre as pessoas com ensino superior - passando de 82% em 2015 para 68% em 2019 -, e entre os mais ricos. Na classe A, o percentual de leitores desceu de 76% para 67%. Essa dificuldade no contexto universitário é compreensível, pois o reflexo dessa realidade na educação pode vir desde a estrutura familiar, passando pelo ensino fundamental, médio e estendendo-se até o ensino superior. Conforme Geraldina Porto Witter (1997, p.11), “certamente as contingências da vida anterior ao ingresso na universidade, o nível de desempenho em leitura com que nela ingressa e as condições atuais de vida do estudante são variáveis que influenciam na leitura do universitário”.

A vista disso, é necessário oferecer condições nas universidades para que os estudantes tenham a oportunidade de avanços em relação à leitura. A biblioteca universitária, neste sentido, pode contribuir e apoiar ações de incentivo ao ensino, à pesquisa e extensão e à leitura literária, tipo de leitura foco deste estudo. Os recursos de uma biblioteca universitária nem sempre são de conhecimento de todos os estudantes, pois, normalmente, os setores da biblioteca mais buscados pelos alunos são os de pesquisa acadêmica e os espaços destinados a estudos. Observa-se que ainda é tímida a atuação das bibliotecas universitárias na formação de leitores literários, bem como a participação do(as) bibliotecário(as) na implementação de projetos de desenvolvimento e incentivo à leitura literária. Assim, pensar a biblioteca como uma fonte de conhecimento imprescindível, capaz de alavancar o processo educacional atrelado ao pedagógico, atendendo às demandas do educando e, também, dos educadores, é de suma importância.

Desse modo, a função da biblioteca universitária é habituar os alunos a utilizarem livros e desenvolverem a capacidade de pesquisa, enriquecendo sua experiência pessoal, seu senso crítico e tornando-os mais aptos a progredir nas profissões para as quais estão sendo preparados, mas é também estar envolvida em estimular o hábito de leitura dos estudantes. Para Cláudio Marcondes de Castro Filho:

A biblioteca deve ser participativa com os seus leitores, uma vez que ela seleciona o acervo e adquire obras levando em conta o perfil dos seus leitores e o público que irá saborear as palavras. Daí o seu papel de uma espécie de aconselhamento que consiste na indicação de obras para o leitor (CASTRO FILHO, 2012, p. 33).

Dessa maneira, à noção do(a) bibliotecário(a) responsável como gestor da biblioteca em várias perspectivas burocráticas e instrumentais, pode juntar-se a de criar ações de incentivo e de mediação da leitura literária no espaço universitário, tornando-o um articulador de atividades ligadas à literatura e sua função cultural. Como afirmam Alessandro Rastelli e Lídia Cavalcante (2014, p. 48), “conjectura-se que a mediação cultural comporta elementos como produção e recepção de bens simbólicos (as diversas atividades culturais) e os dispositivos culturais (bibliotecas) como espaços de apropriação”. Nesse lugar de protagonismo cultural, portanto, o(as) mediadore(as) bibliotecário(as) são peças essenciais para que a prática leitora realmente se efetive.

Os mediadores de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem. O conceito de mediação articula-se ao de protagonismo cultural, o qual é definido por Edmir Perrotti e Ivete Pieruccini (2007, p. 56) como um “fenômeno de participação ativa e afirmativa na vida cultural, na condição de produtor e criador de significados e sentidos, seja individualmente ou enquanto membro de um grupo ou uma coletividade”. Assim, interações mediadas pelo(a) bibliotecário(a) podem contribuir para que o leitor se aproprie de significados em seu contato com o texto. Essas interações propiciam experiências de aprendizagens que potencializam as capacidades dos sujeitos sociais e despertam suas habilidades e competências.

É essa apropriação de significados junto com a interpretação e a decodificação de signos linguístico que justifica o letramento literário, segundo Rildo Cosson (2006, p. 17), como “o processo de apropriação da literatura enquanto construção literária de sentidos”. A literatura ocupa um lugar único em relação à linguagem, pois cabe a ela “tornar o mundo compreensível, transformando a sua materialidade em palavras de cores, odores, sabores e formas intensamente

humanas” (COSSON, 2006, p. 17). As palavras de Cosson vão ao encontro das de Candido quando ele disse que:

A literatura corresponde a uma necessidade universal que deve ser satisfeita sob pena de mutilar a personalidade, porque pelo fato de dar forma aos sentimentos e à visão do mundo ela nos organiza, nos liberta do caos e, portanto, nos humaniza. Negar a fruição da literatura é mutilar a nossa humanidade (CANDIDO, 2004, p. 112)

Assim, o letramento literário faz o leitor ir em busca de leituras que desafiem seu conhecimento, ele parte de textos mais simples e cresce sistematicamente a medida em que é instigado por leituras mais complexas. As palavras de Cosson em relação ao papel do professor podem ser direcionadas para o papel do(a) mediador(a) de leitura:

Crescemos como leitores quando somos desafiados por leituras progressivamente mais complexas. Portanto, é papel do professor partir daquilo que o aluno já conhece para aquilo que ele desconhece, a fim de se proporcionar o crescimento do leitor por meio da ampliação de seus horizontes de leitura (COSSON, 2018, p. 35).

Desenvolver a competência da leitura literária implica permear todo o ensino, e não apenas as aulas dos professores, pois, conforme Perini (1999), essa responsabilidade é da universidade como um todo e não apenas de um docente ou uma disciplina (no caso, da língua materna). Nenhum professor, qualquer que seja sua área de atuação, deveria restringir essa obrigação coletiva ao professor de Língua Portuguesa, pois todos são responsáveis por colaborar no processo de ensino e de aprendizagem de estudantes. Isso reforça a concepção de que a leitura literária tem um caráter interdisciplinar, quer dizer, o ato de ler se constrói nas diversas relações que autor e leitor/ouvinte estabelecem no universo da linguagem, no processo de interação social.

A leitura literária pode propiciar ao sujeito uma maior habilidade argumentativa, ou seja, não precisa depender da fala de outrem. De acordo com Eliana Yunes e Glória Pondé, ela é:

Instrumento para a sensibilização da consciência, para a expansão da capacidade e interesse de analisar o mundo, lidar com a ciência, a cultura e o processo de trabalho, uma vez que trata de um discurso que fala da vida, encarando-a sempre de modo global e complexo em sua ambiguidade e pluralidade de faces (YUNES, PONDÉ, 1988, p. 10)

O leitor é o agente da própria leitura, sendo responsável por sua história, manifestando sua posição de sujeito-leitor. Nesse sentido, o hábito de leitura perpassa por um ideário não apenas sociopolítico, mas também cultural. Segundo Cosson (2014, p. 30), a leitura literária

“[...] nos fornece, como nenhum outro tipo de leitura faz, os instrumentos necessários para conhecer e articular com proficiência o mundo feito linguagem”. Assim, é fundamental para a construção de cidadãos críticos, que sejam capazes de tornar a leitura uma constante, não apenas no nível acadêmico, mas também como objeto de fruição, de prazer, de informação e de conhecimento, permitindo a eles a reflexão e a modificação da realidade à sua volta.

Nesse sentido, para Vicent Jouve (2002, p. 17), “a leitura, é uma atividade complexa, plural, que se desenvolve em várias direções”. A leitura se concretiza na interação entre o texto e o leitor. Essa interação ocorre no processo de diálogo entre os conhecimentos que o leitor detém com o horizonte inscrito no texto. Jouve conclui que:

A leitura de um texto, o modo pelo qual o sentido está constituído, é o mesmo para todos os leitores; é a relação com o sentido que, num segundo momento, explica a parte subjetiva da recepção. Em outros termos, cada leitor reage pessoalmente a percursos de leitura que, sendo impostos pelo texto, são os mesmos para todos (JOUVE, 2002, p. 44).

Existe no percurso da leitura a participação do emissor – autor, e do receptor – o leitor, cuja distância entre ambos faz com que o leitor receba cada texto de forma diferente, pois ao texto ele junta suas experiências e conhecimentos pré-adquiridos. Jouve (2013, p. 58) destaca que “o que retemos de texto depende prioritariamente de nossos centros de interesse”. Por meio da leitura, o leitor cria, critica, absorve informações distintas sobre coisas diferentes de seu horizonte de expectativas em relação ao que está lendo, enfim, a leitura transforma. Para Roland Barthes:

Essa imaginação de um leitor total – quer dizer, totalmente múltiplo, paradigmático – tem talvez uma coisa de útil: permite entrever o que se poderia chamar de Paradoxo do leitor; admite-se comumente que ler é decodificar: letras palavras, sentidos, estruturas, e isso é incontestável; mas acumulando as decodificações, já que a leitura é, de direito, infinita, tirando as travas do sentido, pondo a leitura em roda viva (o que é a sua vocação estrutural), o leitor é tomado por uma inversão dialética: finalmente, ele não decodifica, ele *sobrecodifica*; não decifra, produz, amontoa linguagens, deixa-se infinita e incansavelmente atravessar por elas: ele é essa travessia (BARTHES, 2012, p. 41).

Enquanto o autor é um sujeito real, o narrador de um texto é uma criação do autor, já o receptor do texto é um leitor real, com suas inúmeras características e bagagem existencial, e ao mesmo tempo, uma figura presumida pelo narrador para quem o texto se dirige. Assim, para Jouve:

O receptor é ao mesmo tempo o leitor real, cujos traços psicológicos, sociológicos e culturais podem variar infinitamente, e uma figura abstrata postulada pelo narrador

pelo simples fato de que todo texto dirige-se necessariamente a alguém. Mediante o que diz e do modo como diz, um texto supõe sempre um tipo de leitor – um “narratário” – relativamente definido (JOUVE, 2002, p. 36).

Resumindo, todo texto implica a existência de um narratário real e disposto a experimentar. Esse conceito de leitor estabelecido por Jouve se adequa ao tipo de estudo aqui proposto, por priorizar a subjetividade de cada leitor.

O desejo de pesquisar sobre os temas destacados neste estudo teve início durante o curso de graduação desta pesquisadora e enquanto era bolsista e estagiária da Biblioteca Central da Universidade Estadual do Piauí (UESPI), quando constatou-se que muitos alunos do Ensino Fundamental e Médio procuravam para realizarem pesquisas e leituras literárias, quando na verdade essas pesquisas ou essas buscas por informação e leituras deveriam ser feitas nas bibliotecas de suas respectivas escolas. Assim, partiu dessa observação o Trabalho de Conclusão de Curso (TCC) que teve como título *O ensino e a aprendizagem por meio da biblioteca escolar*, quando se realizou uma discussão acerca da função educacional da biblioteca escolar e sua importância como instrumento de apoio pedagógico e promotor da formação leitora e da melhoria do processo de ensino e aprendizagem na escola. Este estudo partiu da mesma percepção, mas em relação à biblioteca universitária como base para criação de núcleos de leitura literária.

O presente trabalho tem como objetivo, portanto, analisar o projeto “Círculo de Leitores” (2021/2022) como formador de leitores literários no Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU da UNIFESSPA, Câmpus de Xinguara-PA, além de promover a leitura literária entre seus participantes. O projeto foi organizado pela pesquisadora desta dissertação, com o apoio do departamento de coordenação pedagógica da universidade. Busca responder à pergunta-norteadora: Como o projeto de leitura da biblioteca universitária do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA-PA pode atuar na formação de leitores literários e contribuir para acrescentar experiências leitoras a fim de transformar suas visões de mundo?

Esse questionamento sugere que uma biblioteca universitária pode atuar na implementação de projetos de fomento à leitura literária, atuando em parceria com os professores e coordenadores dos cursos da instituição para viabilizar suas concretizações, de modo que sejam inseridos de forma permanente na programação das ações de intervenção da biblioteca universitária. Para que isso ocorra, é necessário o apoio de todos os atores pedagógicos, de modo que seja possível seu desenvolvimento e implementação.

Acredita-se que projetos como o proposto tornem o acervo literário da biblioteca universitária do instituto conhecido entre os universitários e possam incentivar e tornar a leitura de livros de literatura uma prática constante em suas vidas, uma vez que muitos estudantes universitários têm interesse pela leitura de livros técnicos da sua área de atuação profissional, mas pouco procuram por leituras literárias. A formação do indivíduo, como se sabe, não se restringe ao universo profissional, também é necessário ter uma formação ampla que depende do contato com outros tipos de leitura, sobretudo a literária, que proporciona a criatividade, o desenvolvimento da cognição, da imaginação, da oralidade, da escrita, entre outros elementos imprescindíveis para o crescimento do indivíduo em sua plenitude e totalidade.

Como fundamentação teórica adotou-se o seguinte autor quanto à metodologia da pesquisa: Thiollent (1985), entre outros. Em relação à teoria literária abordando temas como a leitura, o leitor, a leitura literária e a formação do leitor: Lajolo (2002); Paulino (2005); Yunes (1995, 2003 e 2012); Jouve (2002, 2013); Cosson (2006, 2019); Compagnon (2003); Petit (2008, 2009, 2013); Candido (2004) e Azevedo, (2004), os quais destacam como se dá a formação leitora/literária e a interação que o texto sugere ao leitor, quando este completa as lacunas textuais com sua interpretação e vivência anterior. Para discutir questões de bibliotecas universitárias e círculos de leitores, utilizou-se Soares (2009), Silva (1987, 1997); Roca (2012); Pereira Júnior (2019); Bortolin (2006); Bortolin e Almeida Jr. (2011); Bortolin e Santos (2014); Silva *et al* (2015); Silva (1987, 1997), Cosson (2014); Fontes (2012); Almeida Jr (1997) e Milanese (2008), dentre outros, que descrevem a função da biblioteca como formadora de leitores literários por meio de projetos de fomento à leitura. Os autores discorrem também sobre as políticas públicas para bibliotecas universitárias e sobre o papel do bibliotecário em relação aos programas de formação leitora.

Metodologicamente, é uma pesquisa qualitativa e quantitativa, de caráter bibliográfico e documental. Também é uma pesquisa-ação, conforme destaca Michel Thiollent:

Uma pesquisa concebida e realizada em estreita associação com uma ação ou com a resolução de um problema coletivo e no qual os pesquisadores e participantes representativos da situação ou do problema estão envolvidos de modo cooperativo ou participativo (THIOLLENT, 1985, p. 55).

A pesquisa-ação, de fato, contribui e resgata a ideia de trabalho em conjunto, no qual o pesquisador e os participantes da pesquisa interagem cooperativamente e fim de que o processo resulte democrático e seja contemplado por todos.

Como bibliotecária e pesquisadora, este estudo é singularmente importante pra mim, tendo em vista que sou graduada em Biblioteconomia pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2008); Especialista em Gestão Estratégica de Pessoas pela Universidade Estadual do Piauí - UESPI (2010) e em Arquivologia pela Faculdade Dom Alberto - FDA (2021). Minha trajetória profissional iniciou em 2009 em Teresina – PI em instituições privadas de Ensino Fundamental e Médio como Bibliotecária escolar e Bibliotecária universitária no Ensino Superior. Em 2017 ingressei como Bibliotecária-Documentalista na Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA. Ainda, possuo experiência na área de Ciência da Informação, com ênfase em Biblioteconomia, atuando principalmente nos seguintes temas: políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca, produção, circulação e mediação da informação. Sou membro do Grupo de Estudos e Pesquisa Leituras e leitores: construção histórica e ideológica no cenário amazônico (GEPLL), do Instituto de Estudos do Trópico Úmido (IETU) da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA. Meu trabalho como bibliotecária está, desse modo, intimamente ligado à formação de leitores e à necessidade de constituir a biblioteca como elo entre possíveis leitores e livros literários.

Deste modo, a pesquisa elaborada para o intitulado projeto “Círculo de leitores” (2021 - 2022) contempla três livros de gêneros distintos – conto, poesia e romance, a fim de que os participantes observem diferentes modalidades textuais, que contemplam conteúdos diferentes, e que toquem em questões de pautas mais atuais na literatura contemporânea, como é o caso da literatura indígena, da literatura negro brasileira (ou afrodescendente ou afro-brasileira) a partir viés antirracista. Por isso, os selecionados para o desenvolvimento do projeto “Círculo de leitores” (2021 - 2022), foram os seguintes:

1. *Contos indígenas brasileiros* (2005), de Daniel Munduruku;
2. *Ay kakyri Tama: eu moro na cidade* (2013), de Márcia Wayna Kambeba;
3. *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório.

A escolha dessas obras se justifica pela sua temática atual, relevante e necessária. Durante o curso de mestrado do Programa de Pós-graduação em Linguística e Literatura da Universidade Federal do Norte do Tocantins, na disciplina de Seminários em Literatura de Língua Portuguesa e Ensino, ofertada no segundo semestre de 2020 pela Prof^{ra}. Dr^a. Eliane Cristina Testa, o estudo da literatura indígena foi destaque sob diferentes perspectivas. O contato com essa literatura despertou em mim interesse e motivação para continuar a estudá-la e buscar dialogar com as obras dos escritores Daniel Munduruku e mais especificamente com Márcia Kambeba, cuja entrevista realizada com a autora foi publicada na *Revista Letras Raras*,

da Universidade Federal de Campina Grande¹. Essa disciplina permitiu-me também refletir a respeito de que a literatura indígena ainda está muito distante não só das salas de aulas no Brasil, mas também, conforme observado em minha prática profissional, dos estudantes do Ensino Superior, como na universidade federal da cidade de Xinguara-PA. Conhecer Jeferson Tenório, ao ter contato com sua biografia e posteriormente com a temática da sua obra, também me foi bastante marcante, porque me fez lembrar, infelizmente, que já presenciei algumas vezes, quando adolescente, meus pais sendo tratados de maneira racistas unicamente por serem negros e pobres, fatos do cotidiano evidenciado em seus livros.

Assim, os dois primeiros autores são de origem indígena e buscam em sua literatura evitar o esquecimento das tradições de seus ancestrais por meio da formação da consciência nas crianças sobre a diversidade indígena, pensando nisso como uma forma de preservação da população indígena como um povo único e autêntico. Segundo a ONU:

As comunidades, os povos e as nações indígenas são aqueles que, contando com uma continuidade histórica das sociedades anteriores à invasão e à colonização que foi desenvolvida em seus territórios, consideram a si mesmos distintos de outros setores da sociedade, e estão decididos a conservar, a desenvolver e a transmitir às gerações futuras seus territórios ancestrais e sua identidade étnica, como base de sua existência continuada como povos, em conformidade com seus próprios padrões culturais, as instituições sociais e os sistemas jurídicos (ONU, 1986).

Quanto aos autores, Daniel Munduruku nasceu em Belém-PA, filho do povo indígena Munduruku. Formado em Filosofia, com licenciatura em História e Psicologia, integrou o programa de Pós-graduação em Antropologia Social na USP. Lecionou durante dez anos e atuou como educador social de rua pela Pastoral do Menor de São Paulo. Para o autor, é preciso alterar a visão estereotipada que foi criada sobre o índio no Brasil:

Esse índio, que foi sendo tramado dentro da nossa formação, não existe. E aí entra a minha afirmação: eu não sou e não existo. Porque esse índio é um ser que foi sendo plantado na nossa história, e nós fomos sendo obrigados a tratá-lo como ser folclórico. Não olhamos para o indígena como um ser humano. Olhamos a partir desse olhar romantizado ou – e essa é a segunda postura – olhamos pelos olhos da ideologia que mora dentro da gente, quer queiramos ou não (MUNDURUKU, 2016).

Nesse sentido, a literatura tem um papel importante nessa alteração, pois pode, de diversas formas contribuir para mostrar a realidade do povo indígena no Brasil, além de ser democrática e inclusiva.

¹ Disponível em: <http://revistas.ufcg.edu.br/ch/index.php/RLR/article/view/2412>. Acesso em: 15 ago. 2022.

Marcia Kambeba é poeta e geógrafa brasileira. De etnia Omágua/Kambeba, nasceu numa aldeia ticuna, onde viveu até os oito anos de idade, quando se mudou com a família para São Paulo de Olivença, no Amazonas. Graduiu-se em Geografia pela Universidade do Estado do Amazonas (UEA). Fez o mestrado na Universidade Federal do Amazonas e pesquisa o território e identidade da sua etnia. Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade. Seu primeiro livro é *Ay kakyri Tama - Eu moro na cidade* (2013).

Marcia buscou na política uma forma de resistência à imposição do homem branco, mas encontrou na literatura uma arma para essa luta:

Assim como de outras nações originárias, o paradigma “do Kambeba” é a resistência, o exemplo de sua luta permanente para não sucumbir, o combate incisivo contra o genocídio perpetrado pelos colonizadores, pelo Estado e pelos neocolonizadores. Resiste-se para não ser aniquilado, para não deixar “a etnia se extinguir”. Se aos povos originários não é permitido decidir exclusivamente por si a viabilização do que desejam para si, e nem mesmo a preservação de suas existências, é preciso que descubram modos de intervenção a buscar eficácias nas ações políticas para suas autodeterminações (PUCHEU, 2020, n. p.).

Como método de intervenção, a autora entende que se enfrenta melhor o homem branco com as palavras, com a educação, com a poesia, com o canto, com a arte, com a cultura, com a tradição, com a política e com a intervenção legislativa do que com os artefatos bélicos. Daí a importância de sua literatura como resistência e forma de diálogo com e perpetuação de sua luta.

Jeferson Tenório nasceu no Rio de Janeiro, em 1977. Radicado em Porto Alegre, é doutorando em teoria literária pela PUCRS. Estreou na literatura com o romance *O beijo na parede* (2013), eleito o livro do ano pela Associação Gaúcha de Escritores. Tem textos adaptados para o teatro e contos traduzidos para o inglês e o espanhol. É autor também de *Estela sem Deus* (2018). O romance *O avesso da pele* (2020) é sua estreia na Companhia das Letras.

Diferente dos dois primeiros autores, Jeferson Tenório tem como foco dar voz à negritude, em seus diversos contextos. São marcantes na sociedade atual todos os acontecimentos cruéis envolvendo negros no Brasil, Estados Unidos e outros lugares do mundo. Para que isso não seja esquecido e mudanças ocorram, autores como Tenório compreendem que a literatura também é uma forma de ação por meio das palavras contra qualquer forma de opressão. Além disso, é urgente que se desfça alguns enganos em relação ao conceito de negritude, conforme D’Adesky (2001):

A negritude vai além da simples identificação racial. Ela não somente é uma busca de identidade enquanto forma positiva de afirmação da personalidade, mas também um argumento político diante de uma relação de dominação. Ela serve aos militantes como vetor entre as identidades pessoais e coletivas (D'ADESKY, 2001, p.140)

Assim, os três autores elencados para a realização do projeto trabalham com temas ligados à questão de identidade e às literaturas de resistência, que faz seu leitor refletir e promover, junto com os demais autores, a troca de paradigmas acerca de temas tão pertinentes e necessários, como os destacados em seus livros. Alfredo Bosi destaca que:

Resistência é um conceito originariamente ético, e não estético. O seu sentido mais profundo apela para a força da vontade que resiste a outra força, exterior ao sujeito. Resistir é opor a força própria à força alheia. O cognato próximo é in/sistir; o antônimo familiar é de/sistir (BOSI, 1996, p. 11).

A arte de resistir à opressão e à falta de espaço também dentro da literatura faz com que esses escritores tragam à tona a resistência como tema e força motivadora da escrita, cujo caminho reforça a necessidade de persistir. Bosi conclui que:

Arriscando um caminho exploratório, eu diria que a idéia de resistência, quando conjugada à de narrativa, tem sido realizada de duas maneiras que não se excluem necessariamente: a resistência se dá como tema; a resistência se dá como processo inerente à escrita (BOSI, 1996, p. 12 grafia original).

Para o projeto de leitura “Círculo de leitores” (2021 - 2022), foram convidados quarenta (40) alunos de cursos de graduação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA-PA), sendo dez (10) graduandos de cada curso (História, Geografia, Zootecnia, Medicina veterinária). Destes, quinze (15) participaram efetivamente, realizaram a leitura dos três livros destacados e 7 responderam a um questionário semiestruturado previamente encaminhado para orientar suas leituras e estabelecer o foco principal a ser retomado nos encontros, configurando o projeto como instrumento eficaz na formação leitora.

Para cada livro estipulado, foi organizado, como já mencionado, um questionário contendo dez (10) perguntas, perfazendo o total de sessenta (60) respostas por livro para análise qualitativa e cotejo entre as observações dos leitores. As leituras ocorreram entre os meses de setembro e novembro de 2021, com o prazo de trinta (30) dias para a leitura de cada livro.

Segundo Cosson (2018, p.157), “um círculo de leitura é basicamente um grupo de pessoas que se reúnem para discutir a leitura de uma obra”, no entanto, devido ao momento de pandemia do Covid-19, os encontros presenciais não puderam ocorrer, por isso foi adotado o questionário para as pesquisas quantitativa (Apêndice A) e qualitativa (Apêndices B, C, D). É importante

salientar que as análises acerca da leitura dos livros contemplaram a real interpretação dos leitores, e o cotejo das respostas dos participantes pôde substituir a impossível discussão presencial. Quanto ao planejamento inicial da pesquisa, as etapas foram divididas em três, a primeira refere-se à divulgação e convite aos acadêmicos para a participação no projeto; a segunda está ligada à divulgação das leituras selecionadas ao grupo pesquisado. A terceira etapa é a realização dos encontros para debate e discussão sobre os livros elencados para o projeto “Círculo de leitores” (2021/2022).

O fato de a literatura ser uma ferramenta para ampliar a visão de mundo e estabelecer novos referenciais para a vida em sociedade pode ser evidenciado pela prática de leitura vinculada a discussões sociais. O estabelecimento de metas para a aquisição do conhecimento literário também pode vincular leituras esporádicas iniciais ao desenvolvimento da prática de leitura, tornando o indivíduo um leitor sagaz e crítico, o que fortalece e mantém sua disposição de continuar buscando na literatura o conhecimento de temas nunca pretendidos como foco de estudo. Assim, a pesquisa acerca da formação do leitor contribui também para mostrar que a literatura está ao alcance de todos.

Este estudo apresenta cinco capítulos, com as considerações iniciais apresentadas no capítulo 1. O capítulo 2 apresenta o aporte teórico acerca da leitura literária, do letramento literário e das bibliotecas universitárias como espaço de formação de leitores literários, destaca as principais políticas públicas de incentivo à leitura, seus conceitos e aspectos históricos, e o(a) bibliotecário(a) como mediador da leitura literária. Já o capítulo 3 concentra-se na Biblioteca do IETU-UNIFESSPA, Câmpus Xinguara-PA, resgatando historicamente sua história, observando a articulação dessa biblioteca com o leitor literário e as ações de incentivo à leitura. Ainda, e principalmente, o capítulo mostra a descrição e implementação do projeto “Círculo de Leitores” (2021/2022) com todos os resultados obtidos. As possíveis contribuições para o público da instituição em questão e para a literatura são destacadas no capítulo 4 deste estudo. As considerações finais, capítulo 5, e as referências bibliográficas completam o trabalho.

2 A LEITURA LITERÁRIA E AS BIBLIOTECAS DE ENSINO SUPERIOR

Historicamente, a leitura é um dos meios mais eficazes de obter conhecimento, seja porque se pode, com ela, interpretar um texto, um romance, uma poesia, ou garantir a aprendizagem no processo escolar, o que possibilita ao indivíduo condições para ter um futuro promissor. É a leitura que capacita, desafia, encanta e enriquece o leitor. Com ela, ele pode enxergar o mundo à sua volta, desenvolver pensamento crítico diante desse mundo e se conectar a novos saberes. A palavra leitura vem do verbo latino *legere*, e é a ação de compreender um texto escrito ou o ato de falar um texto em voz alta. Marisa Lajolo destaca que:

Ninguém nasce sabendo ler, aprende-se à medida que se vive. Portanto, partindo dessa ideia, a leitura proporciona a todo e qualquer indivíduo uma ação libertadora, uma das atividades mais importantes que projetam o exercício de viver do pensamento que é inerente ao ato de viver, capacitando-o a mudar sua própria realidade (LAJOLO, 2002, p. 20).

Mais especificamente, o ato de ler se constitui um instrumento de luta contra a dominação. Sabemos que o acesso à escrita em nossa sociedade aparece como um privilégio de classe, comprovado historicamente. Essa dominação decorre de uma real contradição, ao tempo em que se prega o valor do livro e da leitura, tenta-se esconder o fato de que as contradições de produção da leitura não são tão concretas assim.

Se considerar a leitura como um contato imediato com o mundo, essa precede à compreensão do mundo que é acima de tudo a expressão desse contato imediato. Para Yunes:

Ler significa descortinar, mudar de horizontes, interagir com o real, interpretá-lo, compreendê-lo e decidir sobre ele. Desde o início a leitura deve contar com o leitor, sua contribuição ao texto, sua observação ao contexto, sua percepção do entorno. O prazer de ler é também uma descoberta (YUNES, 1995, p. 186).

Essas ideias remetem ao conceito de leitor estabelecido por Wolfgang Iser (1996, p. 106), no qual o texto, enquanto sistema, deixa um espaço para a participação do leitor, pois, “à medida que os vazios indicam uma relação potencial, liberam o espaço das posições denotadas pelo texto para os atos de projeção do leitor. Assim, quando tal relação se realiza, os vazios desaparecem” Segundo Terry Eagleton (1990, p. 82), o leitor “estabelece conexões implícitas, preenche lacunas, faz deduções e comprova suposições”, tudo isso a partir do texto e das ideias contidas nele, o que remete ao leitor-modelo definido por Eco, ou seja, o leitor ideal, aquele que traz suas experiências para o texto e o faz seu. Umberto Eco (1994, p. 7) defende que “numa

história sempre há um leitor, e esse leitor é um ingrediente fundamental não só no processo de contar uma história, como também da própria história”.

É necessário, desta forma, aprender a discutir e participar interativamente do mundo por meio da sua compreensão, ou seja, de sua leitura, seja de forma oral ou escrita. É somente desse modo, com a leitura e a interação crítica do mundo que o indivíduo pode se libertar da alienação e da ignorância impostas pela ideologia da sociedade privilegiada.

Essa questão é bem mais profunda, é preciso discutir para ler e para continuar discutindo. É a reciprocidade de atos. Para Maria Helena Martins (1994, p. 24), “esse jogo com o universo escondido num livro vai estimulando o indivíduo à descoberta, desenvolvendo sua capacidade de comunicação com o mundo”.

Por meio dos atos de decodificar e refletir (impostos na constatação e cotejo/ reflexão), novos horizontes abrem-se para o leitor, pois ele inevitavelmente experimenta outras alternativas de ser e existir em sociedade. Mas, o pleno desenvolvimento de novas alternativas somente pode ser conseguido, na transformação, isto é, na ação sobre o conteúdo do conhecimento, extraindo do material selecionado para ler. Para Jouve (2002, p. 19), “saber como se lê é determinar a parte respectiva do texto e do leitor na concretização do sentido. A leitura, de fato, longe de ser uma recepção passiva, apresenta-se como uma interação entre o texto e o leitor”.

Anteriormente, a leitura era considerada um meio simplesmente de receber uma mensagem. Hoje em dia, várias pesquisas nesse campo vão além e apontam para o valor da leitura para o desenvolvimento do intelecto. O processo de transformar símbolos gráficos em conceitos intelectuais exige grande atividade do cérebro. Durante o processo de armazenamento da leitura, coloca-se em funcionamento um número infinito de células cerebrais. A combinação de unidades de pensamentos em sentença e a estrutura mais ampla da linguagem constituem, ao mesmo tempo, um processo de linguagem. A contínua repetição desse processo resulta num treinamento cognitivo e metacognitivo de qualidade especial.

Esse treinamento cognitivo consiste em trazer à mente alguma coisa anteriormente percebida e antecipá-la à compreensão do texto procedente, repetindo e aumentando o esforço intelectual. Por todas essas razões, a leitura é uma confrontação crítica com o texto e as ideias do autor. Num nível mais elevado e com textos mais longos, tornam-se mais significativos à compreensão das relações da construção ou da estrutura e a interpretação do contexto. Quando se estabelece a relação entre o novo texto e as concepções já existentes, a leitura crítica tende a evoluir para a criativa, e a síntese conduzirá a resultados completamente novos.

Para Paulo Freire (1995, p. 11) “a leitura do mundo precede sempre a leitura da palavra e a leitura desta implica a continuidade daquela”. Yunes concorda com Freire ao falar sobre a experiência de leitura. Para a autora:

O ato de ler é um ato da sensibilidade e de inteligência, de compreensão e de comunhão com o mundo; lendo, expandimos o estar no mundo, alcançamos esferas do conhecimento antes não experimentadas e, no dizer de Aristóteles, nos comovemos catarticamente e ampliamos a condição humana. Esta sensação de plenitude, ainda que dolorosa e aguda, tem sido a constante que o discurso artístico proporciona. Diante de um quadro, de uma música, de um texto, o mundo inteiro, que não cabe no relance do olhar, se condensa e aprofunda em nós um sentimento que abarca a totalidade, como se, pela parte que tocamos, pudéssemos entrever o não-visto e adivinhar o que, de fato, não experimentamos (YUNES, 1995, p. 185).

Levando-se em consideração as contribuições presentes na sociedade brasileira, dir-se-ia que ler é numa primeira instância possuir elementos de combate à alienação e à ignorância. Para ser compreendida esta definição deve-se levar em conta a própria estrutura subjacente da sociedade brasileira, ou seja, a dicotomia das classes sociais, mantida pela ideologia (ou visão de mundo) da classe que está no poder.

Dessa maneira, dominar o caminho da leitura é perceber as estruturas hierárquicas, ditatoriais e discriminatórias da nossa sociedade e sermos capazes de detectar aqueles aspectos que, através das manobras ideológicas, servem para alienar, massificar e forçar o povo a permanecer na ignorância. A pessoa que sabe ler e executar essa prática social em diferentes momentos de sua vida tem a possibilidade de desmascarar os ocultamentos feitos e impostos pela classe dominante frente a eles e luta contra essa demanda.

A leitura, assim, é um dos meios mais eficazes de desenvolvimento sistemático da linguagem e da personalidade. Favorece a remoção das barreiras educacionais de que tanto se fala, concedendo oportunidade mais justa de educação, principalmente através da promoção do desenvolvimento da linguagem e do exercício intelectual, e aumenta a possibilidade de normalização da situação pessoal de um indivíduo.

Ler é, pois, interrogar as palavras, duvidar delas, ampliá-las. Deste contato, desta troca, nasce o prazer de conhecer, de imaginar, de inventar a vida. O mundo é representação de linguagem, hoje sabemos. Nada há que esteja fora das palavras, e o mundo real tem tantas formas quantos discursos há. Neste caleidoscópio de perspectivas, o horizonte se rasga, vivemos muitas vidas e conhecemos melhor a história cotidiana. Nasce do prazer de ouvir - as histórias da primeira infância nos povoam de densidades e mistérios para sempre – até que possamos nós mesmos brincar com as palavras, jogar seu jogo pesado, matar e fazer viver com elas (YUNES, 1995, p. 188).

Esse mundo criado pela linguagem escrita caracteriza-se pela descentralização do mundo das coisas e eventos que o leitor vê e experimenta no seu dia a dia. O indivíduo, no início, não consegue diferenciar esses dois mundos. Yunes destaca que:

A leitura é um ato que precede e não decorre da escrita; ao contrário do que se supõe, ela é antes uma antecipação da escrita, pois para escrever o mundo é necessário que ele tenha sido lido. A experiência efêmera de ler, às vezes, se deixa prender por uma “escrita” (YUNES, 2003, p. 41).

Se o leitor é capaz, por exemplo, de adivinhar o sentido de uma palavra através do uso de pistas contextuais mais distintas, podemos dizer que ele já é capaz de delimitar pelo menos uma das possibilidades abertas pelo contexto global, manifestando aí uma capacidade pragmática de uso da linguagem, isto é, uma capacidade de criar um mundo coerente a partir da linguagem.

Resgatar a capacidade leitora dos indivíduos significa restituir-lhes a capacidade de pensar e se expressar cada vez mais adequadamente em sua relação social, desobstruindo o processo de construção de sua cidadania que se dá pela constituição do sujeito, isto é, fortalecendo o espírito crítico (YUNES, 2012, p. 54).

Dessa forma, a leitura concorre para o desenvolvimento de cidadãos mais conscientes, pois apura a capacidade de reflexão sobre a realidade, daí a importância de incentivar a leitura como hábito, a fim de que o leitor possa encontrar na literatura respostas que o livre pensar lhe proporciona.

2.1 Leitura Literária: Perspectivas e Abordagens

Na universidade e no dia a dia, o contato com os mais variados tipos de textos, discursos e gêneros literários requer do leitor diversas estratégias de leitura. Na universidade, esse contato predomina, quando é ensinado e aprendido a leitura ligada a diversos discursos e gêneros. Assim, especificidades da leitura literária coabitam com os outros tipos de leitura, como a científica, a filosófica e a informativa.

A literatura oferta, por meio de seus romances e poesias, contos e lendas, a possibilidade de libertação do óbvio, habilita “[...] o direito de ler para poder se encontrar com o outro, com o mundo e consigo mesmo, o direito de ler para escrever, reinventar e transformar o mundo” (SANTOS; MARQUES NETO; RÖSING, 2009, p. 38). Por esse motivo, é importante que ela esteja ao alcance permanente das pessoas.

Segundo Graça Paulino (2005), a leitura se diz literária quando a ação do leitor constitui predominantemente uma prática cultural de natureza artística, estabelecendo com o texto lido uma interação prazerosa. No desenvolvimento desse tipo de leitura há um pacto entre o leitor e o texto em que se privilegia o aspecto imaginário, em que se destaca a linguagem como foco principal, pois, por meio dela, se criam outros mundos, onde surgem seres diversos, com suas ações, pensamentos, emoções e sentimentos.

É necessário se delinear a identidade da leitura literária por meio do emprego da língua numa arte específica, que se costuma denominar de literatura, a qual possibilita recriar, imitar ou representar a realidade mediante as palavras. A literatura traz uma linguagem que não pretende somente comunicar algo, mas se mostra como um objeto de admiração, um espaço de criatividade que busca construir um dizer que seja belo, tocante e envolvente, em um nível sensível e humanamente profundo. Nathaly Piegay-Gros, analisando a especificidade da leitura literária, salienta que:

Ler por ler, esta poderia ser a divisa da leitura literária. Mas o que significa esta expressão? Certamente, [...] uma experiência intensa, mais rica, no curso da qual o leitor ele mesmo se encontra modificado - e não só informado. Mas uma tal leitura não se decreta. Ela não é somente uma técnica, nem mesmo um dom. É de uma arte que se trata - uma arte de ler. Esta leitura não coincide totalmente nem com a leitura corrente nem com a leitura profissional (PIEGAY-GROS, 2002, p.14).

Essa reflexão mostra que a leitura literária é uma experiência intensa, já que o leitor está totalmente comprometido com a criação de sentido que é estabelecido no encontro com o livro. E este tipo de leitura se distingue de outras formas de leitura possíveis, por não ter a informação como fim e objetivo de sua experiência. O ponto mais importante na leitura de uma obra é a possibilidade de mudança do sujeito que lê, que só acontece se houver o acolhimento do objeto de leitura por parte do leitor. A leitura literária só se concretiza na qualidade da relação estabelecida entre o leitor e o escritor.

Vicent Jouve (2002, 18) afirma que a “leitura literária apresenta-se, pois, como uma atividade de antecipação, de estruturação e interpretação”, tendo em vista que o leitor apreende o texto em função de suas próprias referências, individuais ou sociais, históricas ou existenciais. Além disso, na leitura, a memória relativa às leituras passadas e aos dados culturais apreendidos no decorrer da vida são retomados, pois, de acordo com Cosson (2019, p. 60), é importante na leitura literária o reconhecimento de que “um texto é sempre resultado de um diálogo com outros textos”. Tudo isso faz parte do processo de entendimento do texto literário. Assim, as existências do texto e do leitor são mutuamente dependentes. Jouve explica essa dependência:

Com efeito, cada um projeta um pouco de si na sua leitura, por isso a relação com a obra não significa somente sair de si, mas também retornar a si. A leitura de um texto também é sempre leitura do sujeito por ele mesmo, constatação que, longe de problematizar o interesse do ensino literário, resulta-o (JOUVE, 2013, p. 53).

É importante dizer que a leitura literária requer liberdade, no sentido de que as preferências de cada leitor sejam respeitadas para que este tipo de leitura se efetive. Cada leitor se relaciona com a literatura de diferentes modos, pois ela não tem uma função absoluta e definitiva. Conforme Antoine Campagnon:

O texto literário é caracterizado por sua incompletude e a literatura se realiza na leitura. A literatura tem, pois, uma existência dupla e heterogênea. Ela existe independentemente da leitura, nos textos e nas bibliotecas, em potencial, por assim dizer, mas ela se concretiza somente pela leitura. O objeto literário autêntico é a própria interação do texto com o leitor (COMPAGNON, 2003, p. 149).

A literatura transcende os espaços escolares, mergulha no imaginário, na fabulação, na recriação, no sonho, na fantasia. A literatura está ligada ao eu e ao eu sonhado, já que, por meio das palavras, dos textos, é possível ressignificar o lar, a família, os amigos e o mundo em que vive. Esse aguçar de ideias é de essencial relevância para o leitor, permitindo seu gradual desenvolvimento e amadurecimento literário. Desse modo, “se a recepção do texto recorre às capacidades reflexivas do leitor, influi igualmente – talvez, sobretudo – sobre sua afetividade. As emoções estão de fato na base do princípio de identificação, motor essencial da leitura de ficção” (JOUVE, 2002, p. 19).

Ainda, a literatura age no grupo social de diversas formas, dando significado aos sujeitos que vivem naquela comunidade, visto que, por meio da leitura literária, recriam-se signos, criam-se distinções, pois se identificam nas histórias questões e conflitos inerentes ao humano, que auxiliam na constituição dos indivíduos a partir da reflexão. Segundo Candido:

Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (CANDIDO, 2004, p. 177).

Refletindo sobre a importância, a presença e a real apropriação da literatura, emerge o conceito de letramento literário, já que não adianta saber ler palavras, compreender o texto e não conseguir significar e atribuir sentidos particulares ao lido a partir do estabelecimento de relações com o cotidiano, com a sua localidade e com a sociedade. Assim, o letramento literário é compreendido, conforme Cosson (2018, p. 23), “como uma prática social”. A escola, inicialmente, é a responsável de tornar o letramento uma prática social, mas

nas universidades, essa responsabilidade pode ser estendida às bibliotecas universitárias e seus programas ou projetos de leitura, que podem continuar a capacitar o estudante leitor a estabelecer efetivamente o hábito da leitura. Nesse sentido, para Yunes:

Dentro e fora da escola, crianças e adultos, precisamos reaprender a ler, a reinventar a leitura. E o começo é perceber que não lemos palavras, lemos sequências onde as palavras se comunicam, se negam, se contradizem e nos surpreendem: espreitar suas relações, observar suas ambiguidades, pode nos proporcionar um espaço mais rico de conhecimento (YUNES, 1995, p. 187).

Esse espaço rico em conhecimento está ligado às narrativas orais, desde a antiguidade, às leituras em sala de aula na educação básica e também ao incentivo ao estudante adulto para reiniciar sua prática como leitor literário. Nas palavras de Cosson (2006, p. 16), “a escrita é, sim, um dos mais poderosos instrumentos de libertação das limitações físicas do ser humano”. Assim, como define o autor, “dizer o mundo (re)construído pela força da palavra, que é a literatura, revela-se como prática fundamental para a constituição de um sujeito da escrita”.

Quem não lê, não escreve, não consegue construir sua identidade por meio da leitura e, conseqüentemente, da escrita. A leitura literária fornece pré-requisitos para que o leitor possa se tornar um ser letrado, consciente de que sua descoberta do mundo e do outro só é possível por sua experiência como leitor. Cosson e Paulino (2009, p. 69) advertem que “é assim que a literatura permite que o sujeito viva o outro na linguagem, incorpore a experiência do outro pela palavra, tornando-se um espaço privilegiado de construção de sua identidade e de sua comunidade”. O estudante, a partir do exercício do letramento literário, passa a ser um sujeito mais seguro em relação às suas próprias práticas leitoras e adquire, desse modo, a competência literária.

Annie Rouxel se baseia no conceito de leitor real já destacado por Jouve (2002) e condiciona o interesse do leitor por uma leitura ao seu caráter verossímil, quando as experiências ficcionais são semelhantes às suas:

A experiência do outro me interessa, pois eu me pareço com ele; ela me fornece em sua singularidade, um exemplo de experiência humana. A experiência humana da interpretação do texto e de sua utilização por um leitor põe em tensão duas formas de se relacionar com o texto e com o outro e confere intensidade e sentido à atividade leitora (ROUXEL, 2013, p. 162).

Desse modo, para Rouxel (2012, p. 276), a “leitura autônoma e pessoal autoriza o fenômeno de identificação e convida a uma apropriação singular das obras, favorecendo outra relação com o texto, significa um desejo de levar em conta os leitores reais”.

O leitor real é o sujeito que segura o livro e o lê de forma concreta, diferente daquele leitor abstrato, aquele que se curva à expectativa do texto, é passivo ao texto, lendo e interpretando fielmente o que está escrito, semelhante ao leitor implícito de Iser (1996), uma estrutura textual que antecipa a presença do leitor real, pois, todo texto literário oferece determinados papéis aos leitores que são previstos já no momento de sua escritura. Dessa maneira, para Rouxel (2012, p. 281), “o investimento do leitor como sujeito é incontornável e necessário a toda experiência verdadeira de leitura”. A autora destaca também a singularidade de cada leitor como fator condicional para que o texto seja realmente uma manifestação de cultura literária:

A essa concepção tradicional de cultura, que permite avaliar, em vista de referências comuns, o grau de cultura dos indivíduos, se opõe uma concepção às vezes mais liberal e às vezes mais empírica relacionada a um olhar menos exterior. A cultura literária não é esse absoluto, esse ideal em direção ao qual deve tender o sujeito, mas um espaço simbólico composto às vezes de referências comuns e outras vezes de referências pessoais reconfiguradas por sua subjetividade. Ela não é uma abstração, lugar de um consenso ilusório, mas um conjunto limitado e móvel de dados concretos, marcados pela singularidade do sujeito e constituindo-a (ROUXEL, 2013, p. 168).

A leitura literária, portanto, requer um leitor real, aquele que “esquemáticamente, é levado a completar o texto em quatro esferas essenciais: a verossimilhança, a sequência das ações, a lógica simbólica e a significação geral da obra” (JOUVE, 2002, p. 62).

Para Jouve (2002, p. 67), em acordo com a Estética da Recepção de Hans Robert Jauss, o próprio texto programa a sua recepção, numa espécie de contrato de leitura com o leitor, de maneira que cada obra define seu modo de leitura “pela sua inscrição num gênero e seu lugar na instituição literária”. O texto remete a convenções explícitas e implícitas, conscientes e inconscientes, a sinais por meio da linguagem, poética e estilo, que orientam o leitor a delimitar espaços de determinação e/ou indeterminação: o texto programa a leitura e o leitor a concretiza.

Essa recepção ao texto, segundo Jouve (2002, p. 76-79), depende também das capacidades de previsão do leitor, pois espera-se uma performance e uma competência do leitor para que a recepção do texto seja satisfeita, tendo em vista que a recepção participa da constituição de um texto como literário.

A esfera da verossimilhança se refere ao fato de que o leitor deverá completar a narrativa, por sua imaginação, segundo aquilo que lhe parecer verossímil, sendo que:

As personagens, o espaço e a situação não podem ser descritos inteiramente, pois as descrições na narrativa não dão conta da aparência exata de um personagem ou da descrição de uma situação ou paisagem; assim, o leitor imaginará essa aparência ou imagem de forma completa (JOUVE, 2002, p.63).

Já a lógica das ações permite ao leitor reconstituir a sequência dos acontecimentos, pois o texto precisa mencionar apenas uma das fases de uma ação para que o leitor complete com as outras, sendo que “a narrativa pode também solicitar a cooperação do leitor para sequências de eventos mais complexos e de duração mais importante” (JOUVE, 2002, p. 63, 64).

Com relação à lógica simbólica, Jouve (2002, p. 64, 65) afirma que uma obra frequentemente “diz outra coisa que parece dizer: o destinatário deve decifrar sua linguagem simbólica”. Os processos de deslocamento metafóricos e metonímicos devem ser levados em consideração pelo leitor que, numa leitura atenta, levanta a série de equivalências simbólicas e seu valor na narrativa. O autor (2002, p. 65) mostra que o leitor também “deve destacar a significação geral que o autor quis dar à obra”, e, para isso, “deve não somente levar em conta as intervenções explícitas do narrador, mas também a construção global do texto”. Jouve conclui que “é ao leitor que cabe construir o sentido global da obra”.

Dessa forma, o leitor, o texto e o leitor são atores para que a literatura seja uma manifestação estética e cultural. A leitura literária é necessária, portanto, para que o leitor cresça em conhecimento de si, do outro e do mundo à sua volta.

2.2 A presença das bibliotecas nas políticas públicas de incentivo à leitura literária

Antes de especificar as políticas públicas direcionadas para o incentivo à leitura literária, cabe relatar que, assim como as bibliotecas universitárias, existem outros tipos de bibliotecas, que são classificadas de acordo com o público que atendem, e com suas funções e com as atividades desenvolvidas.

Tem-se, por exemplo, as bibliotecas escolares, que estão direcionadas aos alunos de escolas e que de acordo com Côrte e Bandeira (2011, p. 6) “serve de suporte aos programas educacionais, atuando como centro dinâmico, participando, em todos os níveis e momentos, do processo de desenvolvimento curricular e funcionando como laboratório de aprendizagem integrado ao sistema educacional”. A biblioteca escolar é um recurso facilitador de processos de ensino e aprendizagem.

Nesse sentido, relaciona-se e vincula-se com a implementação das novas tecnologias nas escolas. As duas realidades se posicionam no sistema escolar como meios de ensino. Logo, sua permanência na escola contribui sobremaneira para as atividades de incentivo à leitura e formação de leitores (ROCA, 2012, p. 37).

No que diz respeito às bibliotecas públicas, que segundo Vieira (2014, p. 22) “foram criadas com a finalidade de atender às necessidades informacionais, de estudo, leitura complementar, consulta e recreação de toda a comunidade”. Podem ser municipais, estaduais ou federais. Elas também têm exercido atividades de apoio à educação formal. Sua função educativa, entretanto, não se restringe a essa, englobando também outras facetas do complexo educacional, isto é, educação não formal e informal, que abrangem o fomento ao conhecimento tanto na parte educativa quanto cultural.

A biblioteca pública se caracteriza como um local de construção permanente de cultura, uma vez que permite a aprendizagem permanente, conforme o Manifesto: “A biblioteca pública, porta de entrada para o conhecimento, proporciona condições básicas para a aprendizagem permanente, autonomia de decisão e desenvolvimento cultural dos indivíduos e grupos sociais” (IFLA, 1994).

Outro tipo de biblioteca é a Biblioteca Nacional que, para Vieira (2014, p. 22), tem como principal finalidade “a preservação da memória nacional e do patrimônio cultural” por meio da coleção de todas as produções bibliográfica, documental e intelectual produzidas na nação de origem e também por autores internacionais que produzem textos que dizem respeito à nação. Portanto, para cada biblioteca, existem diretrizes que são estabelecidas para melhor atender o público para as quais servem.

No caso das bibliotecas universitárias, as suas funções e suas atividades estão voltadas para atender a comunidade acadêmica da instituição a qual estão ligadas, oferecendo suporte informacional para o bom desenvolvimento dos cursos existentes na instituição.

As diretrizes a serem seguidas pelo MEC exigem das bibliotecas universitárias adequações específicas relacionadas ao espaço físico e à parte bibliográfica. Ao longo dos anos, as bibliotecas passam pelo processo de recebimento das comissões, seja para os procedimentos de reconhecimento de curso ou de autorização. Diante disso, sempre são abordados os aspectos relacionados à bibliografia básica e complementar por unidade curricular do curso. E também a infraestrutura, quesito esse que determinará as condições físicas do ambiente da biblioteca, acervo e seus serviços prestados. Contudo é possível observar que dentre as diretrizes do INEP inexistem as exigências para o fomento de programas que incentivam a leitura ou outras práticas lúdicas e pedagógicas na biblioteca, ficando assim a cargo do(a) bibliotecário(a) desenvolver, fora desse âmbito de avaliações do MEC, os projetos de leitura literária e demais programas voltados à leitura e construção de leitores.

Manter as bibliotecas universitárias no padrão de aceite máximo para as avaliações se torna uma tarefa que exige planejamento constante e de longo prazo. Já que tanto as

bibliografias quanto os serviços prestados precisam ter excelência em sua prestação e qualidade, as bibliografias de acordo com o perfil do curso e com o Projeto Pedagógico de Curso (PPC) de cada curso da instituição. A parte física deve contribuir para o livre acesso e disposição do acervo, todos de acordo com as exigências do instrumento do INEP.

A biblioteca universitária possui um papel muito importante, contando como 40% da nota total. Assim, entende-se a importância dada pelo órgão regulamentador a biblioteca, pois ela se constitui o universo de todos os cursos, onde o aluno, pesquisador e professor tem acesso à literatura desejada, capaz de produzir conhecimento e novas perspectivas (BARCELOS; GOMES, 2004, p. 134).

De modo geral, fica evidente o macro serviço envolvido nessa adequação de acervo e suporte físico das bibliotecas universitárias frente às diretrizes do INEP, logo podemos observar que se sobressaem às atividades voltadas para os grupos de leitura literária e programas que buscam debater esse assunto e dá uma maior assistência ao aluno da instituição. O processo de ler e criar o hábito da leitura nesse estágio de ensino acadêmico é alimentado por meio da implantação das políticas de leitura e da maior visibilidade da biblioteca universitária no papel importante de socialização e fomento da leitura.

Embora a biblioteca não seja o único meio de acesso à informação, ela se torna um importante instrumento na busca por uma educação de qualidade, pois está diretamente relacionada com a cultura, a educação e a formação de cidadãos, auxiliando na construção de indivíduos autônomos. Nela se encontra, ou deveria se encontrar, recursos informacionais variados, que vão desde material impresso a materiais audiovisuais. É nesse ponto que vem a necessidade que se façam investimentos também na estrutura das bibliotecas e que as políticas públicas voltadas para a leitura possam inserir a biblioteca nesse contexto e assim melhorar a qualidade do ensino, a formação de leitores e os agentes para a formulação das estratégias de leitura, como é apontado por Cavalcante:

Ao poder público coube transformar o livro e a leitura em políticas para garantir a sustentabilidade das ações nacionais a médio e longo prazo e fomentar parcerias entre empresas públicas, privadas e sociedade civil. Dentre essas políticas, destacam-se as bibliotecas [...] e o seu papel para democratizar o acesso à informação, mediar a leitura e contribuir com os processos de aprendizagem nos diversos municípios brasileiros. (CAVALCANTE, 2010, p. 5).

A política pública de leitura está alinhada à promoção da bibliodiversidade, uma vez que almeja promover o acesso à leitura a todos dentro de suas especificidades. Sendo assim, as políticas públicas de leitura são respaldadas pelas pesquisas e índices sobre a leitura e o comportamento leitor do brasileiro, colocando-se como principal instrumento a nível nacional

para mudar cenários desfavoráveis. Embora tenham se desenvolvido de forma tardia no Brasil (apenas a partir da década de 80), as políticas públicas de leitura são ações que podem impactar na diminuição da desigualdade social a partir da promoção do acesso equânime à leitura a diferentes pessoas com distintas necessidades, inseridas no contexto da bibliodiversidade (MELO, 2019).

Nesse sentido, também as políticas públicas são ações que tem como objetivo suprir as necessidades ou mesmo solucionar problemas da sociedade, pode-se dizer que são as formas de o governo proporcionar o bem-estar para a população. No caso da educação, têm como função propiciar um melhor acesso à educação e uma melhoria na qualidade do ensino (PEREIRA JÚNIOR, 2019, p. 64). Nilo Pereira Júnior destaca que:

Devemos ressaltar que as políticas públicas de leitura são importantes, pois promovem, em todo o país, oportunidades de desenvolver o interesse pela leitura, principalmente tendo o apoio político que colabora bastante neste processo. Por meio destas políticas, chancelam-se ações de incentivo à leitura que muitos sabem que precisam ter, mas que não tem como realizar ou simplesmente se fazem despercebidos (PEREIRA JÚNIOR, 2019, p. 64).

As políticas públicas de leitura passaram a ser utilizadas, no século XIX, porém apenas entre as décadas de 1960 e 1970 que a leitura passou a ter mais importância, sendo vista, como nos mostram Almeida e Medeiros (2013, p. 237), como “uma questão sociocultural, econômica e política”. Tendo, desse modo, uma maior relevância para o governo, com diversos impactos positivos para a educação, com a criação de ações que ajudariam no seu desenvolvimento.

Dentre as várias medidas que foram tomadas em relação à educação e, de forma especial à leitura, a maior parte delas aconteceu durante a conhecida “Era Vargas”, que tinha a intenção de formar uma nação intelectualizada. As principais ações relacionadas à educação, neste período, foram: a criação do Ministério da Educação (MEC) em 1930; a criação do Instituto Nacional do Livro (INL), no ano de 1937, e a expansão do número de bibliotecas públicas por todo o Brasil, incentivando, assim, a leitura por todo o país. (ALMEIDA, MEDEIROS, 2013).

Em geral, as primeiras décadas do século XX foram um período de expansão das bibliotecas pelo Brasil. Como bem explica Milanesi (1998, p.36), “houve proliferação de pequenas bibliotecas, um reflexo atenuado da tendência europeia desde o século anterior de se organizar bibliotecas populares”. O autor (1998) considera que a ação dos governos na criação dessas instituições foi fraca, pois apenas doavam livros. A abertura, manutenção e o estímulo aos projetos relacionados à leitura desses espaços foram realizados por organizações de cunho religioso. Em contraponto, em meados do século XXI, com o acirramento na elaboração de

diretrizes que fomentassem um programa eficiente na criação do hábito da leitura, as bibliotecas puderam oxigenar mais projetos de leitura e enriquecer seus acervos com obras de formação do leitor.

No que se refere à política pública de leitura, temos quatro que se destacaram entre os anos 1990 aos dias atuais, são elas: Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER), Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE), Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL) e Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE). A seguir, faremos uma análise a respeito dessas principais políticas públicas na história do Brasil relacionadas ao livro, à leitura e às bibliotecas.

2.2.1 Programa Nacional de Incentivo à Leitura (PROLER)

O Programa Nacional de Incentivo à Leitura/PROLER da Fundação Biblioteca Nacional/MinC foi instituído em 13 de maio de 1992 por decreto presidencial, teve como objetivo assegurar e democratizar o acesso à leitura e ao livro a toda a sociedade, com base na compreensão de que a leitura e a escrita são instrumentos indispensáveis na época contemporânea para que o indivíduo possa desenvolver plenamente suas capacidades, seja no nível individual, seja no âmbito coletivo. Sua fundamentação parte do princípio da formação de leitores, onde os esforços do programa se aliam às esferas da biblioteca e órgãos da sociedade em geral.

Vai muito além das atividades engessadas ou de políticas de incentivo à leitura vazias. O PROLER possui as diretrizes de ações que norteiam o conjunto de atividades, que visam ao reconhecimento da diversidade de ações e de modos de leitura, manifestados nas práticas de leitura promovidas; nas instituições e locais abrangidos; nos gêneros textuais considerados e nas atividades organizadas. Dá ênfase às especificidades do ato de ler, entendendo-se que atos de leitura e suas linguagens exigem modos próprios e competências específicas; a articulação entre leitura e cultura, compreendendo leitura dentro do contexto social que expressa a riqueza da vida humana e as suas produções; canalização das ações, prioritariamente, para a esfera pública, por esta concentrar o domínio dos espaços que atendem à maioria da população e para a qualificação dos agentes de leitura, entendendo-os como irradiadores das práticas leitoras; publicidade constante para o tema, enfatizando que a leitura precisa estar em foco, ou seja, deve ser uma demanda social, e a democratização do acesso à leitura, por meio da disponibilização de material em bibliotecas escolares e públicas, em salas de aula, salas de leitura e em locais públicos. O Programa tem como objetivos gerais:

1. promover o interesse nacional pela leitura e pela escrita, considerando sua importância para o fortalecimento da cidadania e da democracia;
2. promover políticas públicas que garantam acesso ao livro e à leitura, contribuindo para a institucionalização de uma Política Nacional de Leitura, por meio de uma legislação específica, que assegure sua aplicação e permanência;
3. articular ações de incentivo à leitura entre diferentes setores da sociedade, tais como: escola, família, universidades, ONGs, empresas públicas e privadas, meios de comunicação, etc;
4. formar leitores permanentes e autônomos, capazes de participar ativamente do processo de produção e de se apropriar de um certo “capital cultural”;
5. disseminar outras linguagens que, partindo do escrito, ampliam as possibilidades de expressão: é indispensável disponibilizar o acesso dos cidadãos às artes, à matemática, às ciências, à informática, ao cinema, à televisão, à música, à literatura. As ações do Programa, que visam cumprir as diretrizes e os objetivos, acontecem em duas vias:
 - a. as ações locais ou diretas: são aquelas que ocorrem na Casa da Leitura, sede nacional do Programa situada no Rio de Janeiro;
 - b. as ações nacionais: são aquelas que ocorrem por meio dos Comitês - instituições conveniadas com a FBN - instalados em todos os estados brasileiros (BRASIL, 1992).

Como instrumento de apoio, o programa PROLER precisa de subsídios para que as diretrizes de sua política sejam efetivadas, como investir no fomento e na divulgação dessas ações e na formação continuada de promotores de leitura. Porque não basta ter os instrumentos, e não ter um corpo profissional capacitado. Bem como, não basta formar leitores sem que os materiais de leitura lhes estejam ao alcance. Ainda se destacam as ações do PROLER, voltadas para: I. Formação de uma rede nacional de incentivo à leitura; II. Cursos de formação de promotores de leitura; III. Assessoria para implementação de projetos de promoção da leitura e IV. Sistema de acompanhamento e avaliação do programa.

Vale destacar que para o PROLER, saber ler é imprescindível nas sociedades modernas. Embora o simples fato de ler difere da prática da leitura. Nos termos do PROLER, a leitura da palavra é vista como atividade intelectual e relativa à linguagem. Nesse sentido, ler implica dominar conhecimentos que extrapolam convenções e regras gramaticais, isto é, pressupõe a

inserção social e cultural do leitor. Assim, propõe-se a formação de rede de bibliotecas que possibilitem o acesso aos bens culturais de incentivo à leitura.

2.2.2 Programa Nacional Biblioteca na Escola (PNBE)

Desenvolvido desde 1997, o programa promove o acesso à cultura e o incentivo à leitura nos alunos e professores por meio da distribuição de acervos de obras de literatura, de pesquisa e de referência. O atendimento é feito de forma alternada: ou são contempladas as escolas de educação infantil, de ensino fundamental (anos iniciais) e de educação de jovens e adultos, ou são atendidas as escolas de ensino fundamental (anos finais) e de ensino médio. Hoje, o programa atende de forma universal e gratuita todas as escolas públicas de educação básica cadastradas no censo escolar que é realizado, anualmente, pelo Instituto Nacional de Estudos e Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP), sendo atendidas de forma gratuita.

Esse serviço costuma ser realizado de forma alternada entre dois grupos, ou são atendidos o grupo composto por escolas de educação infantil, de ensino fundamental dos anos iniciais e as escolas voltadas para educação de jovens e adultos, ou assistem o grupo formado pelas escolas de ensino fundamental de anos finais e escolas de ensino médio.

Tem como objetivo possibilitar o acesso dos alunos e professores à informação, contribuindo para fomentar a prática da leitura e formação dos professores das escolas de ensino fundamental. Por intermédio desse programa, foram constituídos os acervos das bibliotecas escolares formados por obras de referência, literatura e de apoio à formação dos professores. Esse acervo passa por um processo de escolha e seleção, mediante edital previamente divulgado (BRASIL, 2005).

O programa divide-se em três ações: PNBE Literário, que avalia e distribui as obras literárias, cujos acervos literários são compostos por textos em prosa (novelas, contos, crônica, memórias, biografias e teatro), em verso (poemas, cantigas, parlendas, adivinhas), livros de imagens e livros de história em quadrinhos. O PNBE Periódicos, que avalia e distribui periódicos de conteúdo didático e metodológico para as escolas da educação infantil, ensino fundamental e médio e o PNBE do Professor, que tem por objetivo apoiar a prática pedagógica dos professores da educação básica e também da Educação de Jovens e Adultos por meio da avaliação e distribuição de obras de cunho teórico e metodológico. As ferramentas de incentivo à leitura que o programa disponibiliza contribui para o fomento de atividades que estimulem o envolvimento dos alunos e demais leitores, ao universo lúdico e literário da leitura. Seja no âmbito das bibliotecas e salas de aula.

Por meio do PNBE é possível instigar a reflexão sobre a mediação e o estímulo da leitura do texto, buscando estratégias para o efetivo acesso ao acervo distribuído às escolas. Embora pouco seja mencionada a biblioteca nos documentos que relatam sobre o PNBE, o título do programa sugere a formação e/ou a melhoria de acervo delas nas escolas, enviando os livros que irão compor esses espaços de incentivo à leitura, com diversas obras do campo literário e didático. Assim, o PNBE também é um plano de incentivo ao hábito de leitura que leva em consideração a biblioteca, mostrando que ela é importante nesse processo de formação de leitores, e que precisa ser gerido por profissional capacitado e em conjunto com a equipe de professores e promotores da leitura.

2.2.3 Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL)

Criado pelo Decreto nº 7.599, o Plano Nacional do Livro e da Leitura é idealizado para ajudar no fomento da leitura no país, tendo como coordenadores os Ministérios da Cultura e da Educação. Foi concebido pelos então ministros Gilberto Gil (Cultura) e Fernando Haddad (Educação) a partir de todas as mobilizações e discussões da Vivaleitura no ano de 2005. Na ocasião da XX Bienal Internacional do Livro no Rio de Janeiro, a presidente Dilma Rousseff, no dia 1 de setembro de 2011 assina o Decreto nº 7.599, que dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e da Leitura (PEREIRA JÚNIOR, 2019, p. 68).

As diretrizes para uma política pública voltada à leitura e ao livro no Brasil (e, em particular, à biblioteca e à formação de mediadores), apresentadas neste plano, levam em conta o papel de destaque que essas instâncias assumem no desenvolvimento social e da cidadania e nas transformações necessárias da sociedade para a construção de um projeto de nação com uma organização social mais justa. Elas têm por base a necessidade de formar uma sociedade leitora como condição essencial e decisiva para promover a inclusão social de milhões de brasileiros no que diz respeito a bens, serviços e cultura, garantindo-lhes uma vida digna e a estruturação de um país economicamente viável. Quatro eixos orientam a organização desse plano:

I – a democratização do acesso ao livro; II – a formação de mediadores para o incentivo à leitura; III – a valorização institucional da leitura e o incremento de seu valor simbólico; e IV – o desenvolvimento da economia do livro como estímulo à produção intelectual e ao desenvolvimento da economia nacional (BRASIL, 2011).

O PNLL tem como objetivo conferir uma dimensão de uma política de estado, de natureza abrangente, que possa nortear, de forma orgânica, políticas, programas, projetos e ações continuadas desenvolvidos no âmbito de ministérios em particular os da cultura e da educação, governos estaduais e municipais, empresas públicas e privadas, organizações da sociedade e, em especial, todos os setores interessados no tema. Outros de seus objetivos são:

[...] permitir que as pessoas tenham mais possibilidades de acesso ao livro, mas também mostra a preocupação com a formação de mediadores responsáveis pelo processo de incentivo à leitura. Também existe uma preocupação voltada para as instituições que trabalham com leitura, e o programa apresenta a preocupação em valorizá-las, oferecendo investimentos e desenvolvimento de políticas que gerem incentivos para essas instituições. Por fim, o programa se preocupa como são distribuídos os livros, voltando seu olhar para as editoras e, também, para os produtores nacionais (PEREIRA JÚNIOR, 2019, p. 68).

Recentemente o PNLL passou por mudanças sendo que, de acordo com o Decreto nº 9.930, de 23/07/2019 fica extinto o Conselho Consultivo do Plano Nacional do Livro e Leitura (PNLL). A partir desse momento o PNLL foi gerido apenas pelo Conselho Diretivo e pela Coordenação-Executiva, cujos representantes serão designados em ato conjunto dos Ministros da Cidadania e da Educação, para exercerem o mandato pelo período de dois anos, admitida uma recondução por igual período.

Com o PNLL as bibliotecas receberam alguns destaques: em primeiro lugar, é preciso sublinhar que o acesso às bibliotecas é pequeno, não apenas por uma questão cultural que remonta a nossa longa história de letramento, mas porque a rede de bibliotecas no país é reduzida, seja em termos quantitativos, quanto qualitativos. Devem haver escolas que saibam formar leitores, valendo-se de mediadores bem formados (professores, bibliotecários) e de múltiplas estratégias e recursos para alcançar essa finalidade. Em segundo lugar, a biblioteca não é concebida como um depósito de livros, como muitas vezes tem-se apresentado, mas assume a dimensão de um dinâmico polo difusor de informação e cultura, centro de educação continuada, núcleo de lazer e entretenimento, estimulando a criação e a fruição dos mais diversificados bens artístico culturais, para isso, deve estar sintonizada com as tecnologias de informação e comunicação, suportes e linguagens, promovendo a interação máxima entre os livros e esse universo que seduz as atuais gerações.

2.2.4 Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE)

O ano de 2018 foi um marco para as políticas públicas de leitura. Sob a gestão do presidente Michel Temer, foi criada a lei nº 13.696, que institui a Política Nacional de Leitura e Escrita (PNLE), também conhecida como “Lei Castilho”, em referência a José Castilho Marques Neto, responsável por apresentar a proposta da lei. A criação desta política tem como objetivo assegurar o papel da leitura e da escrita como práticas fundamentais para o exercício da cidadania e vida digna dos cidadãos (PEREIRA JÚNIOR, 2019, p. 69).

O programa marcou uma era de grandes produções envolvendo planos que abrangiam o desenvolvimento de políticas de incentivo à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas de acesso público no Brasil. Em sua estrutura possui diretrizes que norteiam a prática das ações que envolvem a leitura e a promoção de acesso aos livros nas bibliotecas. As diretrizes se dividem em:

I - a universalização do direito ao acesso ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas; II - o reconhecimento da leitura e da escrita como um direito, a fim de possibilitar a todos, inclusive por meio de políticas de estímulo à leitura, as condições para exercer plenamente a cidadania, para viver uma vida digna e para contribuir com a construção de uma sociedade mais justa; III - o fortalecimento do Sistema Nacional de Bibliotecas Públicas (SNBP), no âmbito do Sistema Nacional de Cultura (SNC); IV - a articulação com as demais políticas de estímulo à leitura, ao conhecimento, às tecnologias e ao desenvolvimento educacional, cultural e social do País, especialmente com a Política Nacional do Livro, instituída pela Lei nº 10.753, de 30 de outubro de 2003 e V - o reconhecimento das cadeias criativa, produtiva, distributiva e mediadora do livro, da leitura, da escrita, da literatura e das bibliotecas como integrantes fundamentais e dinamizadoras da economia criativa (BRASIL, 2018).

Cabe ressaltar que a abordagem sobre as bibliotecas teve mais ênfase do que nos programas anteriores. Isso mostra a relevância que o PNLE mostra ao dar importância para esse espaço que tem papel fundamental na disseminação de informação e auxílio para a elaboração de projetos e incentivo à leitura no âmbito escolar e acadêmico. Desde a sua criação, o programa tem seus objetivos focados nos seguintes eixos: democratizar o acesso ao livro; fomentar a formação de mediadores de leitura e fortalecer ações de estímulo à leitura; valorizar a leitura por meio de campanhas, premiações e eventos de difusão cultural; desenvolver a economia do livro como estímulo à produção intelectual, por meio de ações de incentivo ao mercado editorial; fortalecer institucionalmente as bibliotecas de acesso público; incentivar pesquisas, estudos e o estabelecimento de indicadores relativos ao livro, à leitura, à escrita, à literatura e às bibliotecas; promover a formação profissional no âmbito das cadeias criativa e produtiva do

livro e mediadora da leitura; incentivar a criação e a implantação de planos estaduais, distrital e municipais do livro e da leitura, e incentivar a expansão das capacidades de criação cultural e de compreensão leitora, por meio do fortalecimento de ações educativas e culturais focadas no desenvolvimento das competências de produção e interpretação de textos (BRASIL, 2018).

O PNLE pode ser visto como a junção de todas as políticas públicas de leitura e de escrita elaboradas antes da sanção da lei. Criado doze anos após o PNLL, a PNLE pode ser considerado como resultado de discussões e de mobilizações que se desdobraram a partir do PNLL. Como consequência, essas duas políticas públicas passaram a ter muita proximidade de conteúdo, contudo, como afirma Fernanda Garcia (2018), elas “são disposições intimamente relacionadas, mas são instrumentos diferentes”. A maior diferença está na instituição deles, o PNLL é um decreto, e a PNLE, uma lei. Vejamos no que consiste essa diferença:

Significa que ao ser instituído na forma de Decreto que é ato do Poder Executivo, o Plano ficaria sujeito à decisão de cada governo sobre sua implantação ou não, não havendo obrigação normativa por parte do Estado. Com a sanção da lei, a elaboração e execução deste Plano torna-se uma imposição legal ao Poder Executivo (GARCIA, 2018, s. p).

É de suma importância mencionar que a PNLE é uma referência notável na história da educação do Brasil, pois, além de ampliar as possibilidades de ações e atividades relacionadas ao incentivo à leitura, também permite que estas ações sejam fiscalizadas e acompanhadas para que não fiquem apenas em papéis dentro de escritórios, de secretarias de educação pelo país. Isto é outro ganho permitido pela lei, o envolvimento da nação, dos estados e dos municípios na luta pela formação de leitores.

Como ação de democratização do acesso, propõem-se ao fortalecimento e à consolidação do sistema nacional de bibliotecas públicas, tornando-o realmente um sistema integrado, com níveis hierárquicos de bibliotecas e meio de circulação de acervos, informatização de catálogos, capacitação permanente de gestores e bibliotecários como promotores da leitura e atualização de acervos. Estabelece a instituição e/ou fortalecimento dos sistemas estaduais e municipais de bibliotecas, com funções de gerenciamento entre união, estados e municípios. Propõe a concepção do sistema de estatística das bibliotecas e sua transformação em unidades orçamentárias; com quadro de pessoal adequado às necessidades e especializado.

2.3 A biblioteca como espaço de formação de leitores literários

As bibliotecas são centros voltados para a leitura, uma biblioteca bem estruturada, dinamizada por profissionais especializados, a saber, o(a)s bibliotecário(as), pode se tornar uma ferramenta poderosa na construção de leitores, quando são realizados projetos que visem desenvolver o hábito de frequentá-las. A criação desse hábito da leitura e o gosto em visitar esses espaços faz parte da macro estratégia de gestores e bibliotecário(as) para a mudança de paradigmas no âmbito da formação de leitores literários.

A palavra biblioteca etimologicamente quer dizer caixa/armário de livros. Guardiã dos saberes da humanidade, muito tem se preocupado em conservar seus acervos e, infelizmente em algumas, também se conservam os seus segredos. Com a multiplicação de livros, aos poucos as bibliotecas adquirem caráter leigo e civil, preocupando-se também em divulgar seus conhecimentos. Novas tecnologias surgem diariamente, e as pessoas não se dão conta de que ações pedagógicas são mais importantes que meras organizações de atividades. Bibliotecas e livros são memória e construção do mundo, faltando cogitar mais explicitamente sobre a leitura, elemento fundamental na ação com os acervos.

A leitura literária deve ser algo de elevado significado para o leitor, acrescentando-lhe novas experiências e reformulando as ideias já existentes. Que faça parte do seu contexto e que lhe permita aprender ou reaprender. Abordando este novo sentido sobre a leitura e sua função, surge o letramento, que significa o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever. Não basta apenas saber ler e escrever, ser alfabetizado. É preciso saber fazer uso do ler e do escrever, respondendo às exigências de leitura da sociedade. É preciso ser letrado. Formar leitores é um processo que exige colaboração dos diversos profissionais envolvidos com a educação, como professores, bibliotecário(as), pedagogos e outros. No que tange ao ensino superior é muito importante que a biblioteca tenha uma atenção especial para esta formação, pois, quando nos referimos ao ensino superior, acredita-se que os alunos deveriam chegar neste estágio educacional como bons leitores. Por isso, a preocupação específica dos cursos se direciona em formar profissionais e não se prendem à construção de leitores literários. Para Volmer:

A leitura é uma habilidade humana que, segundo Paulo Freire (1997), precede a escrita – só pode ser escrito o mundo que foi anteriormente lido - e está intimamente relacionada com o sucesso acadêmico do aluno, o que pode evitar a evasão escolar. Nesse sentido, é preciso garantir ao cidadão o acesso à palavra que é patrimônio da cultura letrada (VOLMER, KUNZ, 2009, p. 30).

Neste sentido, a biblioteca universitária assume papel fundamental ao possibilitar aos estudantes o acesso à leitura literária, por meio de seu acervo e, mais precisamente, por meio daqueles que são a mais fiel tradução do conhecimento disponibilizado no mundo: os livros. Tamanha é a responsabilidade daqueles do(a)s bibliotecário(as) nas ações dentro das bibliotecas que podem constituir-se em eventos significativos na promoção da leitura.

A contribuição das bibliotecas na construção do conhecimento humano deve acontecer de forma efetiva na qual o conhecimento e as informações assumem destaque central, pois a biblioteca revoluciona e faz a diferença. Neste contexto, as bibliotecas universitárias não devem entrar na lógica da sociedade de consumo sob o pretexto de aumentar o número de leitores, no entanto devem ajudar o público da universidade a conhecer e entender o funcionamento de um objeto social que, mesmo com sua fama de cultural, não deixa de ser o terreno por excelência da ideologia. Sendo assim, é fundamental que seja disseminado o pensamento “venham entender o que é isso e como, de qualquer maneira, isso age sobre sua vida” (FOUCAMBERT, 1994, p. 143). Ainda, segundo Renata Souza e Ana Bortolanza:

O espaço de localização da biblioteca também é um importante agente na formação do leitor literário, portanto, torna-se fundamental o planejamento de atividades para que os estudantes possam estabelecer relações com os objetos de leitura “e apropriar-se das maneiras de ler. Para isso, os educadores devem organizar atividades significativas de leitura/literatura a partir do conhecimento teórico sobre esses conteúdos” (SOUZA; BORTOLANZA, 2012, p. 81).

Cabe ressaltar que no âmbito da leitura e da construção de leitores, o caminho que os universitários percorrem para adquirir esse hábito e desenvolver o gosto pela leitura passa pela motivação. Como refere Alberto Manguel (2015, p. 106), “a leitura é uma arte que nunca pode ser completamente realizada”. Face aos novos cenários de leitura e à sua complexidade, importa refletir sobre a motivação para a leitura igualmente de forma ampla, de modo a indagar os traços em mobilidade nos quais se vai reconstruindo no cotidiano. É no ambiente da biblioteca que a motivação é construída, tornando mais fácil a solidificação da ideia de leitura prazerosa que pode ser estendida para novos tipos de leitura literária.

Na contemporaneidade, os leitores possuem necessidades que outrora não existiam, pois o mundo virtual traz a rapidez que a literatura contesta. Em virtude disso, também as bibliotecas têm que se adequarem a esta nova demanda, oferecendo serviços e atividades que promovam o prazer de ler de forma atrativa e dinâmica, como os círculos de leitores também destacados neste estudo. Na preparação para atender seu público de forma efetiva, a biblioteca deve ter em

mente que os estudantes, como leitores literários competentes, em síntese, são aqueles que apresentam os seguintes comportamentos, de acordo com Caroline Becker e Maria Grosch:

Sabe buscar textos de acordo com o seu horizonte de expectativas, segundo seus interesses e necessidades; Adquire livros; Conhecem os locais onde os livros e materiais de leitura se encontram, sejam em bibliotecas, livrarias, entre outros; Frequenta espaços mediadores de leitura; Orienta-se fácil nas estantes, sendo independente na busca daquilo que lhe interessa; Segue as orientações de leitura oferecidas pelo autor; É capaz de dialogar com novos textos, posicionando-se crítica e criativamente diante deles; Troca impressões e informações com outros leitores; É receptivo a novos textos que não confirmem seu horizonte de expectativas; Amplia seu horizonte de expectativas e sua visão de mundo a cada leitura (BECKER; GROSCH, 1996, p. 38).

Poder-se-ia pensar neste estudante como um leitor completo, mas a etapa de transição dos alunos universitários da condição de meros leitores das leituras comuns, corriqueiras e obrigatórias, para as de prestígio e de satisfação, que objetivam a liberdade literária, de felicidade e de encantamento, só pode ocorrer com a prática do letramento.

A fim de prosseguir com a exposição do assunto, vemos que a abordagem do letramento, resgatada anteriormente nesse estudo e vinculada à leitura literária, começou a ser feita recentemente. No Brasil, na segunda metade dos anos 80, é que a palavra letramento surge no discurso dos especialistas das áreas da educação e das ciências linguísticas. Segundo Magda Soares (2003, p. 17), “*literacy* é o estado ou condição que assume aquele que aprende a ler e escrever”. Não se trata, portanto, de ser alfabetizado, saber ler e escrever, ato adquirido mecanicamente. Mas, sim, de saber que a leitura e a escrita trazem consequências sociais, políticas, culturais, econômicas, cognitivas e linguísticas para o grupo social ou para o indivíduo que aprende a usá-las. É saber fazer relações com as leituras já feitas, sintetizar o conhecimento e gerar novas informações através dos dados novos. Entendemos que o letramento corresponde a modos sociais de se utilizar a língua escrita em situações particulares de uso.

O letramento em uma perspectiva social, histórica e cultural que encontra lugar nos novos estudos de letramento concebe que a leitura e a escrita são sempre situadas em práticas sociais específicas, instituindo relações sociais com valores singulares. Possibilita ao indivíduo o desenvolvimento de habilidades que levará o leitor à realização da leitura de mundo, que foi citada anteriormente, em que o leitor adquire uma visão mais ampla, tendo maior facilidade de apreender e de utilizar o que aprendeu no seu dia a dia. Por meio do letramento literário, o indivíduo pode interagir com as informações que lhe são apresentadas, passando, assim, a ter maior possibilidade de produzir mais conhecimento e, também, levar conhecimento para outras pessoas.

Na sociedade atual, conhecida pela necessidade do acúmulo e construção de informações, encontra-se o cenário ideal para o desenvolvimento da leitura nas bibliotecas universitárias, pois mesmo com o avanço da tecnologia, o material impresso ainda é um dos caminhos mais viáveis para que a universidade invista na formação cultural do educando crítico, ofertando-lhe uma gama de documentos que retratam as diferentes atividades humanas e seus significados, possibilitando a construção desse leitor literário, que dá a importância para a leitura mais aprofundada. De acordo com Renata Souza:

O espaço da biblioteca não pode ser passivo. É preciso que se pense em uma organização dinâmica capaz de mediar o contato dos sujeitos com o material de leitura. Contações de histórias (para o espaço da biblioteca escolar), organização do mobiliário para favorecer a acessibilidade dos visitantes são apenas algumas das ações que podem ser realizadas para tornar a biblioteca um local agradável e convidativo à leitura. Partindo das constatações acima mencionadas e da necessidade de apresentar experiências que possam contribuir para o campo da formação do leitor, principalmente em contextos escolares e universitários, surgiu o interesse de trabalhar com a temática do papel social do espaço da biblioteca como mediador na formação do leitor literário (SOUZA; MOTOYAMA, 2014, p. 103).

É fundamental que a biblioteca, por meio do(a) bibliotecário(a) crie propostas que possibilitem concretamente a utilização da biblioteca universitária na construção dos leitores, para que em um trabalho conjunto com os estudantes desenvolvam mais seu interesse pela leitura. Agindo assim, é possível que se melhore a situação da leitura na realidade brasileira. E também a excelência de leitura dos alunos na esfera acadêmica.

De acordo com Colomer (2003), para se formar um leitor literário, não basta a aquisição de novos títulos, ou mesmo a inauguração de novas bibliotecas. Silva (1997, p. 28), ao falar sobre formação de leitores, apresenta-nos dois quesitos fundamentais, um aqui já mencionado, que são: “a motivação para a leitura e a disponibilidade de livros”. A biblioteca atua como espaço de recepção e produção de ideias, complementando, suplementando outros espaços ou momentos de ensino e de aprendizagem formal e/ou informal e, no caso da biblioteca universitária, deve estar inserida no processo educativo servir de suporte a programas de educação, integrando-se à universidade como parte dinamizadora de toda ação educacional.

A biblioteca universitária deve estar preparada não apenas para auxiliar o universitário no desenvolvimento da sua competência leitora, apoiando-os por meio de atividades que incentivem a leitura proficiente, produção escrita e a pesquisa, realizando oficinas, seminários, debates e palestras sobre temas de interesse de grupos, projetos de leitura, entre outras atividades de mediação de leitura. Assim, a biblioteca universitária atuará como um dispositivo cultural e literário que poderá suprir as necessidades de leitura literária e apoiar a formação de

sujeitos conscientes de sua participação social. Dessa maneira, a biblioteca universitária necessita reavaliar constantemente suas atividades, de modo a cumprir seu papel também de produtora cultural, que ocorre quando considera a importância de realizar atividades de mediação mais voltadas à comunicação direta, entendendo essas atividades como uma aproximação de leitores.

Sem o bibliotecário, com os seus conhecimentos organizacionais e de orientação, o espaço dos livros torna-se altamente caótico e tende a perecer rapidamente. Sem livros, o espaço torna-se inútil. Sem usuário, o espaço da biblioteca não se dinamiza, perde o seu valor e morre (SILVA, 1997, p. 106).

Esses três elementos (bibliotecários, livros e usuários) são de fundamental importância para existência de uma biblioteca, ainda mais quando se pensa no âmbito da biblioteca universitária, onde a formação do leitor literário requer atenção e aprimoramentos.

O processo de letramento literário deve ser também utilizado no ensino superior, levando aos acadêmicos a possibilidade de uma formação concreta de leitores literários que ampliem suas habilidades e as utilizem no processo de assimilação de conhecimento, bagagem esta que contribui para a formação acadêmica e para a vida fora do âmbito da universidade. É importante perceber que a biblioteca universitária, assim como a escolar e pública, possui um papel muito relevante nessa formação de leitores, pois por meio delas e nelas, podem ser elaboradas e concretizadas ações voltadas para incentivo da leitura. Ainda no eixo universitário, temos a importância da biblioteca universitária como um setor fundamental para o desenvolvimento de ações e estratégias que colaborem com o letramento literário no meio acadêmico, este setor desempenha o papel de levar informação, processar e fomentar estratégias para a criação do hábito da leitura.

O papel da biblioteca universitária é essencial na construção do leitor literário, pois, por meio dela, podem ser elaboradas e concretizadas ações voltadas para incentivo da leitura, o trabalho de estimulação à leitura na universidade perpassa por questões de formação e de estrutura física. A partir da perspectiva exposta, se faz necessários projetos que incentivem o hábito de se frequentar bibliotecas, para que a leitura aconteça além do período escolar para que assim o leitor tenha um contato direto com diversos tipos de leitura, e chegar no âmbito universitário capacitado para as diversas leituras propostas.

2.4 O bibliotecário como mediador da leitura literária

Sabe-se que no Brasil o hábito de leitura literária ainda está longe de ser uma realidade para todos, principalmente, quando se depara com o poder aquisitivo de uma grande parcela a população brasileira, que, infelizmente, não é dado o direito da compra de livros, pois estes ainda são caros. Esse fato alerta para a necessidade de refletirmos sobre os modos de acesso aos livros de literatura e aos meios que possam possibilitar que a leitura faça parte da formação sócio-intelectual dos sujeitos.

Acreditamos que um dos meios possíveis para mudar “um pouco” essa realidade, cabe a educação formal (seja nas escolas, seja nas universidades), pois ela abre espaço e alternativas para o fomento da leitura literária. À vista disso, a biblioteca precisa assumir e promover estratégias de fomento voltados à leitura literária.

Neste contexto, que precisamos pensar na figura da(o) bibliotecária(o), no seu papel, como profissional, que pode ir muito além de reunir, de organizar e de disseminar a informação para os usuários da biblioteca, sobretudo, quando este assume a promoção da leitura literária, como mediador de leitura. Assim, de acordo com Flávia Goullart Mota Garcia Rosa e Nanci Oddone (2006, p. 183), a seguir:

Transformar o Brasil em um país de leitores não é tarefa fácil, [...] no qual novos suportes informacionais direcionam as políticas não apenas para as práticas leitoras e para a alfabetização cidadã, mas principalmente para o domínio das novas tecnologias, muitas vezes distantes da formação do cidadão leitor e apenas instrumentalizadoras de habilidades primárias que têm como objetivo incluir o cidadão nessa sociedade. (ROSA; ODDONE, 2006, p. 183).

Dessa forma, a/o bibliotecária(o) passa a ser a/o intermediária(o) entre o leitor e os livros, podendo esta mediação ser cada vez mais proveitosa para motivar e ajudar na construção de leitores literários. Desta maneira, a mediação da leitura que pode se efetivar na biblioteca universitária concretiza o incentivo à formação leitora, que ocorre também pela apropriação cultural deste ambiente/espço, refletindo, assim, na compreensão do leitor em sua complexidade.

A palavra mediador deriva do latim *mediatore*, e significa aquele que medeia ou intervém. Em se tratando de leitura literária, podemos considerar que o(a) mediador(a) de leitura é o sujeito que consegue fazer uma ponte de aproximação entre o leitor e obra (e/ou texto). Em outras palavras, o(a) mediador(a) é aquele sujeito facilitador desta relação leitor-texto. Para Japiassú e Marcondes (1990, p. 164), mediação é [...] “em um sentido genérico, a

ação de relacionar duas ou mais coisas, de servir de intermediário ou ponte, de permitir a passagem de uma coisa à outra”. Como intermediários da leitura literária, as/os mediadores encontram-se em uma situação de desafio, pois têm que buscar meios de incentivar e criar possibilidades de levar crianças e jovens a infinitas descobertas.

Para Barros (1995, p. 56), “[...] mediar leitura, na biblioteca, significa fazer fluir material de leitura até o leitor, eficiente e eficazmente, formando e preservando leitores. Significa uma postura ativa, de acordo com uma biblioteca moderna e aberta”. Também Martins (2010), aponta que no âmbito da Biblioteconomia, a compreensão mais sedimentada de mediação é a de elo e ponte estabelecidos por meio de um elemento terceiro, com vistas ao acesso à leitura e à informação. Neste sentido, para a perspectiva da mediação leitora, converge-se à noção de mediação, como a ação de intermediação destinada a promover o encontro entre dois elementos desconectados.

Também para Marteleto e Couzinet (2013, p. 10), a noção de mediação de leitura tem se transformando nos últimos anos, passando da ideia de transmissão unilinear, concebida nas teorias clássicas e alicerçada na figura de um mediador ou de uma mídia, a um processo onde intervêm diferentes agentes técnicos, sociais e culturais.

Já nas ciências sociais, sociólogos da cultura e das instituições, como Bourdieu (1983), passaram a abordar as mediações não, apenas, como uma transmissão voluntária de ideias, mas, antes, como um processo de interiorização de normas e de comportamentos atuante por meio de um “sistema de nomeações e de posições sociais” (BOURDIEU, 1983), conduzindo os sujeitos a adotarem certas práticas como se elas fossem naturais.

Segundo Barros (2006), o(a)s bibliotecário(as) são importantes mediadores no processo da leitura literária, assim, para o desenvolvimento eficiente deste processo de mediação são necessários, mínimos conhecimentos teóricos sobre leitura literária e literatura. Além disso, dominar o acervo de obras literárias disponíveis na biblioteca com todos os seus recursos informacionais. Logo, o(a)s mediadore(a)s de leitura são aquelas pessoas que estendem pontes entre os livros e os leitores, ou seja, que criam as condições para fazer com que seja possível que um livro e um leitor se encontrem (REYES, 2010).

Portanto, o papel da(o) bibliotecária(o) também é o de se configurar e de se construir de modo contínuo, como um agente ativo em relação aos bens culturais que integram o espaço da biblioteca universitária, incluindo o fomento à leitura literária. Desta maneira, por meio de projetos e/ou atividades de mediação de leitura literária, é possível ajudar no processo de construção de leitores literários, fazendo com que os sujeitos leitores consigam avançar no

letramento literário (que vai além do processo de alfabetização, no sentido de decodificação das palavras), mas compreendido como prática social. Como já mencionado neste estudo, o letramento literário é uma prática social que transforma o sujeito em um ser questionador, observador e ciente de seu lugar no mundo. Ele lê, interpreta e sentidos particulares ao lido.

Para tanto, o(a) bibliotecário(a) tem que ter consciência do seu papel de mediador de leitura literária e da importância da literatura na sociedade, podendo, assim, assumir uma postura mais crítica e política. À vista disso, a(o) bibliotecária(o) necessita estar articulado com projetos e/ou atividades literárias, que estimulem a leitura literária, seja por meio da indicação de livros e/ou de textos, da organização de exposições de obras literárias, da exibição de filmes de arte, podendo, ainda, recorrer aos círculos de leitores, aos encontros com debates orais sobre livros. Tudo isso para criar condições favoráveis de motivação e de incentivo à leitura literária. Também lembremos a importância de a(o) bibliotecária(o) ser um leitor literário sempre em formação (a formação leitora nunca é acabada), por isso, a leitura literária é constante.

Para que isso aconteça, é necessário que o bibliotecário assuma de vez e definitivamente a dimensão política e educativa do seu trabalho, colocando-se como um corresponsável na formação de leitores críticos. Não bastando que existam bibliotecas repletas de informação qualitativas e críticas é necessário também dinamizá-las criticamente através da invenção de mecanismos participativos e democráticos. Portanto, através do descongelamento da imaginação criadora do bibliotecário é que as bibliotecas existentes em nosso país poderão sair do seu ofuscamento.

Por isto, é importante esta reflexão sobre a dimensão socioeducativa em que se vincula a(o) bibliotecária(o), e verificar em que medida as práticas da leitura literária promovem uma democratização do conhecimento e ajudam a avançar a educação literária. Neste sentido, Ezequiel T. Silva (1987, p. 5) assevera “[...] percebo como impossível uma revolução qualitativa na área da leitura sem a participação e sem o compromisso dos bibliotecários para com os processos de mudança e transformação”. Dessa maneira, o que o autor aponta implica em responsabilidades que estão atreladas política e eticamente as/os bibliotecária(o)s.

Também outra prerrogativa que pode ser considerada positiva na atuação da(o) bibliotecária(o), é que ele, diferentemente do(a) professor(a), não está atrelado a currículos e/ou a avaliações, podendo, assim, ter maior flexibilidade para propor leituras literárias, propor “círculos de leitores” (COSSON, 2014), sem que se sinta pressionado por documentos curriculares e/ou disciplinas. Para o autor:

O círculo de leitura é uma prática privilegiada. Primeiro, porque, ao lerem juntos, os participantes do grupo tornam explícito o caráter social da interpretação dos textos e podem se apropriar e manipular seus elementos com um grau maior de consciência, quer seja para reforçar ou para desafiar conceitos, práticas e tradições (COSSON, 2014, p. 139).

Vale ressaltar ainda que as/aos bibliotecária(o)s compete [...] “criar soluções próprias ou adaptar experiências alheias, consciente de que o leitor tem uma porta diante de si, em direção à leitura e ao conhecimento” (BARROS, 1995, p. 58). Nesse sentido, os desafios são constantes, pois o papel que a(o) bibliotecária(o) desempenha em relação a motivação da leitura literária é de suma importância, pois, conforme asseveram Maria Izabel Cattani e Vera Teixeira Aguiar (1982, p. 33), “a vivência da leitura propicie o desenvolvimento do pensamento organizado, capaz de levar o jovem [e as demais faixas etárias] a uma postura consciente, reflexiva e crítica frente à realidade social em que vive e atua”

A(o) bibliotecária(o) pode interagir ativamente mediante a consciência do seu papel de mediador de leitura literária. E dimensionamento politicamente a sua atuação na biblioteca ajudar na construção do encontro leitor e texto. Conforme afirma Almeida Júnior (1997, p. 93), a seguir:

A biblioteconomia está precisando de uma “teologia de libertação”. Talvez, com ela, os bibliotecários passem a se interessar mais pelo povo, pelos carentes de informação, não de uma forma assistencialista, mas um dever, uma obrigação social da profissão. (ALMEIDA JÚNIOR, 1997, p. 93)

Sendo assim, vemos que este compromisso social da(o) bibliotecária(o) é forte, e o pacto com ações que fomentem a leitura literária precisa ser posto em prática, efetivado concretamente no espaço da biblioteca. Por isso, urge fomentar uma pluralidade de experiências e de acessos à literatura por meio de diferentes projetos e/ou ações.

3 A BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEDERAL DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO – UNIFESSPA/CÂMPUS DE XINGUARA-PA

Neste capítulo será apresentada a história da fundação da UNIFESSPA-PA, assim como de suas bibliotecas, com a finalidade de compreender sucintamente a realidade na qual está inserida a biblioteca do Câmpus de Xinguara. Nessa perspectiva, também será apresentado o perfil do leitor que frequenta a biblioteca e como ele se relaciona com a leitura literária. Outro ponto que será mostrado é como a Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU UNIFESSPA-PA tem contribuído com a formação de leitores a partir do letramento literário.

Para compreendermos o processo de funcionamento das bibliotecas da UNIFESSPA-PA, mais especificamente, da Biblioteca do Câmpus de Xinguara, é importante termos uma ideia de como surgiu e se desenvolveu a universidade na região sul e sudeste do estado do Pará.

A Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará – UNIFESSPA-PA foi criada por desmembramento da Universidade Federal do Pará (UFPA), através da Lei nº 12.824, de 5 de junho de 2013. Conforme Art. 2º da referida lei a instituição “terá por objetivo ministrar ensino superior, desenvolver pesquisa nas diversas áreas do conhecimento e promover a extensão universitária, caracterizando sua inserção regional mediante atuação multicampi”.

Com a criação da universidade, o Câmpus de Marabá da UFPA passou a integrá-la, bem como foram instalados os de Rondon do Pará, de Santana do Araguaia, de São Félix do Xingu e o de Xinguara. Sediada na cidade de Marabá, a UNIFESSPA-PA desenvolve atividades envolvendo os 39 municípios da mesorregião Sudeste Paraense, constituindo-se na segunda universidade pública criada no interior do Pará.

A academia na Amazônia necessita afirmar compromissos com o desenvolvimento sustentável, com a preservação ambiental, como o respeito à diversidade ética, cultural e biológica, com a prestação de serviços à sociedade (particularmente às populações e categorias mais marginalizadas) e, finalmente, com a afirmação da cidadania do homem amazônico. Ao lado de objetivos consagrados, como a indissociabilidade das atividades de ensino, de pesquisa e de extensão, excelência acadêmica e autonomia universitária, a academia na Amazônia deve também visualizar objetivos de natureza mais regional: a relevância social de suas ações e uma atuação multicâmpica (UFPA, 2011, p. 11, 12).

O Câmpus universitário de Marabá foi implantado em 1987 por meio do Programa de Interiorização da UFPA (Resolução nº 1.355, de 3 de fevereiro de 1986). Segundo Edilza Joana Oliveira Fontes:

O objetivo era melhorar a formação dos professores e do ensino das redes públicas no Pará. A UFPA só tinha cursos na capital e não oferecia vagas suficientes para formar

um grande número de professores. [...] Os cursos foram planejados para serem ministrados no período intervalar das aulas da UFPA e das redes de ensino, de forma concentrada, com docentes da capital que se deslocariam para os polos do projeto, onde a UFPA criaria campi (FONTES, 2012, p. 98-100).

Dessa forma, a Política de Interiorização possibilitou que se avançasse em relação à formação de professores da educação básica, por conta da criação de cursos de Licenciatura Plena em Letras, Pedagogia, Matemática, História, Geografia (1987) e Licenciatura Plena em 6 Ciências (1988) (UNIFESSPA-PA, 2013). Muitos dos alunos que ingressaram eram naturais do sudeste paraense, região caracterizada por movimentos sociais e iniciativas de educação popular.

Conforme a UNIFESSPA-PA (2013), a UFPA, no ano de 1992, intensificou o Programa de Interiorização com os cursos regulares nos Câmpus do interior com a constituição de um quadro docente. Em 1995, havia 16 docentes atuando no local.

Entre 1995 e 2004, o Câmpus continuou investindo fortemente na formação de professores para a rede pública (por meio dos cursos de Licenciatura e dos projetos específicos de formação, pesquisa e extensão) e na formação de agentes na área das Ciências agrárias, com uma licenciatura específica. Na segunda metade da última década, novos cursos foram criados nas licenciaturas (Química, Ciências Naturais, Física, Geografia, Educação do Campo), nas engenharias e outras áreas de formação técnico-acadêmica (Agronomia, Engenharia de Minas e Meio Ambiente, Sistemas de Informação, Engenharia de Materiais, Geologia). Num período de quinze anos, o Câmpus de Marabá evoluiu de 16 para 133 docentes efetivos.

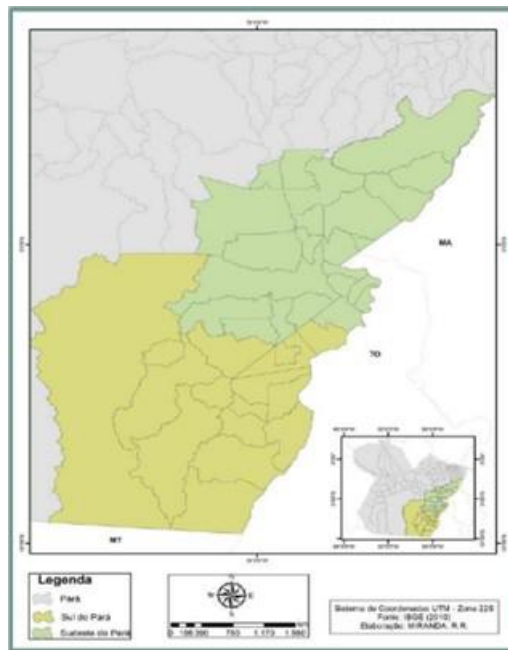
Neste campo da formação inicial e da qualificação docente, a universidade tem desempenhado historicamente um papel social relevante na região, incluindo a oferta de cursos (turmas) de pós-graduação *latu sensu* em História Social da Amazônia UFPA - Belém, Educação Ambiental e Educação do Campo, dentre outros. Contudo, o curso de História nunca foi implantado no Câmpus de Marabá, restringindo-se a oferta de duas turmas intervalares em Marabá, em 1987 e 1996, e três outras turmas em municípios da região Parauapebas, Conceição do Araguaia e Tucumã por meio de contratos com as prefeituras e/ou o governo do Estado, todas realizadas pela UFPA-Belém. A realização de cursos por contratos revela a demanda dos sistemas de ensino da educação básica, bem como a insuficiência dessa ação.

Com a estrutura de 05 (cinco) Câmpus espalhados por toda a região sul e sudeste do Estado, a UNIFESSPA-PA surgiu como um diferencial muito importante para todo o Pará, permitindo que diversas pessoas, não apenas aquelas nascidas nestas cidades onde se encontram

os Câmpus, mas das redondezas, tivessem a possibilidade de acesso ao ensino superior gratuito e de qualidade.

A estrutura multicampi da universidade é bem vista por todos, por diversos motivos, apesar de existir o problema da distância e da infraestrutura observadas nesse sistema multicampi, com a presença da universidade em diversas cidades da região sul e sudeste do estado, foi dada a oportunidade a pessoas que moram em cidades pequenas e distante da capital de também terem acesso ao ensino superior sem precisar sair de sua cidade, e aos que precisarem sair que não fosse para muito distante como acontece, por exemplo, em Xinguara que recebe alunos das diversas cidades próximas, como Redenção distante 112 km, Sapucaia distante 35 km Eldorado dos Carajás distante 143 km, Conceição do Araguaia distante 209 km, entre outras.

Fig. 1 - Câmpus Universitários da UNIFESSPA-PA no Sul e Sudeste do Pará



Fonte: PDI 2020-2024 (UNIFESSPA-PA, 2021)

Depois de oito (08) anos de fundação, sendo ainda relativamente nova, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará tem se consolidado cada dia mais como uma importante instituição de ensino superior que leva a toda a população da região sul e sudeste do Estado do Pará um ensino gratuito e de qualidade. O trabalho tem sido bastante consistente, tanto que, de acordo com a divulgação das notas de avaliação das instituições de ensino superior públicas e privadas referente ao ano de 2019, chegou a ser considerada pelo MEC como uma das melhores instituições da região Norte do país (UNIFESSPA-PA, 2021).

Durante esse período de franco desenvolvimento, a universidade cresceu de forma extraordinária, tanto em estrutura física como em quadro de pessoal, sem contar com um considerável quantitativo de alunos que já passou por algum de seus Câmpus, com aproximadamente quatro mil e duzentos e quarenta e cinco (4.245) profissionais formados pela instituição. É de suma importância mencionar que a UNIFESSPA-PA tem se desenvolvido como uma universidade preocupada com as questões sociais, tendo diversos programas e projetos de assistência estudantil, em favor de candidatos oriundos de escolas públicas, de autodeclarados pretos ou pardos, indígenas e quilombolas e de pessoas com deficiência. Este crescimento está diretamente pautado nos pilares da educação superior: o ensino, a pesquisa e a extensão.

No que se tange ao ensino, a UNIFESSPA-PA tem se empenhado cada vez mais em oferecer um ensino de qualidade e com diversas opções para os que buscam ampliar seu conhecimento e ter uma formação acadêmica. Até o início do ano de 2020, a instituição contabilizava mais de quarenta e quatro (44) cursos de graduação presenciais distribuídos entre licenciaturas e bacharelados, entre os cinco (05) Câmpus ao longo da região sul e sudeste do estado. Também conta com um (01) curso de caráter semipresencial voltado para a formação de professores oferecidos pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR).

Ainda no que diz respeito ao ensino, a UNIFESSPA-PA oferece para os graduados cursos de pós-graduação nas modalidades *Strito Sensu* e *Lato Sensu*. São treze (13) cursos de mestrado, sendo seis (06) acadêmicos e sete (07) profissionais, e quatro (04) de doutorado, além de diversas opções de especialização. Ressalta-se que os cursos de pós-graduação também se encontram espalhados pelos diversos Câmpus da universidade.

Em relação às pesquisas, a UNIFESSPA-PA tem incentivado seus alunos a realizarem pesquisas, bem como para a ampliação e/ou participação de projetos científicos nacionais e internacionais, direcionando auxílio financeiro para ajudar estes alunos em apresentações de seus trabalhos em eventos científico-artísticos realizados no Brasil e em outros países. É notório o aumento de projetos e de concessões de bolsas oferecidas pela própria instituição como também pelo CNPq e pela CAPES. De acordo com o PDI da instituição, em 2019, o número de concessões chegou a duzentos e cinquenta e oito (258) bolsas (UNIFESSPA-PA, 2021).

Além do incentivo aos discentes, a pesquisa também tem sido mobilizada entre os docentes e os técnicos-administrativos, especialmente, por meio de programas que financiam a publicação e a apresentação de estudos, como é o caso do “Fórum de Extensão da Jornada de

Ensino, Pesquisa e Extensão - JEPE”. Ainda para que essas pesquisas sejam publicadas, a instituição possui uma política de criação e de manutenção de revistas eletrônicas que atendem toda a comunidade acadêmica.

A extensão é a maneira que a UNIFESSPA-PA tem de permitir que seus professores e alunos possam colocar em prática o conhecimento adquirido na sala de aula, por meio das práticas de ensino e de pesquisa. As ações de extensão procuram levar os alunos para a sociedade, compartilhando seu conhecimento para além do ambiente universitário.

Para conduzir a política de extensão, a universidade tem pautado suas ações em cinco eixos, a saber: (1) promover a cidadania; (2) desenvolvimento regional; (3) inclusão social; (4) diversidade; (5) respeito ao meio ambiente. Estes eixos direcionam discentes e docentes na forma de propor e de executar suas ações junto à comunidade.

Com a proposta de atender da melhor forma possível sua comunidade acadêmica, a partir desse tripé que foi apresentado, a UNIFESSPA-PA conta com uma ampla infraestrutura em todos os seus Câmpus, composta por salas de aula, por bibliotecas, por laboratórios, por auditórios, por espaços de convivência e por áreas administrativas.

Por meio do ensino, da pesquisa e da extensão, a instituição tem, a cada ano, desempenhado um papel fundamental em sua missão de produzir, sistematizar e difundir conhecimentos filosófico, científico, artístico, cultural e tecnológico, ampliando a formação e as competências do ser humano na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática, bem como no avanço da qualidade de vida. Desta forma, a universidade busca atingir sua visão como uma universidade inclusiva e de excelência na produção e difusão de conhecimento (UNIFESSPA-PA, 2019).

Antes de abordarmos as informações sobre a biblioteca de Xinguara, é importante mencionarmos como funciona o Sistema de Bibliotecas da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, que é responsável pela padronização de todas as outras bibliotecas.

3.1 Centro de Bibliotecas Universitárias – CBIU

Com a criação da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, ocorrida em 05 de junho de 2013, mediante sanção da Presidenta Dilma Rousseff (Lei 12.824), inicia-se, paulatinamente, o processo de desvinculação técnica das unidades informacionais vinculadas ao Câmpus Universitário de Marabá (CAMAR), do Sistema de Bibliotecas (SIBI) da

Universidade Federal do Pará (UFPA): Biblioteca Josineide da Silva Tavares (BJST) e Biblioteca II (BIB II).

Através da Resolução de n.º 011/2015 do CONSUN, foi estruturado o Sistema de Biblioteca da UNIFESSPA-PA, sendo sua sede na biblioteca setorial (CAMAR) localizada no Câmpus II de Marabá.

Em 2019, ocorre referenda aprovação da reestruturação organizacional da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, através da Resolução de n.º 077/2019 do CONSUN, e o Sistema de Bibliotecas da universidade sofre modificação de nomenclatura para Centro de Biblioteca Universitária da UNIFESSPA-PA (CBIU/UNIFESSPA-PA).

CBIU/UNIFESSPA-PA, conforme Resolução de n.º 077/2019 do CONSUN, trata-se de um órgão suplementar que está vinculado à reitoria, voltado para o desenvolvimento de atividades técnicas.

O Centro de Bibliotecas objetiva promover uma gestão integrada das bibliotecas ACADÊMICAS, oportunizar o compartilhamento de serviços e produtos, racionalizar o uso dos recursos orçamentários e de pessoal para assim estabelecer padrão de excelência na disseminação da informação em conjunto com os pilares que compõem a universidade: ensino, pesquisa e extensão.

O CBIU é responsável pela coordenação técnica, administração e divulgação dos recursos informacionais das sete bibliotecas setoriais, assim distribuídas:

1. Biblioteca Josineide da Silva Tavares (BSJST) - Marabá (Unidade I);
2. Biblioteca Setorial – (BIBII) - Marabá (Unidade II);
3. Biblioteca Setorial Câmpus Tauarizinho (BSCT) - Marabá (Unidade III);
4. Biblioteca Prof.^a Maria Conceição Tavares de Almeida “Ceixa” (BIBMCTA) - Rondon do Pará;
5. Biblioteca do Instituto de Estudos do Xingu (BIEIX) - São Félix do Xingu;
6. Biblioteca do Instituto de Engenharia do Araguaia (BIBIEA) - Santana do Araguaia;
7. Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido (BIBIETU) - Xinguara.

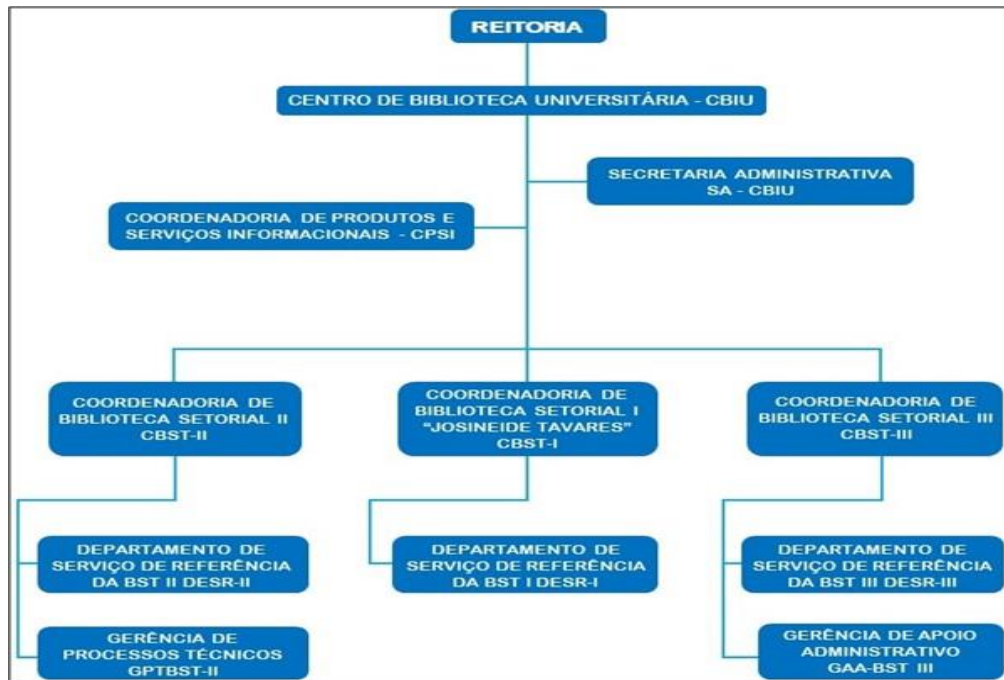
As bibliotecas setoriais, localizadas no Município de Marabá, estão subordinadas administrativamente e tecnicamente ao CBIU. Nesse sentido, a subordinação administrativa compreende: manutenção do espaço físico, mobiliários e equipamentos, disponibilização de material permanente, consumo, obras e serviços.

As bibliotecas Setoriais fora da sede Marabá estão subordinadas administrativamente aos institutos aos quais pertencem, enquanto que tecnicamente estão subordinadas ao CBIU.

Ressalta-se que a subordinação técnica compreende: padrões biblioteconômicos, políticas regimentais, automação, treinamento e atualização do acervo e de recursos humanos.

A esquematização gráfica abaixo representa o organograma de linha hierárquica do CBIU/UNIFESSPA-PA, conforme Resolução de n.º 077/2019 do CONSUN.

Fig. 2 – Imagem do Organograma Atual



Fonte: CBIU/UNIFESSPA-PA (2022)

De acordo com o Plano de desenvolvimento institucional (PDI - 2020-2024), apresenta-se a distribuição da área física destinada as sete bibliotecas com as quais a universidade conta para dar apoio informacional à comunidade acadêmica, contribuindo para o desenvolvimento das atividades de ensino, pesquisa e extensão, perfazendo um total de 1.255,06 m², em dezembro de 2019.

Quadro 1 - Espaço físico, área para estudos e equipamentos, por biblioteca

Biblioteca Josineide da Silva Tavares (Unidade I)	
área construída total	218,52 m²
área destinada ao acervo	83,91 m ²
área destinada aos usuários	116,24 m ²
área destinada ao serviço administrativo	18,37 m ²
total de assentos	61
computadores destinados aos usuários	10
computadores destinados ao uso administrativo	6
Biblioteca Setorial II	
área construída total	221,62 m²
área destinada ao acervo	69,15 m ²
área destinada aos usuários	121,29 m ²
área destinada ao serviço administrativo	31,18 m ²
cabine para estudo individual	16
total de assentos	92
computadores destinados aos usuários	9
computadores destinados ao uso administrativo	6
Biblioteca Setorial III	
área construída total	284,21 m²
área destinada ao acervo	113,78 m ²
área destinada aos usuários	100,58 m ²
área destinada ao serviço administrativo	28,40 m ²
empréstimos e guarda volume	41,45 m ²
cabine para estudo individual	9
cabine para estudo em grupo	2
total de assentos	66
computadores destinados aos usuários	12
Biblioteca Setorial de Xinguara	
área construída total	143,34 m²
área destinada ao acervo	60,81 m ²
área destinada aos usuários	71,93 m ²
área destinada ao serviço administrativo	10,60 m ²
total de assentos	22
computadores destinados aos usuários	6
computadores destinados ao uso administrativo	2
cabine para estudo individual	4

continua

continuação

Biblioteca Setorial de Rondon do Pará	
área construída total	284,21 m²
área destinada ao acervo	113,78 m ²
área destinada aos usuários	100,58 m ²
área destinada ao serviço administrativo	28,40 m ²
empréstimos e guarda volume	41,45 m ²
cabine para estudo em grupo	2
total de assentos	50
computadores destinados aos usuários	6
computadores destinados ao uso administrativo	2
Biblioteca Setorial de São Félix do Xingu	
área construída total	50,59 m²
área destinada ao acervo	21,66 m ²
área destinada aos usuários	18,39 m ²
área destinada ao serviço administrativo	10,54 m ²
cabine para estudo individual	10
cabine para estudo em grupo	1
total de assentos	16
computadores destinados aos usuários	5
computadores destinados ao uso administrativo	1
Biblioteca Setorial de Santana do Araguaia	
área construída total	52,57 m²
área destinada ao acervo	24,90 m ²
área destinada aos usuários	27,67 m ²
área destinada ao serviço administrativo	0,00 m ²
cabine para estudo individual	5
total de assentos	38
computadores destinados aos usuários	2
computadores destinados ao uso administrativo	1

Fonte: PDI 2020-2024/ CBIU/UNIFESSPA-PA

Para atender as demandas e atuar no contexto exposto, o Sistema de Bibliotecas possui o seguinte capital humano, conforme exposto no quadro abaixo.

Quadro 2 - Recursos humanos

CARGO	LOTAÇÃO	
	MARABÁ	FORA DE SEDE
Bibliotecários	07	03
Assistentes administrativos	05	00
Bolsista	05	03
Total	16	06

Fonte: CBIU/UNIFESSPA-PA

Há necessidade de ampliar o quadro funcional do CBIU para atender às demandas de expansão da UNIFESSPA-PA. Com esse aumento ocorrido principalmente pela ampliação dos cursos de graduação e pós-graduação e considerando a recente redução no quadro de bolsistas, a ação visa ampliar o quadro funcional para manter a alta qualidade dos produtos e serviços ofertados à comunidade interna e externa da academia.

Os servidores lotados nas bibliotecas fora de sede não possuem vinculação administrativa com o CBIU, cabendo a eles somente o atrelamento técnico, ou seja, a observância do atendimento das questões operacionais afetas ao desempenho do Sistema.

O acesso às bibliotecas integrantes do CBIU/UNIFESSPA-PA é aberto à comunidade externa e interna, sendo viabilizado por intermédio da consulta local ao acervo, da disponibilização de recursos tecnológicos e por meio de condições de acessibilidade para usuários com deficiência.

Existem coleções, no entanto, que são de acesso restrito, devido às suas especificidades. Esses materiais podem ser consultados mediante solicitação no setor de referência (balcão de atendimento) da biblioteca.

O acervo digital do centro é composto pelo Repositório Institucional (RI). O RI é uma biblioteca virtual que reúne os conteúdos digitais produzidos pela universidade, contribuindo para a maior visibilidade da produção científica institucional. O RI possibilita fazer o *download* do material disponível.

Com relação aos serviços de circulação de materiais bibliográficos (empréstimo domiciliar e reprográfico, renovação e reserva) são concedidos, exclusivamente, aos discentes e servidores da instituição mediante cadastro na biblioteca. A pesquisa ao acervo, a reserva e a renovação podem ser realizados vinte e quatro horas por dia, de maneira remota, ou durante o horário presencial. Nessa perspectiva, no que concerne à disponibilização de recursos tecnológicos, as bibliotecas dispõem de computadores com acesso à internet para a consulta ao acervo e outras fontes informacionais gratuitas e/ou assinadas pela instituição.

Aos usuários da comunidade externa será autorizada apenas a consulta local dos materiais bibliográficos, além da disponibilidade de acesso à rede *wireless*.

Sobre as condições de acessibilidade para usuários com deficiência, as bibliotecas da UNIFESSPA-PA atendem as necessidades informacionais desses usuários, sob demanda, atuando em parceria, com o Núcleo de Acessibilidade e Inclusão Acadêmica (NAIA).

Quanto à acessibilidade arquitetônica e física, algumas bibliotecas da instituição possuem adaptações, entre as quais é possível destacar: entradas e saídas com

dimensionamentos adequados, banheiros adaptados, redimensionamentos entre as estantes para facilitar a circulação de cadeirantes, sinalização do acervo em braile, computador com sistema DOSVOX para alunos com deficiência visual e computador com recursos de acessibilidade para consulta ao acervo.

No que tange ao funcionamento, as bibliotecas do CBIU/UNIFESSPA-PA funcionam de segunda a sexta-feira, no horário de 8h às 19h, ininterruptamente, excetuando-se feriados e pontos facultativos, com ressalva para as bibliotecas de fora de sede, que tem horário diferenciado para o atendimento ao público, conforme especificação abaixo:

Quadro 3 - Horário de funcionamento das bibliotecas do CBIU/UNIFESSPA-PA²

Biblioteca – Local	Dias da semana	Horário
Biblioteca Setorial Josineide da Silva Tavares (Marabá) – Unidade I	segunda a sexta	8h a 19h
Biblioteca Setorial II (Marabá)	segunda a sexta	8h a 19h
Biblioteca Setorial III CT (Marabá)	segunda a sexta	8h a 19h
Biblioteca MCTA (Rondon do Pará)	segunda a sexta	8h a 12h e 14h a 18h
Biblioteca IEA (Santana do Araguaia)	segunda a sexta	8h a 12h e 14h a 21h
Biblioteca Ietu (Xinguara)	segunda a sexta	8h a 12h e 14h a 20h
Biblioteca IEX (São Félix do Xingu)	segunda a sexta	8h a 12h e 14h a 18h

Fonte: PDI 2020-2024/ CBIU/UNIFESSPA-PA

O horário de funcionamento das bibliotecas poderá sofrer alterações temporárias ou permanentes em virtude de situações de cunho administrativo.

A formação do acervo deve contemplar os diversos tipos de materiais bibliográficos em seus variados suportes e em consonância com as exigências pedagógicas, atendendo ao conteúdo curricular dos cursos ofertados pela instituição, servindo de apoio informacional às atividades de ensino, pesquisa e extensão universitária, além de manter a memória da

² A biblioteca do IETU/UNIFESSPA Câmpus de Xinguara, assim como as demais bibliotecas fora de sede (Santana do Araguaia, Rondon do Pará e São Félix do Xingú) tem seu horário de funcionamento de 8h às 12h e de 14h às 20h tendo em vista que os bibliotecários(as) não possuem assistentes administrativos enquanto recursos humanos para lhes auxiliarem em suas atividades administrativas e acadêmicas. Eles (as) contam somente com 01 bolsista no horário de 08 às 12 h de segunda a sexta-feira pelo período de 1 ano, fato esse que impossibilita à biblioteca aumentar seu horário de funcionamento. Os Câmpus 1, 2 e 3 na sede em Marabá contam com servidores assistentes administrativos e um número maior de bolsistas, o que possibilita um horário maior de funcionamento.

instituição. A seguir apresenta-se o quadro do acervo das bibliotecas de acordo com as áreas dos conhecimentos.

Quadro 4 - Acervo, impresso e em multimídia, por área de conhecimento do CNPq: janeiro de 2020

Área (CNPq)	Livros e outras obras ¹		Outros materiais impressos e em multimídia ⁴	
	Títulos ²	Exemplares ³	Títulos ²	Exemplares ³
Ciências Exatas e da Terra	1.555	10.116	211	546
Ciências Biológicas	349	2.128	61	95
Engenharia/Tecnologia	617	3.584	209	297
Ciências da Saúde	274	1.695	19	38
Ciências Agrárias	296	1.110	93	105
Ciências Sociais e Aplicadas	4.506	15.645	416	526
Ciências Humanas	3.314	12.467	254	443
Linguística Letras e Artes	2.885	9.178	143	294
Multidisciplinar ⁵	567	2.148	194	230
Totais	14.363	58.071	1.600	2.574

Fonte: PDI 2020-2024/ CBIU/UNIFESSPA-PA

3.2 Serviços e produtos das bibliotecas integrantes do CBIU/UNIFESSPA-PA

O serviço de consulta local é um serviço disponível no qual os usuários utilizam qualquer obra do acervo nas dependências das Bibliotecas CBIU. Esse serviço é disponibilizado para qualquer pessoa que deseja consultar ou pesquisar nos acervos das bibliotecas.

A consulta ao catálogo com todas as obras constantes no acervo pode ser feita por meio de consulta nos terminais localizados nas bibliotecas ou via internet, no seguinte endereço: <https://sigaa.unifesspa.edu.br/sigaa/biblioteca/index.jsf>.

As bibliotecas integrantes do CBIU/UNIFESSPA-PA oferecem à comunidade universitária os seguintes serviços e produtos:

- a. Livros - disponíveis para consulta para comunidade interna e externa;
- b. Periódicos - disponíveis para consulta;
- c. TCC, teses e dissertações - localizadas nas bibliotecas do CBIU, sendo necessário solicitar auxílio de funcionários;

- d. Acervo multimídia – Acervo específico, também é necessário solicitar auxílio de um funcionário. As Bibliotecas possuem terminais de computadores para consulta de CD's e DVD's e videoteca para visualização de filmes ou vídeos;
- e. Repositório institucional: pode-se fazer *download* dos arquivos. Disponível para à comunidade interna e externa;
- f. Acesso à internet: ao público em geral, tanto interno quanto externo, é garantido o direito à consulta nos diversas terminas de computadores das bibliotecas do CBIU.

O serviço de empréstimo domiciliar destina-se aos usuários inscritos nas bibliotecas e é realizado mediante apresentação da carteirinha de usuário. Os prazos de empréstimo são de dias corridos, definidos de acordo com o tipo de usuário. O material emprestado pode ser devolvido de segunda a sexta-feira, de 8h às 19h. A devolução de obras com atraso implicará em suspensão em dia de atraso, não sendo contados finais de semana e feriados.

Já o portal de periódicos, da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES), é uma biblioteca virtual que reúne e disponibiliza às instituições de ensino e pesquisa no Brasil o melhor da produção científica internacional. Ele conta com um acervo de mais de trinta e sete mil (37. 000) títulos com texto completo, cento e inte e oito (128) bases referenciais, onze (11) bases dedicadas exclusivamente a patentes, além de livros, enciclopédias e obras de referência, normas técnicas, estatísticas e conteúdo audiovisual.

O setor de periódicos oferece treinamento à comunidade acadêmica com a finalidade de oferecer melhores subsídios para a realização de pesquisas de artigos de periódicos e bases de dados.

As bibliotecas da UNIFESSPA-PA oferecem treinamentos e formações no que diz respeito à formação de trabalhos acadêmicos e pesquisa em bases de dados tanto do portal de periódicos da CAPES quanto de acesso aberto. Também orienta em como fazer pesquisas, renovação e reserva no sistema Pergamum (catálogo on-line). O agendamento dos treinamentos podem ser realizados através dos e-mails das bibliotecas do CBIU.

Quanto à elaboração de ficha catalográfica na fonte dos tccs, teses e dissertações defendidas na UNIFESSPA-PA e de outros trabalhos técnico-científicos editados pela comunidade acadêmica, a solicitação a este serviço é feita através dos e-mails das bibliotecas integrantes do CBIU.

3.3 O Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU - Câmpus de Xinguara

O Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU foi criado pela Portaria nº 060 de 19 de setembro de 2013 e começou efetivamente suas atividades em setembro de 2014. Possui quatro (04) cursos de graduação (História, Geografia, Zootecnia e Medicina Veterinária), um (01) curso de Pedagogia em caráter semipresencial voltado para a formação de professores oferecidos pelo Programa Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR) e no que se refere à pós-graduação *Strictu Sensu* possui um (01) mestrado profissional em História – ProfHistória, criado em 2020 que oferta quinze (15) vagas anualmente e tem um corpo docente formado por professores dos Câmpus de Xinguara e Marabá.

Também há dois (02) cursos na área de Humanas (História e Geografia), surgiu a faculdade de Ciências Humanas (FCH), que funciona no referido Câmpus. O Câmpus de Xinguara está estruturado em duas (02) unidades, que atendem a comunidade acadêmica e geral, sendo elas:

- a) Unidade 1 – localizada no centro da cidade de Xinguara, comporta o arquivo da Comissão Pastoral da Terra (CPT), a qual tem parcerias com o instituto em projetos de extensão e pesquisa com relação aos cursos de História e de Geografia.
- b) Unidade 2 - Esta unidade conta com técnicos administrativos em educação, lotados em cinco setores (coordenação administrativa, secretaria executiva, departamento de biblioteca, departamento de suporte computacional setorial, administração de patrimônio e material, assuntos educacionais e pedagógicos e laboratório) e o Hospital Veterinário (HVT), construído recentemente, com verbas do governo federal, com o objetivo de dar suporte para os cursos de Medicina Veterinária e de Zootecnia.

Estas unidades procuram atender todas as necessidades acadêmicas do Câmpus, sejam elas administrativas e/ou pedagógicas, possibilitando aos estudantes da região o acesso à educação superior pública de qualidade, sem imperativo deslocamento para grandes centros, ensejando a fixação de profissionais qualificados, em cumprimento à função social das universidades públicas, e também são utilizadas para atender a comunidade geral, como é o caso da biblioteca e do hospital veterinário, que são abertos para quem deles necessitarem.

Fig. 3 – Câmpus do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU/Xinguara



Fonte: Site IETU/UNIFESSPA-PA

3.4 A biblioteca do Câmpus de Xinguara e o leitor literário: relações de interação

O Câmpus de Xinguara passou a funcionar a partir do ano de 2014, com duas (02) unidades em decorrência da criação dos cursos de Geografia, de Zootecnia e de Medicina Veterinária, pois anteriormente somente o curso de História existia no local. Ainda no tempo em que o Câmpus de Xinguara possuía apenas uma (01) unidade (a do Centro), já existia a biblioteca nesta unidade, depois a biblioteca foi transferida para a segunda unidade, principalmente, em função de todos os cursos passaram a funcionar nessa unidade dois (02) e também pelo fato da necessidade de se ter mais espaço para o crescimento do acervo bibliográfico.

Sendo assim, a biblioteca do CBIU/UNIFESSPA-PA, do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU/Câmpus de Xinguara, é caracterizada como uma biblioteca universitária pública e federal. Os principais usuários da biblioteca são os discentes, os docentes e os servidores técnicos administrativos. Uma de suas principais características é o acesso livre ao seu acervo, quando todos podem ter contato direto com as obras do acervo físico, sem necessidade de intermédio de outras pessoas. Desta forma, todos os interessados podem frequentar e acessar o acervo, porém, apenas a comunidade acadêmica tem permissão para empréstimo de seus materiais, como: folhetos, livros, multimídias (CD-ROM, DVD, etc.), obras de referência (dicionário, glossário, bibliografia, enciclopédia, atlas, etc.), periódicos e

trabalhos acadêmicos (tese, dissertação, monografia de especialização e trabalho de conclusão de curso), como já mencionado.

Devemos destacar que, no âmbito de Xinguara, a biblioteca do IETU tem se tornado um diferencial, pois, mesmo sendo uma biblioteca universitária, ela tem contribuído para as pesquisas de diversos públicos, englobando a comunidade em geral, haja vista o fato da cidade possuir poucas bibliotecas escolares³, e somente uma que é pública, A Fundação Casa da Cultura de Xinguara⁴, que foi criada e regulamentada através da Lei Municipal nº 448-A/2001, com estrutura administrativa própria e atribuições de seus cargos e órgãos instituídos pela Lei Municipal nº 478/2001, conforme as disposições contidas no inciso XIX do art. 37 da Constituição da República Federativa do Brasil, de 5 de outubro de 1988. Desta forma, é comum encontrar usuários que não têm vínculo direto com a UNIFESSPA-PA, mas que utilizam a biblioteca como seu local de pesquisa e de estudo.

Como parte integrante do CBIU/UNIFESSPA-PA, ela assume, em Xinguara, junto aos cursos de licenciaturas, ciências agrárias e de pós-graduação, a missão geral do sistema de bibliotecas, que é a de oferecer acesso as mais diversas informações necessárias para o apoio à formação leitora e acadêmica de toda a comunidade universitária.

³ O total de escolas do município é de 29, mas não é possível informar se todas as bibliotecas escolares funcionam efetivamente.

⁴ PREFEITURA DE XINGUARA. **Superintendente da Fundação Casa da Cultura de Xinguara**. Xinguara, PA: Prefeitura de Xinguara, 2022. Disponível em: https://xinguara.pa.gov.br/web/pag_trans.php?pg=trans/list&grupo=Estrutura+Organizacional&secao=departamentos. Acesso em: 15 jun. 2022

Fig. 4 - Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU/UNIFESSPA-PA



Fonte: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

3.4.1 Acervo e serviços

Desde o início do desenvolvimento do IETU e da biblioteca, busca-se atender cada vez melhor os usuários, por meio da oferta de informações e de serviços que têm sido a principal preocupação da biblioteca do durante todo o período de sua existência. Apesar de algumas dificuldades, principalmente com o espaço físico, a biblioteca sempre busca disponibilizar um acervo adequado e serviços eficientes, facilitando o processo de procura por informações.

O departamento utiliza o *software* SIGAA- módulo biblioteca - Sistema Integrado de Bibliotecas para gerenciar os acervos do CBIU/UNIFESSPA. A partir do SIGAA é possível a consulta simultânea em todas as bibliotecas da universidade. Desse modo, o usuário tem acesso às informações sobre qualquer item do acervo. Entre outros serviços, o programa possibilita ao usuário fazer a realização de pesquisa bibliográfica, empréstimo domiciliar, renovação, reserva, consulta a seus dados, histórico, elaboração de ficha catalográfica, auxílio sobre utilização das normas da ABNT, acesso à internet, acesso à pesquisa ao periódico eletrônico CAPES, etc.

Uma das principais preocupações da biblioteca do IETU Câmpus de Xinguara tem sido a formação de um acervo sólido e consistente para atender as necessidades de pesquisa, de ensino e de extensão da comunidade e demais pesquisadores que a frequentam. Para o

desenvolvimento deste acervo, segue as diretrizes da Política de Desenvolvimento de Coleções, instituído pela Resolução de nº 077/2019 do CONSUN, com o principal objetivo de padronizar e de organizar a forma de desenvolvimento de coleções das bibliotecas.

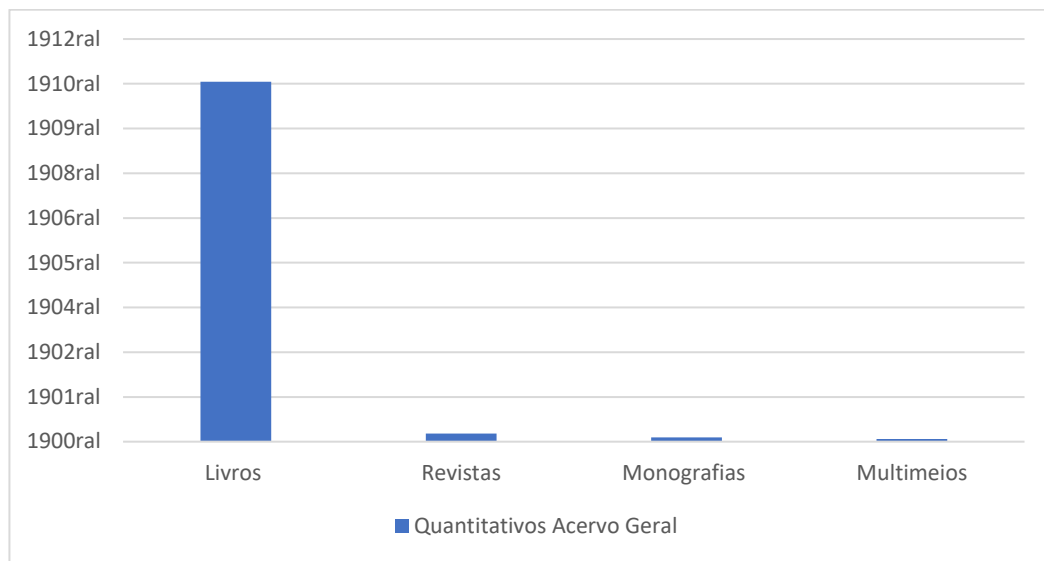
Fig. 5 - Acervo da Biblioteca do IETU/Câmpus Xinguara



Foto: Acervo pessoal da pesquisadora (2022)

De acordo com esta política, o desenvolvimento das coleções acontece de quatro maneiras, sendo (1) aquisição, (2) doação e (3) permuta, oferecendo várias possibilidades de aumento do acervo para atender mais pessoas e com mais qualidade. É importante ressaltar que, conforme apresentado na Política de Desenvolvimento, um dos critérios para formação do acervo é atender, principalmente, os currículos acadêmicos, que são obrigatórios, segundo as normativas do instrumento do Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira (INEP).

O acervo da biblioteca é composto por livros destinados aos cursos de graduação, de acordo com as exigências do MEC, bem como por livros voltados para os cursos de pós-graduação; além de periódicos em meio online disponíveis no portal capes e alguns títulos impressos oriundos de doações, de multimeios e monografias. O **Gráfico 1** apresenta a evolução do quantitativo do acervo entre os anos de 2018 a 2021.

Gráfico 1 - Quantitativo de Títulos Geral do Acervo

Fonte: “Adaptado de” SIGAA - Módulo Biblioteca (2022)

Constata-se que as compras de livros seguem algumas diretrizes, em que o foco principal está voltado para as bibliografias básicas e complementares de cada curso. Ressalta-se que todo recurso é administrado diretamente pela coordenação do CBIU/UNIFESSPA-PA, sendo responsabilidade das bibliotecas apenas o levantamento dos livros que precisam ser comprados junto às coordenações de curso em função de seus PPC's (Programas Políticos-Pedagógicos dos Cursos). Desta forma, as bibliotecas não possuem orçamento individual, a divisão do recurso é realizada pela coordenação do instituto, de acordo com a demanda apresentada. Seguindo essas diretrizes, a UNIFESSPA-PA recomenda que:

Na seleção dos materiais que irão compor o acervo, utiliza-se como principal referência as bibliografias básica e complementar constantes nos projetos pedagógicos dos cursos de graduação e pós-graduação, garantindo a correlação pedagógica entre o acervo e os planos de ensino. Por se tratar de um processo interdisciplinar que envolvem as coordenações de cursos, a Pró - Reitoria de Ensino de Graduação (PROEG), o Centro de Tecnologia da Informação e Comunicação (CTIC) e o Sistema de Bibliotecas (SIBI), torna-se imprescindível o trabalho coletivo para se atingir o objetivo maior da seleção do acervo: o de formar uma coleção equilibrada e coerente com as necessidades dos usuários. Para tal, a biblioteca utiliza-se de instrumentos apropriados, que fundamentam a escolha dos materiais de forma qualitativa e quantitativa, evidenciando importantes subsídios a serem utilizados na tomada de decisões (UNIFESSPA-PA, 2019, p. 4).

Anualmente, a universidade destina uma previsão de orçamento para manutenção e atualização do acervo de todas as bibliotecas. No ano de 2020, de acordo com Universidade Federal do Sul e sudeste do Pará (2021), foram destinados 90.000,00 reais para atender esta demanda durante o ano de 2021. Infelizmente, em decorrência de sistemáticos cortes

orçamentários do poder federal, nem todos os anos as bibliotecas contam com este recurso. Contudo, durante o período de 2019 a 2020, muitos livros foram adquiridos.

No que tange aos gastos desse orçamento, são geridos pelo CBIU/UNIFESSPA-PA e seguem a seguinte lógica: quando liberado o orçamento para a compra de livros, o centro informa as bibliotecas, que enviam para todas as coordenações de cursos os formulários específicos para que solicitem os livros necessários a fim de que se efetue a compra. Alguns casos não são atendidos, seja pelo fato de o livro não ser mais comercializado, seja pela livraria ganhadora da licitação não ter acesso a alguns livros. Cabe lembrar que, a partir de 2020, essa realidade sofreu uma pequena mudança em virtude dos cortes orçamentários, prejudicando a manutenção e atualização do acervo.

Além destes materiais físicos, a biblioteca universitária, junto com todo o SIBI, oferece a seus usuários alguns acervos e serviços online, que estão disponíveis no site da UNIFESSPA-PA, na *home* do CBIU. Entre as possibilidades online, é possível a pesquisa no portal de periódicos da CAPES, com acesso livre aos membros da comunidade acadêmica, além de outras bases de dados disponíveis, como a *Scielo*, o Portal Brasileiro de Acesso Aberto à Informação Científica (OASISBR) e os periódicos da universidade. Também são disponibilizadas as monografias, as dissertações, as teses e demais produções feitas na instituição de forma online no repositório institucional, com acesso aberto tanto para comunidade interna e externa.

Um ponto importante a ser apresentado é o número de acervo destinado a área de Letras, em que estão incluídos os livros de literatura. A quantidade de livros por área do conhecimento é destacada no **Quadro 5**. Conforme o referido Quadro, percebemos que o acervo de Linguística, Letras e Artes (LLA) é o terceiro maior acervo da biblioteca, possuindo, no ano de 2021, um total de cento e vinte e oito (128) títulos, totalizando um razoável quantitativo de livros literários, com duzentos e onze (211) exemplares.

Quadro 5 - Livros por Área de Conhecimento da Biblioteca do IETU Câmpus de Xinguara

QUANTIDADE DE TÍTULOS POR ÁREA CNPq									
CA	CB	CET	CH	CS	CSA	CT	LLA	Sem Área	Total
37	40	34	517	27	260	7	109	8	1039

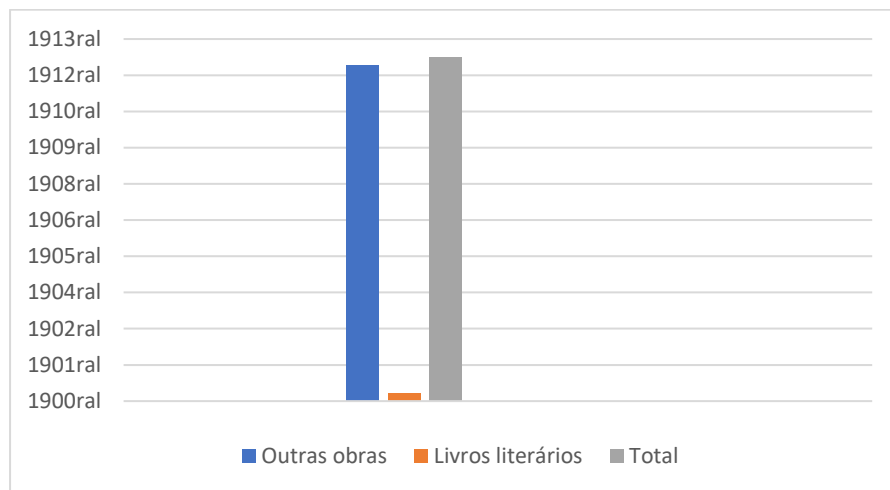
Área	Títulos	Exemplares	Fascículos	Digitais
CA	38	387	0	0
CB	47	407	0	0
CET	44	270	0	0
CH	575	1746	0	0
CS	29	210	0	0
CSA	306	755	0	0
CT	7	33	0	0
LLA	128	211	0	0
Sem Área	9	31	0	0
Total	1183 *	4050	0	0

Fonte: Adaptado de SIGAA - Módulo Biblioteca

Ter o terceiro maior acervo implica dizer que, além de servir aos cursos de graduação e de pós-graduação, são livros que podem vir a atender aos interesses de alunos que buscam leituras diferentes das científicas, pois muitos destes livros são Literaturas Estrangeiras e Brasileiras que, além de dar subsídios para as aulas e as pesquisas, podem ser utilizados para a leitura descontraída e prazerosa dos alunos da IETU-UNIFESSPA-PA.

Na análise dos empréstimos por assunto, é possível ver uma grande diferença do quantitativo registrado, o que mostra uma incidência maior de estudantes efetuando empréstimos de livros científicos. É importante notar que esta realidade é previsível, pois na universidade o foco principal do aluno é a formação profissional. Contudo, nada impede que ele tenha contato com a leitura literária, inclusive para desenvolver a leitura proficiente. Daí a importância de a biblioteca surgir como motivadora desta leitura, pois ter uma boa motivação e oferecer um bom acervo para os alunos é fundamental para formá-los como leitores literários.

No entanto, conforme dados de empréstimo retirados do SIGAA - Módulo biblioteca, a procura dos alunos por livros de cunho científico ainda é maior, apesar dos livros literários disponíveis. Pode-se confirmar isso no levantamento feito por meio do sistema da biblioteca, que traz o quantitativo de empréstimos nos anos de 2018 a 2021.

Gráfico 2 - Quantitativo de empréstimo por assunto 2018 a 2021

Fonte: Adaptado de SIGAA - Módulo Biblioteca

Vê-se, por meio dos dados do SIGAA, que a diferença de empréstimos no intervalo 2018 a 2021 mostra que existe uma real diferença entre os empréstimos de livros de outras áreas e os de livros literários. No ano de 2019 houve maior incidência de alunos utilizarem a biblioteca para empréstimos de livros. Já nos anos seguintes, em função da pandemia da COVID-19, há poucos empréstimos, sendo que somente sete (07) livros literários foram emprestados em 2020 em um total de quatrocentos e oitenta e três (483) empréstimos, e no ano de 2021, somente dezenove (19) livros foram emprestados, todos de outras áreas. No gráfico 1, observa-se que, do total de empréstimos entre os anos analisados é de quatro mil setecentos e cinquenta (4750 livros), e cento e treze (113) livros emprestados são literários, perfazendo o total de 2,37% em relação ao total de empréstimos.

Apesar de ser um percentual bastante baixo, esses dados mostram a grande oportunidade que se apresenta, que é a de buscar, por meio de projetos ligados à biblioteca, formar novos leitores literários entre os graduandos que frequentam o Câmpus.

3.4.2 Empréstimos de livros literários

Com a finalidade de conhecer um pouco mais da realidade de empréstimos dos livros ligados à literatura, foi realizado um levantamento dos livros mais emprestados referente aos anos de 2018 a 2021. O resultado é apresentado no **Quadro 6**, a seguir:

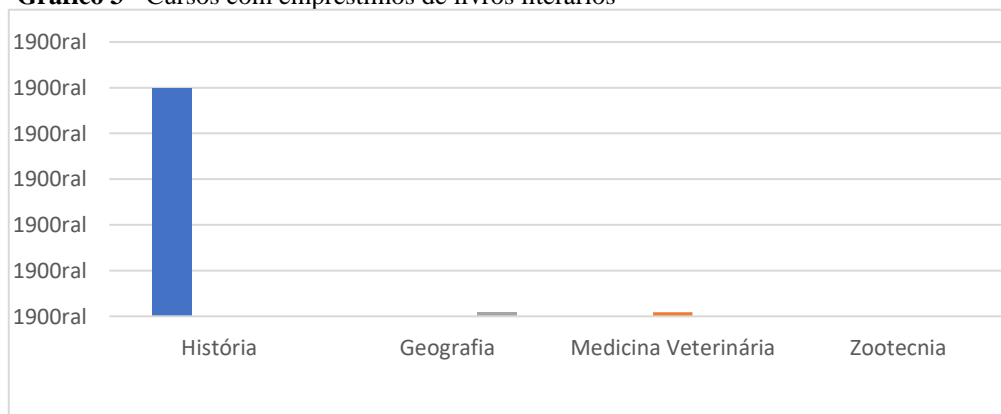
Quadro 6 - Livros literários mais emprestados nos anos de 2018 a 2021

Títulos emprestados	Quantidade de empréstimos
O que é escrita feminina, de Lucia Castelo Branco	60
Entroncamento do Xingú: nos tempos da colonização, de Wilton Borges	6
Crônicas Xinguara: histórias para rir e chorar, de Renato Gomes Soares	7
Magia e técnica, arte e política: ensaios sobre literatura e história da cultura, de Walter Benjamin	40
Total	113

Fonte: Adaptado de SIGAA - Módulo Biblioteca

A partir da lista apresentada no **Quadro 6**, foi possível analisar dois pontos, a saber: (1) títulos mais emprestados de livros literários; e (2) quantidade de empréstimos. Estes pontos ajudam a visualizar como o aluno do IETU-UNIFESSPA-PA relaciona-se com a leitura literária durante a vida acadêmica.

De início, verificou-se quais alunos efetuaram empréstimos de livros literários em conformidade com seu curso dentre os oferecidos no Câmpus, que são História, Geografia, Medicina Veterinária e Zootecnia. O gráfico a seguir apresenta a relação de empréstimos por curso acadêmico.

Gráfico 3 - Cursos com empréstimos de livros literários

Fonte: Adaptado de SIGAA - Módulo Biblioteca

A partir do **Gráfico 3**, nota-se que alunos dos cursos de Geografia, de Medicina Veterinária e de Zootecnia, implantados no IETU-UNIFESSPA no segundo semestre de 2018, não realizaram empréstimos de livros literários, além disso, constatou-se diminuição desse quesito no decorrer de 2020, devido à pandemia da COVID-19.

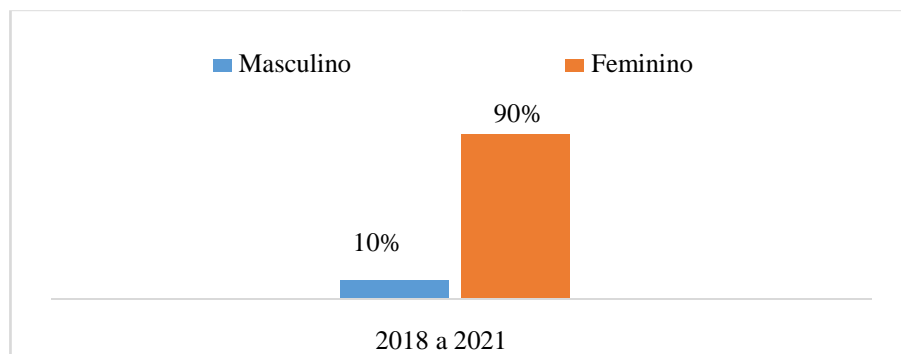
Um ponto interessante é o fato de que, dos quatro (04) cursos existentes no IETU-UNIFESSPA-PA Câmpus de Xinguara, somente o curso de História teve alunos com registro de empréstimo no intervalo pesquisado. Ressalta-se a hipótese de que os empréstimos deste

tipo de livro eram realizados apenas por alunos do curso de História por se tratar da área de Ciências Humanas e por ter mais proximidade com a literatura.

Ainda com um número pequeno de empréstimos e diminuindo de um ano para o outro, detecta-se a existência de alunos que se interessam pela leitura literária. Talvez essa realidade ainda seja quantitativamente pequena, em se tratando da totalidade da comunidade acadêmica da universidade e seu maior interesse pelas leituras voltadas para a profissionalização, mas, em contrapartida, este histórico configura também falta de incentivo para que os universitários leiam livros literários.

O último ponto analisado, a partir do relatório de empréstimos de livros literários realizados na biblioteca do Câmpus de Xinguara, foi o referente ao sexo dos alunos que realizaram empréstimos. O gráfico abaixo mostra essa análise em percentual para o período de 2018 a 2021.

Gráfico 4 - Relação de empréstimos de livros literários por sexo



Fonte: Adaptado de SIGAA - Módulo Biblioteca

Nota-se que, em relação ao total de alunos do IETU-UNIFESSPA-PA, o público feminino leu mais livros literários no período de 2018 a 2021, e o público masculino leu com menos frequência este tipo de livro, sendo que todos eles são alunos do curso de História, o que talvez influencie essa leitura, ou seja, algumas obras fazem parte da bibliografia básica ou complementar desse curso.

Essas informações mostram que, no contexto da IETU-UNIFESSPA-PA, a biblioteca possui boas possibilidades de incentivar leituras literárias na universidade, principalmente utilizando seu próprio acervo literário. Para que isso aconteça, no entanto, é importante conhecer um pouco dos alunos e, a partir destas informações, estabelecer ações que ajudem na formação voltada para a leitura de livros literários no âmbito da universidade.

Para oferecer ações que ajudem na formação de leitores literários, desenvolvidas na biblioteca do Câmpus de Xinguara, é necessário que se tenha uma visão daqueles que serão os focos destas ações, ou seja, os leitores em potencial. Com base neste contexto, foi proposto no início da pesquisa buscar compreender o perfil de alunas e alunos leitores da IETU-UNIFESSPA-PA, a fim de que fosse possível mapear a base de apoio para o desenvolvimento de atividades de mediação leitora a partir do espaço da biblioteca.

Esse levantamento ocorreu mediante a aplicação de questionários (Apêndice A), junto aos alunos de graduação dos cursos da IETU-UNIFESSPA-PA Câmpus Xinguara, escolhidos de forma aleatória, questão abordada especificamente no item 3.5.5 deste capítulo. O questionário aplicado contém dez perguntas semiestruturadas para investigar (e gerar dados de pesquisa) o relacionamento dos alunos com a leitura e com a biblioteca, permitindo, assim, a elaboração de um perfil de “leitores”, que integram o Câmpus Xinguara.

Para melhor compreensão, o questionário aplicado foi estruturado em três partes, com a intenção de realizar análises específicas, sendo elas: as questões 1 e 2 relacionadas ao curso e à idade dos alunos pesquisados; as questões de 3 a 5 voltadas para a relação entre aluno e leitura; e, por fim, as questões de 6 a 10 acerca do relacionamento dos alunos com a biblioteca.

3.4.3 As ações de incentivo à leitura na biblioteca do Instituto Federal de Estudos do Trópico Úmido – UNIFESSPA- PA - Câmpus de Xinguara

Como já abordado neste estudo, a biblioteca universitária tem papel importante de socialização e fomento da leitura, o que já acontece na Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU, pois, a UNIFESSPA-PA é uma instituição bastante jovem, assim como o instituto do Câmpus Xinguara. Com isso, seu acervo está em franco desenvolvimento e, com o passar do tempo, houve a implantação de mais cursos de graduação e pós-graduação, assim o trabalho com acervo se manteve presente, com a constante chegada de livros para atender, principalmente, as demandas dos cursos, conforme as exigências do MEC, além de diversas organizações administrativas que estabeleceram rotinas e procedimentos que atendessem as diretrizes dos instrumentos de avaliação do INEP.

Entretanto, mesmo com poucas iniciativas, a biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido procurou realizar algumas ações que incentivassem nos alunos o interesse pela leitura. Com isso, o primeiro projeto de extensão denominado “Adote uma biblioteca escolar”⁵

⁵ Este projeto teve como resultado a apresentação e publicação do resumo no 9º Congresso Brasileiro de Extensão Universitária – Redes para Promover e Defender os Direitos Humanos (2021). Ainda, a apresentação no fórum:

também de incentivo à leitura foi realizado com alunos do Ensino Médio da rede municipal de ensino, sendo uma forma da biblioteca igualmente colaborar com a comunidade. O projeto foi realizado na Escola Estadual de Ensino Médio Dom Luiz de Moura Palha, município de Xinguara-PA, no período de 06/01/2020 a 30/10/2021. Foram desenvolvidas as atividades técnicas de organização do espaço que recebeu o acervo, a seleção dos livros e a organização desses nas estantes por área do conhecimento. A equipe foi composta pela bolsista Débora, a Coordenadora Maria José, a técnica-administrativa Eliane, os alunos Lucas, Lucas Gabriel e Francisco, o professor Claudemir e a Vice-diretora da escola Neciene.

Fig. 6 - Imagens da organização da biblioteca para o Projeto “Adote uma biblioteca escolar”



Fonte: IETU/UNIFESSPA-PA

Depois disso, a biblioteca, em conjunto com o CBIU, passou a desenvolver outra atividade de estimular o interesse pela leitura e que levasse os acadêmicos a buscar mais o contato com os livros literários. Com isso, todos os anos em comemoração ao Dia Nacional do Livro, 29 de outubro, a Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará, por meio do Sistema de Bibliotecas, realiza em todas as bibliotecas dos seus Câmpus a campanha “Troca-troca de livros”. Nessa ocasião, discentes, docentes e todo efetivo da UNIFESSPA-PA participam levando um (01) livro até a biblioteca sua cede acadêmica em troca de um (01) “Vale-livro”

para ser trocado no dia do evento. Como condição para a participação no evento, o livro deve estar em bom estado de conservação e ser de literatura. Além disso, durante o evento, há a premiação do usuário modelo, ou seja, aquele usuário que mais realizou empréstimos durante o ano e os devolveu na data prevista, e há também o sorteio de livros literários promovidos pela biblioteca para os alunos participantes do evento.

Fig. 7 - Evento Troca-Troca de Livros



Fonte: IETU-UNIFESSPA (2019)

Na mesma linha de atuação, a biblioteca do IETU realizou também o projeto de pesquisa intitulado “Espacialização das bibliotecas escolares como suporte de ensino-aprendizagem para alunos do ensino fundamental da rede pública do município de Xinguara-PA”⁶, tendo como objetivo diagnosticar a situação das bibliotecas escolares do ensino fundamental da rede pública do município de Xinguara-PA, visando contribuir para o despertar da consciência crítica e do verdadeiro papel da biblioteca escolar no contexto educacional, constatando o uso ou não da biblioteca como instrumento pedagógico. Acredita-se que esse projeto pode ajudar no processo de ensino e aprendizagem no município, levando em consideração que visa contribuir com a estruturação de espaços de leituras e/ou bibliotecas escolares, no sentido de torná-las acessíveis e efetivas na sua finalidade, de instigar a pesquisa, a leitura e, automaticamente à formação de leitores. Desse modo, o resultado do trabalho poderá ser utilizado por professores e alunos

⁶ Este projeto culminou no capítulo de livro intitulado “Espacialização das bibliotecas escolares e o papel do Bibliotecário como suporte pedagógico para a formação de leitores nas escolas”, publicado no e-book **Temas em debate: o ensino em foco** (vol. 2).

vinculados à escola, considerando que será mais um espaço a ser usado, enquanto recurso metodológico para a dinamização das aulas e instigação a leitura e a pesquisa.

3.4.4 Dificuldades encontradas e a adesão ao modelo de atividades remotas

Devido a pandemia da covid19, a UNIFESSPA-PA suspendeu suas atividades presenciais no ano de 2019 e, com isso, não foi possível realizar o “Círculo de leitores” da Biblioteca do IETU no formato presencial. Devido a essa problemática, buscou-se uma nova alternativa em conjunto com a orientadora desta dissertação, e a decisão foi a realização do projeto na modalidade online, sendo que, para isso, buscou-se o auxílio dos docentes do Câmpus. A universidade, por meio do setor de supervisão, informou que grande parte dos discentes são naturais de outras cidades do estado do Pará e que tanto os docentes quanto principalmente os discentes estavam tentando se adaptar à nova realidade de ensino, o remoto. Ainda, havia outra questão, o fato da maioria dos discentes não terem equipamentos necessários para as aulas no formato online naquele momento, ou seja, os alunos não possuíam computadores e serviços de acesso à internet tanto na cidade de Xinguara-PA, quanto nas demais cidades nas quais os demais residiam.

Alguns meses após o início na pandemia de COVID-19, com o auxílio de verbas do governo federal, a Unifesspa-PA realizou a aquisição de *notebooks* e pacotes de internet, os quais beneficiaram os alunos que não tinham condições financeiras para adquiri-los. Mesmo com a aquisição dos referidos meios tecnológicos, uma grande parcela desses discentes não se dirigiu ao Câmpus de Xinguara ou às demais unidades da instituição para receber esses equipamentos. Posteriormente buscou-se mais uma vez o auxílio dos docentes para a realização e apoio ao projeto, no entanto os professores e também os alunos, em função da adaptação ao novo formato de ensino, expuseram que estavam sobrecarregados com suas atividades acadêmicas e que seria quase impossível conseguir a adesão dos discentes para participarem do “Círculo de leitores” no formato online.

Mesmo com as dificuldades encontradas, esta pesquisadora buscou novamente o auxílio do coordenador do curso de História, professor André Furtado, da professora também do curso de História, Anna Carolina Coelho, e da professora Andrea Lopes, do curso de Geografia, e contou ainda com o primordial auxílio da discente (bolsista) dos projetos de extensão, a pesquisadora Débora Oliveira, a qual serviu como elo entre uma parcela significativa dos demais discentes e o projeto. Cabe mencionar que o projeto foi divulgado nas redes sociais das

bibliotecas da Unifesspa-PA e do instituto e, ainda, foi encaminhado um convite prévio via e-mail institucional dos alunos para que houvesse maior visibilidade da atividade, e somente depois das referidas divulgações e por não se ter retorno dos estudantes, foram solicitados os auxílios das coordenações, docentes e da bolsista dos projetos de extensão da pesquisadora. Assim, no final do ano de 2021, com muitos esforços conseguimos a adesão de quinze (15) estudantes ao projeto. Após, o convite formal e as informações a respeito do “Círculo de leitores” foram encaminhados aos alunos via e-mail institucional, e todos aceitaram o convite, propiciando, desta forma, o início das atividades do projeto.

3.4.5 Análise dos dados gerados

Os questionários semiestruturados foram aplicados por meio do *Google Forms* a quinze (15) estudantes do Câmpus, um número pequeno se compararmos com o quantitativo atual de alunos que frequentam a universidade, contudo, como já mencionado, em virtude da pandemia da COVID-19 só foi possível engajar este quantitativo, que acreditamos revelar algumas características da(o)s aluna(o)s leitores e usuários da biblioteca.

Ressaltamos que a(o)s aluna(o)s foram escolhidos de forma aleatória, sem nenhum critério pré-estabelecido, sendo registradas, após as tabulações, a participação destes estudantes dos quatro (04) cursos do Câmpus, como podemos observar no **Quadro 7** a seguir.

Quadro 7 - Alunos participantes da pesquisa por curso

História	Geografia	Zootecnia	Medicina veterinária
05	05	02	03

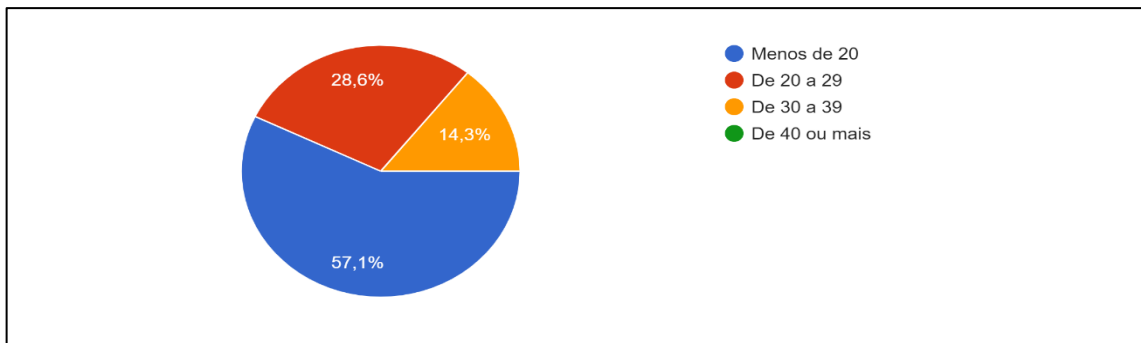
Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

A(o)s acadêmicos serem de cursos diferentes ajuda a refletir as questões da leitura literária, como já foi destacado neste estudo, diversos alunos chegam à universidade com pouco contato com a leitura literária, não importando o curso do qual a/o acadêmica(o) faça parte. Assim, para pensar em um perfil que possa ser trabalhado para formação de leitores, é importante que sejam representados todos os cursos ofertados no Câmpus universitário. Cabe mencionar que dos quinze (15) alunos participantes da pesquisa tivemos um quantitativo de sete (07) alunos que responderam ao questionário os quais: três (03) alunos do curso de História, dois (02) alunos de Geografia, um (01) aluno de Zootecnia e um (01) de Medicina veterinária.

Entre os alunos que colaboraram com a pesquisa, verificamos que a maioria, cinco (05) entrevistados, encontra-se com menos de vinte anos, formando 57,1% dos entrevistados,

seguidos por dois (02) alunos entrevistados com menos idade, entre vinte a vinte e nove anos, que representam 28,6%, e apenas um (01) entre quarenta anos ou mais representam 14,3%. Percebemos, então, que a maioria é composta de discentes jovens, o que é representado no **Gráfico 5**, a seguir:

Gráfico 5 - Faixa Etária

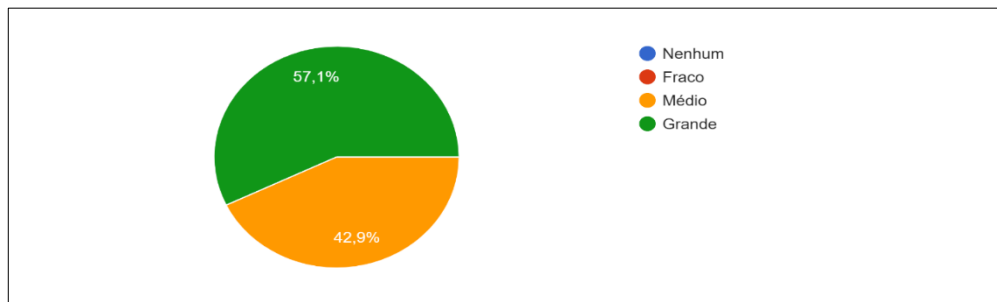


Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

3.4.6 Relação aluno e leitura

O primeiro ponto levantado está relacionado ao interesse do aluno pela leitura, tendo como opções: “nenhum”, “fraco”, “médio” e “grande”. Como resultado, 42,9% manifestaram um gosto “médio” pela leitura, seguidos de 57,1%, com “grande” gosto, já nenhum disse que tem um gosto “fraco”, e ninguém disse que não tem nenhum interesse, conforme o **Gráfico 6** abaixo:

Gráfico 6 - Interesse pela Leitura



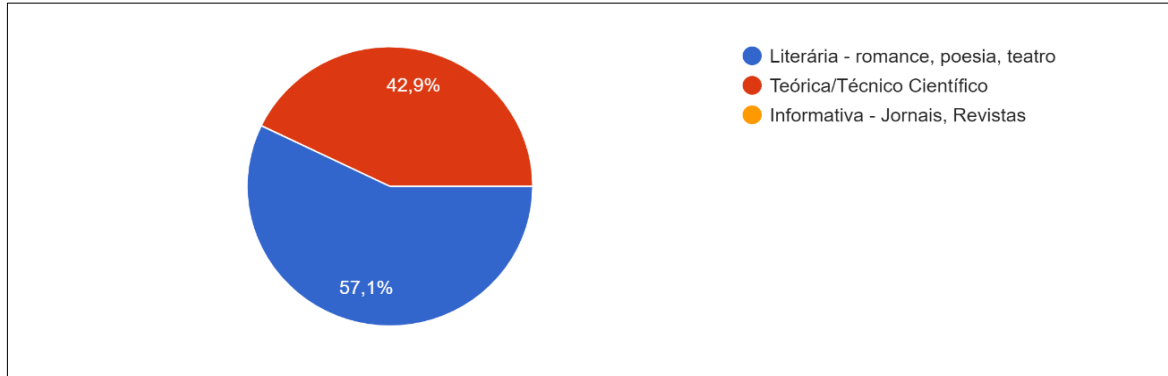
Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

É importante notar que nenhum aluno manifestou falta de interesse pela leitura, mostrando que, de alguma forma, todos têm uma relação mínima, ainda que seja, com ela. Outro ponto relevante é que a maioria mostrou um interesse grande pela leitura, o que mostra que existem algumas possibilidades de melhorar esta realidade.

Outro ponto perguntado na pesquisa aborda o tipo de leitura realizada com mais frequência pelos alunos, buscando conhecer que tipo de leitura os alunos costumam realizar

com mais frequência. As opções de respostas foram: “Literária - romance, poesia, teatro” e “Teórica/Técnico-Científico”. Os resultados estão apresentados no **Gráfico 7** abaixo:

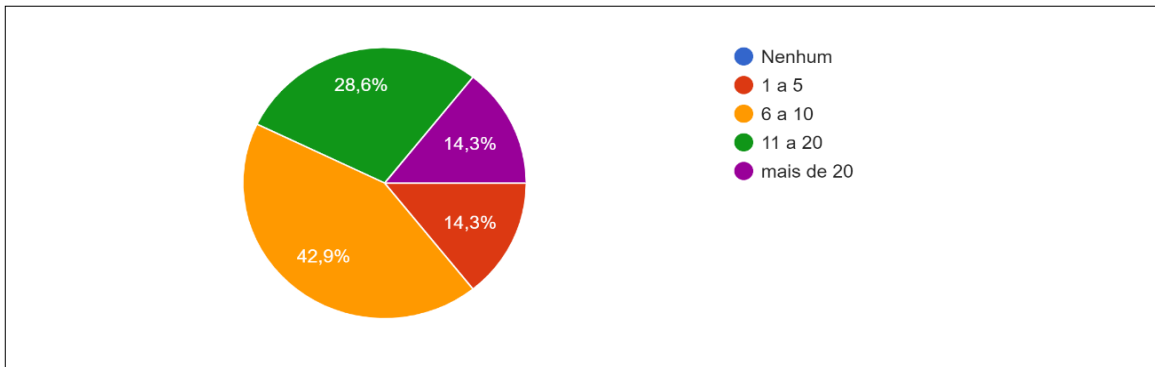
Gráfico 7 - Tipo de Leitura realizada com mais frequência



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

Como pode-se perceber, os alunos têm realizado mais leituras literárias, tendo a maioria respondido que leem com mais frequência “Literária - romance, poesia, teatro”. Contudo, não muito longe das leituras literárias, tem-se os livros teóricos que, mesmo ficando em segundo lugar, têm um quantitativo considerável de leitores, o que sugere as prioridades dos educandos.

A última questão relacionada à leitura procurou saber quantos livros literários os alunos costumam ler durante o ano. Foram apresentadas as seguintes opções de resposta: “nenhum”, de “1 a 5”, de “6 a 10”, de “11 a 20” e “mais de 20”. Todas as opções foram mencionadas, conforme demonstrado no **Gráfico 8**, a seguir:

Gráfico 8 - Quantidade de Livros Literários lidos por ano

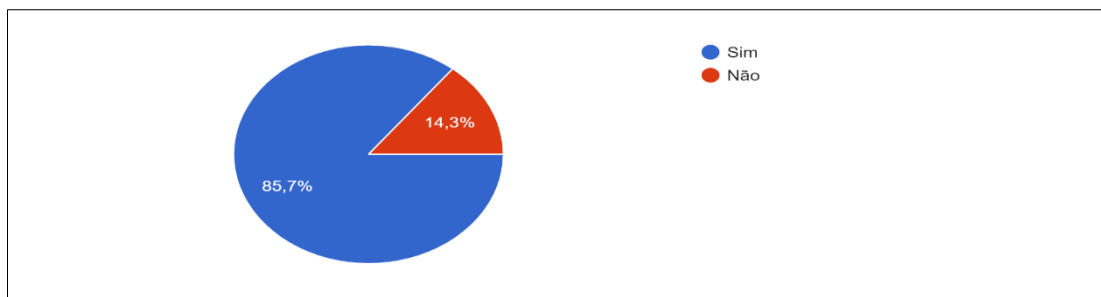
Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

De forma geral, a pesquisa mostra que este grupo de alunos costumam ler, aproximadamente, entre seis (06) a dez (10) livros, representando 42,9% das respostas. Outro número considerável é o de alunos que afirmaram terem lido de onze (11) a vinte (20) livros durante o ano, representando 28,6% das respostas.

Percebemos, por meio destas respostas, que a maioria dos alunos diz ter costume de ler livros literários, mesmo que em pequena quantidade. Então, se na questão anterior, a maioria disse ler mais livros literários, esses dados vêm confirmar que os alunos têm interesse por livros de literatura.

3.4.7 Relação aluno e biblioteca

Passando para a terceira parte do questionário, seguem as análises sobre a relação do aluno com a biblioteca. Foi perguntado aos alunos se antes de entrar na universidade eles já tinham tido algum contato com uma biblioteca, independentemente do tipo. O **Gráfico 9** apresenta o percentual entre os alunos que já tinham contato ou frequentavam bibliotecas antes de se tornarem universitários.

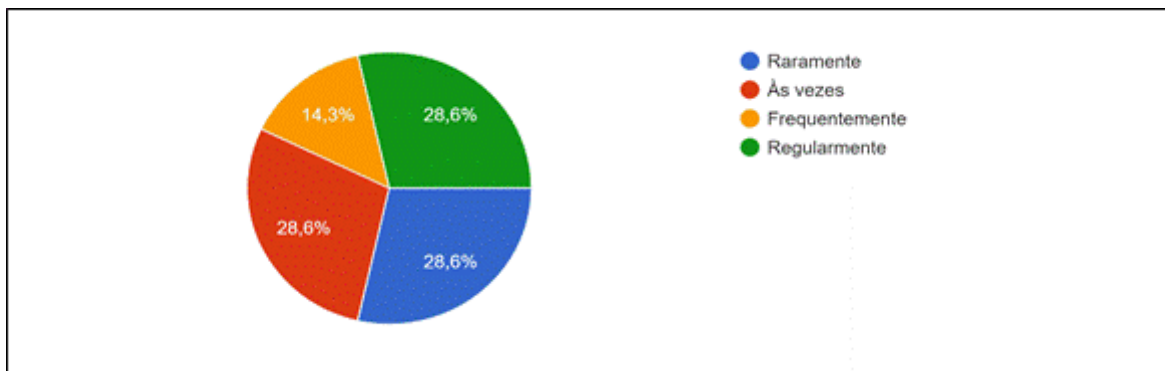
Gráfico 9 – Contato dos alunos com biblioteca antes de entrar na universidade

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

É relevante notar que um número considerável dos alunos, 06 (seis) entrevistados, entra na universidade com algum contato com bibliotecas, pois assim a procura por estas, nessa fase de estudos, torna-se mais fácil, haja vista, provavelmente, o fato de o aluno saber o que pode lá encontrar. Contudo, não podemos deixar de observar o número de alunos, um (01) entrevistado, que só teve o primeiro contato com uma biblioteca na universidade, o que não deixa de ser preocupante, ressaltando a importância de políticas públicas de leitura no ensino básico.

Para a próxima pergunta, foi questionado sobre a frequência com que o aluno costuma ir à biblioteca universitária. As opções de respostas são: “frequentemente”, “às vezes” ou “raramente”. Veja-se o resultado no Gráfico 10, a seguir:

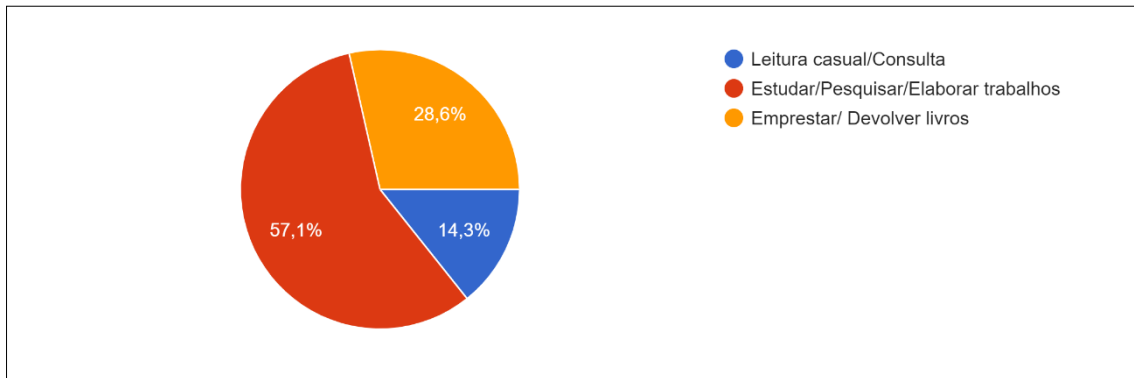
Gráfico 10 – Frequência dos alunos na biblioteca



Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

Conforme é apresentado no gráfico, a quantidade de alunos que costuma frequentar com mais assiduidade a biblioteca equivale a que a frequenta regularmente. Pode-se dizer que a maioria dos alunos tem o hábito de ir à biblioteca.

A seguir foram apresentadas três (03) opções que podem ser consideradas as principais atividades realizadas na biblioteca e respondem à pergunta sobre como o aluno a utiliza. As respostas compõem o **Gráfico 11**, abaixo:

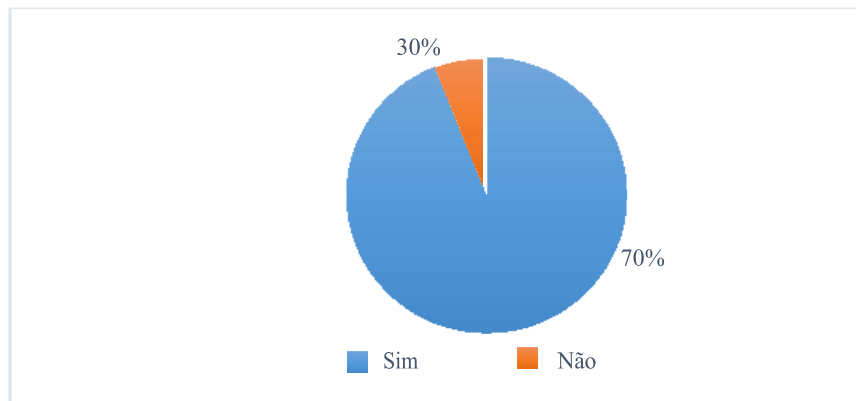
Gráfico 11 - Utilização da biblioteca universitária:

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

A resposta mais apontada, com 57,1% das alternativas, mostra que os alunos vão mais à biblioteca com a intenção de estudar, de pesquisar ou de elaborar trabalhos acadêmicos; em seguida, representando 28,6% das respostas, aparece o empréstimo e a devolução de livros como maior interesse dos alunos; por fim, com 14,3%, temos a leitura casual ou consulta. Com base nestes resultados, pode-se dizer que os alunos do IETU/UNIFESSPA-PA costumam ir à biblioteca principalmente para usar suas dependências para estudar e para realizar seus trabalhos acadêmicos. É perceptivo que, em último lugar, está o uso da biblioteca apenas para leitura casual, na qual pode-se incluir, entre outras, as leituras literárias, mostrando que ainda é preciso incentivar aos alunos a buscarem por este tipo de leitura na biblioteca universitária.

A questão seguinte buscou saber se os alunos achavam a Biblioteca do “Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU” um bom local para leitura⁷. Com a intenção de perceber qual a visão dos alunos quanto ao espaço da biblioteca, de forma especial no seu papel de local para leitura. Ressalta-se que a biblioteca, além de um espaço para guardar livros, deve ser um local onde o aluno se sinta à vontade para acessar informações e desenvolver sua leitura. Segue o resultado apresentado no **Gráfico 12**.

⁷ Antes de apresentarmos os dados da próxima questão, é importante alertar, como já mencionado, que a pesquisa foi realizada de maneira online via formulário Google forms, pois a biblioteca ainda estava fechada devido a pandemia da Covid19, foram aplicados 15 questionários para alunos escolhidos de forma aleatória com base nos 04 (quatro) cursos de graduação.

Gráfico 12 - Biblioteca como bom lugar para leitura

Fonte: Elaboração da pesquisadora, 2022

Verifica-se que os sete (07) entrevistados consideram a biblioteca um bom local para leitura, mesmo que parte deles tenham respondido que procuram a biblioteca mais para realizar pesquisas e/ou trabalhos acadêmicos. Isso mostra que, possivelmente, estes alunos estarão disponíveis para possíveis atividades de leitura realizadas neste espaço.

A última pergunta tinha o objetivo de investigar o interesse dos alunos por atividades de incentivo à leitura literária na biblioteca recebeu 70% de respostas positivas, mostrando que estes acadêmicos, frequentadores regulares ou não da biblioteca, consideram importante a realização de projetos de leitura literária neste espaço.

3.4.8 Perfil do(a) leitor(a)

Após analisar os dados gerados a partir dos questionários aplicados ao grupo de acadêmicos participantes da pesquisa, podemos destacar algumas características em relação à leitura e/ou leitura literária e o uso da biblioteca. Veja-se, a seguir:

1. Idade: a faixa etária é composta, principalmente, por alunos entre vinte (20) e vinte e nove (29) anos;
2. Leitura: a maioria demonstrou um grande interesse pela leitura, outros com interesse mediano, sendo que costumam ler mais livros literários. No que se refere a livros teóricos e técnico-científicos, a quantidade lida por ano costuma ser entre (um) 1 a dez (10) livros;
3. Biblioteca: a maioria dos alunos entrevistados já tinha tido contato com bibliotecas antes de entrarem na universidade. Quanto à sua frequência de utilização da

biblioteca universitária, fica entre razoável e regular. O espaço da biblioteca é frequentado, principalmente, para estudar, para pesquisar ou para elaborar trabalhos acadêmicos. Quase todos consideram a biblioteca um bom espaço para leitura. Por fim, todos consideram importante a realização de ações na biblioteca da universidade que incentivem a leitura literária.

4 ANÁLISE DO PROJETO “CÍRCULO DE LEITORES”: AS CONTRIBUIÇÕES PARA A LITERATURA

A leitura é um hábito e também é um prazer, como qualquer hábito, necessita de empenho e dedicação, principalmente, dos mediadores de leitura. Estamos vivendo uma época na qual o acesso à informação se dissemina amplamente, em todas as partes do mundo, com a popularização da *internet*. Porém, o que poderia ser extremamente benéfico para incentivar o hábito da leitura literária entre pessoas de todas as camadas sociais, às vezes acaba por ser prejudicial, visto que muitos não têm acesso à tecnologia da *web* e nem sequer conseguem dominá-la, como foi mencionado no subitem 3.5.4 deste trabalho para o caso do grupo atendido pelo projeto que resultou neste estudo. Segundo o IBGE⁸, o percentual de estudantes com acesso à internet, em 2019, foi de 88,1%, no entanto, 4,1 milhões de estudantes da rede pública de ensino não tinham acesso ao serviço, dentre esses os universitários. De acordo com o Instituto, esse panorama não mudou efetivamente durante os anos de 2020-2021, cujos dados estatísticos ainda não foram contabilizados. Isso se torna impedimento para a disseminação de informações que possam conectar o leitor/literário às mais diversas leituras e informações.

A grande quantidade de informações que chegam pela *internet* a todo instante, de maneira rápida, pode prejudicar um pouco a capacidade de foco e de atenção. Com isso, ler textos mais longos e/ou até mesmo parar para ler um romance pode passar a ser um ato descompromissado e afetar a real leitura do conteúdo.

Esse panorama de desencontros tem a ver com aquilo que Kuenzer (2002) diz da leitura literária, no sentido de que as percepções rasas acerca de um livro e/ou de uma história não são realmente uma leitura. Para a referida autora:

[L]er significa em primeiro lugar, ler criticamente, o que quer dizer perder a ingenuidade diante do texto dos outros, percebendo que atrás de cada texto há um sujeito, com uma prática histórica, uma visão de mundo (um universo de valores), uma intenção (KUENZER, 2002, p. 101).

A autora defende que a leitura promove a formação do sujeito crítico e reflexivo, uma vez que é por meio do desenvolvimento dessa habilidade que os estudantes podem posicionar-se em situações, sejam elas cotidianas ou não, com autonomia. Além da escola e da universidade, grupos de leituras podem oportunizar ao estudante situações de ensino-

⁸ Disponível em: <https://agenciadenoticias.ibge.gov.br/agencia-noticias/2012-agencia-de-noticias/noticias/30522-internet-chega-a-88-1-dos-estudantes-mas-4-1-milhoes-da-rede-publica-nao-tinham-acesso-em-2019>. Acesso em: 15 jun. 2022.

aprendizagem que contextualizem os conhecimentos já adquiridos por eles com os absorvidos por meio da leitura, sem que haja ruptura.

Também Silva (1990) concorda com a visão de Kuenzer (2002), ao afirmar que é necessário que “[...] o leitor se conscientize de que o exercício de sua consciência sobre o material escrito não visa o simples reter ou memorizar, mas o compreender e o criticar” (SILVA, 1991, p. 80). Sendo assim, vê-se o quanto o exercício da leitura é necessário na vida das pessoas, na sociedade.

Os discentes, quando ingressam no ensino superior, têm seu foco, muitas vezes, somente no aprendizado da sua escolha profissional, ficando muito centrado na formação da sua área e pautado, principalmente, pelo mercado de trabalho. Mas, para que o aprendizado ocorra de maneira mais ampla, outras formações podem fazer parte do percurso acadêmicos do(as) estudantes. Projetos de leitura literária podem estar neste bojo de ampliação da formação acadêmica. Lajolo (1993) afirma que:

O ato de ler foi de tal forma se afastando da prática individual que a tarefa que hoje se solicita de profissionais da leitura, bibliotecários e animadores culturais, é exorcizarem o risco da alienação, muito embora eles possam acabar construindo um elo a mais na longa e agora inevitável cadeia de mediadores que se interpõem entre o leitor e o significado do texto (LAJOLO, 1993, p. 105).

Nesse contexto, da importância da mediação de leitura, e ainda seguindo esta mesma linha de pensamento, Silva (2016) destaca que, quanto às bibliotecas, “[...] não basta que o ambiente disponha de livros aos leitores: é necessário que a mediação faça a seleção de obras, oportunize situações de leitura e provoque respostas, conversas a respeito das obras lidas” (SILVA, 2016, p. 117).

Michèle Petit apresenta um relato de um jovem senegalês e sua experiência com a biblioteca que ele frequentava. O efeito da leitura na identidade deste leitor “senegalês” é descrito pela leitora:

Para mim, a leitura não é uma diversão, é algo que me constrói. A biblioteca me permitiu imaginar filmes, fazer meus próprios filmes como se eu fosse um diretor. Ia com frequência à biblioteca para ler histórias em quadrinhos, mas parava nos livros. Às vezes, lia o resumo de livros grossos e densos, imaginava a história; lia a primeira página, a primeira linha e presumia tudo o que se passava (PETIT, 2008, p. 32).

Nesse sentido, pensando nos efeitos da leitura literária sobre os jovens (das universidades ou não) e ainda para ajudar a fomentar o gosto pela leitura, pensar a leitura literária, como prática social, a Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido –

IETU/Câmpus Xinguara-PA, iniciou, em setembro de 2021, o “Círculo de leitores”⁹, com o intuito de incentivar o(as) discentes às leituras literárias. Ao se pensar que há diferentes gêneros literários, selecionamos um romance, um livro de contos e um de poesia, para poder ampliar o conhecimento da(os) acadêmica(os). As obras selecionadas trazem temas atuais, como a situação do negro e os modos de vida de indígenas na sociedade. Posteriormente, as leituras possibilitaram diferentes trocas de experiências acerca das obras lidas e debates, tudo isso com a mediação da bibliotecária que é a pesquisadora deste trabalho e que também se inclui neste processo de mediação leitora.

Destaca-se ainda que o conceito de clube de leitura que adotamos na nesta pesquisa advém de Bortolin e Almeida Jr. Segundo os autores:

Clube de leitura é toda iniciativa de um grupo de leitores experientes ou iniciantes, tendo como característica básica a realização de reuniões periódicas, presenciais ou virtuais com a finalidade de ler e discutir determinado texto/livro, em sua maioria, literários (BORTOLIN; ALMEIDA JÚNIOR, 2011, p. 7).

Dessa maneira, um clube de leitura tem que ser atuante, ter encontros para compartilhar obras. Também de acordo com Bortolin e Santos (2014, p. 12), “[...] a criação de um círculo de leitores para mediação da leitura na biblioteca é um instrumento fundamental”. Nesse sentido, a biblioteca passa a ser compreendida como um instrumento (um meio de) ajudar na formação de leitores literários. Ainda Feba, Ariosi e Valente corroboram essa ideia:

A escola e a universidade precisam proporcionar aos alunos a capacidade de aprender sempre, de ter autonomia na sua relação diante do conhecimento, de conhecer suas necessidades de informação e de ter autossuficiência para buscá-las, obtê-las, construí-las (FEBA; ARIOSI; VALENTE, 2017, p. 61 grafia original).

Uma atribuição da universidade e dos setores que trabalham diretamente com os alunos é envolver os educandos a ponto de fazê-los buscar informações por meio de pesquisas autônomas e regulares, uma vez que sua orientação pode levar o estudante a continuar aprendendo sempre por meio da investigação e da leitura como método.

Pode-se afirmar que o “Círculo de leitores” (o grupo de leitura criado no espaço da IETU-UNIFESSPA-PA/Câmpus Xinguara) foi idealizado também para firmar a importância da biblioteca como um espaço importante de mediação leitora na Universidade, tendo em vista que poderá ampliar conhecimentos, a autonomia e a capacidade crítica dos(as) acadêmicos.

⁹ O documento oficial sobre o “Círculo de leitores” se encontra no Anexo B deste trabalho.

As reuniões do grupo de leitores foram realizadas de maneira virtual (pela plataforma *Google Meet*), de modo periódico e conseguiram proporcionar um ambiente de conversas e de debates. Ressalta-se a importância do apoio da direção do Câmpus, dos coordenadores, docentes e técnicos-administrativos na execução do “Círculo de leitores” que, com isso, proporcionaram um local de produção e de conhecimento, além de fomentar a ligação entre a instituição e a comunidade acadêmica, a fim de integrar uma política pedagógica de ensino entre os graduandos e o uso da biblioteca.

O “Círculo de leitores” teve contato com 03 (três) livros de gêneros distintos (conto, poesia e romance), que destacam a representatividade indígena e negra, sob o viés antirracista e de inclusão na Literatura brasileira. Segundo Bortolin (2006):

A chamada leitura literária, para ser realizada com prazer, exige um conjunto de fatores, que pode variar desde a forma de organização do espaço em que se lê, e do acervo (impresso ou eletrônico) que está à disposição do leitor, à postura dos profissionais que fazem a mediação por meio de produtos, serviços e atividades culturais (BORTOLIN, 2006, p. 65).

Assim, o aluno deve ser o protagonista de suas aprendizagens, mas sua formação como leitor literário passa pela intervenção do mediador/leitor de leitura. A prática de mediação compreende estar alerta para que pouco a pouco o leitor vá adquirindo mais hábito pela leitura e possa ampliar o seu repertório. Tébar (2011, p. 115) colabora com o conceito de mediador ao dizer que ele é “um educador que assume, a todo momento, a completa responsabilidade de seu trabalho educativo. De acordo com a sua ética profissional, envolve-se na formação integral dos educandos, sabendo que nenhum aspecto formativo lhe é alheio”.

A mediação, portanto, é uma forma de interação que engloba todos os âmbitos da vida dos educandos, pois mediar é transmitir valores, conectar vivências e elementos culturais, superar a ignorância e a privação cultural, abrindo ao outro um mundo de significados.

As obras selecionadas para leituras do grupo foram: *Contos Indígenas Brasileiros*, de Daniel Munduruku (2005); *Ay Kakyri Tama: Eu Moro Na Cidade*, de Márcia Wayna Kambeba (2013) e *O Avesso da Pele*, Jeferson Tenório (2020). O “Círculo de leitores” se deu em três (03) encontros virtuais (descontando o encontro de apresentação do projeto e dos participantes leitores) durante os meses de novembro, dezembro e fevereiro, pois devido ao período de férias da Universidade não ocorreu o terceiro encontro no mês de janeiro. Quanto aos convidados, quinze (15) participaram, sendo nove (09) no primeiro encontro, sete (07) no segundo e seis (06) no terceiro encontro. Destes, sete (07) responderam aos questionários propostos para a leitura dirigida.

O “Círculo de leitores” teve suas atividades iniciadas por meio de bate-papo online com os 15 participantes. A mediadora apresentou o projeto e sua dinâmica, além de sua biografia e experiência como leitora. Todos os participantes realizaram uma breve apresentação pessoal, quando relataram suas experiências de leitura, seu contato com a biblioteca e suas opiniões sobre a literatura indígena, conforme a orientação e a interlocução da mediadora.

Cabe mencionar as palavras de Freire (1986, p. 8), quando ele comenta que a leitura é “Antes de mais nada, aprender a ler o mundo, compreender o seu contexto, não numa manipulação mecânica de palavras, mas numa relação dinâmica que vincula linguagem e realidade” e, nesse sentido, a leitura literária prepara o sujeito para conhecer e formular com propriedade o mundo por meio da linguagem.

Os alunos/leitores foram questionados pela mediadora sobre suas experiências leitoras, quando ela dirigiu seus comentários de modo que eles recordassem de suas atividades em bibliotecas e de leituras realizadas na escola ou independentes. A seguir, destacam-se os relatos de quatro (04) participantes-leitores:

Em casa fui incentivada a ler por minha avó materna e na escola comecei a me habituar à leitura no 9º ano do Ensino fundamental e 1º ano do ensino médio. Em minha escola de ensino médio havia biblioteca e eu frequentava e fazia muitos empréstimos de livros para leitura (Clara Pereira).

Em casa não fui incentivada a ler porque fui criada por meus avós que eram analfabetos e desenvolvi o hábito de leitura na escola, pois havia vários projetos de incentivo à leitura e, por isso, a escola contribuiu bastante para eu me tornar uma leitora assídua (Thuane).

Eu sempre estudei em escola pública e na minha escola nunca teve incentivo à leitura e nem eu o hábito de frequentar bibliotecas. Só soube que havia uma biblioteca pública em Xinguara quando estava estudando para o Enem (Douglas Mariano).

Desde o Ensino fundamental tive contato com livros na escola, e meus professores me incentivaram a ter o hábito de leitura. Em minha escola de Ensino médio havia biblioteca, mas nem todos os alunos frequentavam ou gostavam de ler (Islene).

Nota-se que a escola e a família são os principais agentes de incentivo à leitura durante os anos escolares dos participantes, os quais aceitaram compor o grupo de leitura também em função de se sentirem novamente pertencentes a um espaço social ligado à literatura. A mediadora, neste momento, incentivou-os a permanecerem no projeto e nas discussões sobre os livros analisados.

Quanto à literatura indígena, os discentes relatam que, se não fosse por indicação, não teriam a iniciativa de buscar leituras sobre essa temática, o que se percebe como um ponto positivo da leitura orientada pela pesquisadora deste estudo, que ampliou a visão de mundo dos

estudantes acerca da história por trás das narrativas desse tema, uma vez que, apesar de residirem em um estado brasileiro no qual há muitas comunidades indígenas, não conheciam seus representantes na literatura. Os depoimentos abaixo constataam esse fato:

A literatura indicada é uma literatura sem divulgação, que não é acessível a todos, e esse tema não faria parte de minhas leituras habituais se, da mesma forma como os demais participantes, não fosse por orientação e pela leitura dirigida (Clara Pereira).

Também só soube da literatura indígena pelo Ensino médio. Eu já havia lido Ailton Krenak (ambientalista e escritor – 1953). Acho que esse é o sobrenome certo, não lembro direito (Thuane).

Se fosse a uma biblioteca, não teria a curiosidade de pegar nas estantes ou mesmo de fazer empréstimos de livros que tratam da questão indígena no Brasil, se não fosse pelo Círculo de leitores (Islene).

Mesmo gostando da obra discutida, não teria lido se não fosse por indicação do mediador, pois é um tipo de literatura desconhecida para mim (João Victor).

Um momento especial na apresentação das obras a serem discutidas no “Círculo de leitores” foi quando todos ficaram empolgados com os livros dos escritores Daniel Munduruku, que é paraense, e Marcia Kambeba, ambos indígenas. O grupo demonstrou não ter conhecimento de que havia escritores indígenas, tendo em vista que relacionavam livros de teor indianista à José de Alencar ou Mário de Andrade. A mediadora especificou que eram abordagens diferentes da questão indígena no Brasil e que na análise dos livros isso seria evidenciado.

Os participantes também não conheciam Jeferson Tenório, ganhador do Prêmio Jabuti de 2021 na categoria romance, fato que se concretizou próximo ao final da pesquisa, pois o escritor carioca e residente em Porto Alegre ainda não era reconhecido nacional e internacionalmente como ocorreu após o final do projeto, no entanto a pesquisadora destacou sua obra e seu lugar já de destaque no cenário atual da literatura com enfoque em temas da negritude. Os Integrantes escolheram, junto com a mediadora, o livro para o primeiro encontro de discussões do grupo, e o eleito foi o livro do escritor Daniel Munduruku e, para a dinâmica, cada um dos participantes elencou um conto do livro para análise e debate, no entanto todos o leram integralmente. Nos seguintes encontros, a dinâmica permaneceu a mesma para o livro de poesia da escritora Marcia Kambeba, com as poesias divididas entre os estudantes/leitores.

O romance do autor Jeferson Tenório, no entanto, foi lido na íntegra sob a orientação da pesquisadora/leitora a fim de que os enfoques abordados por Tenório dentro de um mesmo tema não passassem despercebidos, tendo em vista sua complexidade. A mediadora esclareceu que

a leitura de *O avesso da pele* vai além dos acontecimentos narrativos envolvendo as personagens, pois sua história circunda tópicos muito presentes e conflitantes da sociedade brasileira, como o racismo institucionalizado e recorrente desde os tempos do Brasil colônia, com a escravidão.

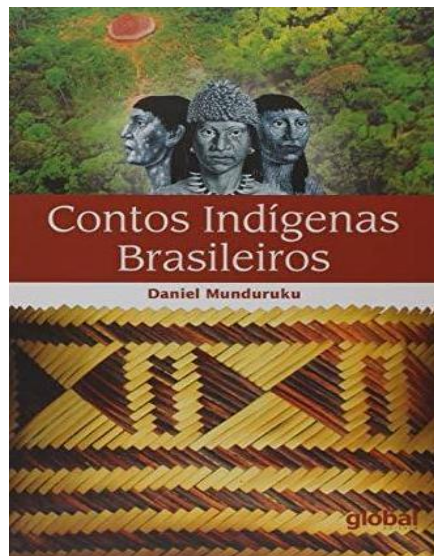
Passado o encontro de apresentação e organização do círculo, o grupo se reuniu virtualmente para as discussões acerca dos contos do livro *Contos indígenas brasileiros* (2005), do escritor Daniel Munduruku, como fora elencado para o primeiro encontro de análise e de debate. A mediadora/leitora iniciou sua fala com a biografia de Munduruku¹⁰. Sua obra é composta por quarenta (40) livros de maioria infantojuvenil, já o livro selecionado para análise é composto por 08 (oito) contos, os quais são: 1. Do mundo do centro da Terra ao mundo de cima (Povo Munduruku); 2. O roubo do fogo - Povo Guarani (Mito Guarani); 3. A pele nova da mulher velha - Povo Nambikwara (Mito Nambikwara); 4. Por que o sol anda tão devagar? - Povo Karajá (Mito Karajá); 5. A origem do fumo - Povo Terena (Mito Terena); 6. Depois do dilúvio - Povo Kaingang (Mito Kaingang); 7. A proeza do caçador contra o curupira - Povo Tukano (Mito Tukano) e 8. A onça valentona e o raio poderoso - Povo Taulipang (Mito Taulipang). Os oito contos selecionados pelo autor para o livro, a partir de um critério linguístico, têm a intenção de retratar, através de seus mitos a caminhada de alguns de nossos povos indígenas do norte ao sul do país – Guarani, Karajá, Munduruku, Tukano, entre outros. A leitura dessas histórias dá aos leitores uma rica visão de nossa herança cultural.

Para estimular a reflexão dos estudantes acerca dos contos lidos, a mediadora/leitora questionou-os sobre a capa do livro de Munduruku e sua representatividade, tendo em vista que, como leitora, observou e analisou o livro como um todo. Seu questionamento ocorreu também como demonstração de que a leitura prévia dos contos era necessária também para criar um vínculo entre ela e os participantes no sentido de que o mediador deve ser, antes de mais nada, um sujeito-leitor, e é assim que os integrantes do grupo de leitura devem percebê-lo. Para Silva (2006, p.78) “o leitor se constrói num processo lento, constante de estímulos e oportunidades de leitura. Essa deve ser a preocupação inicial ao se mediar leitura [...]”.

¹⁰ Já destacada no capítulo 1 deste estudo.

A seguir, a **Figura 8** apresenta a capa do livro de Munduruku:

Fig. 8 – Capa do livro *Contos indígenas brasileiros*



Fonte: Global Editora (2022)

Os participantes/leitores destacaram que as imagens representavam as tradições indígenas, como a confecção de objetos com o material extraído da floresta, e a floresta como local sagrado e casa para os povos originários. A mediadora, então, dirigiu a discussão do grupo a fim de que todos percebessem que as imagens da capa do livro, quando observadas como única imagem, se relaciona aos mitos que permeiam as histórias indígenas. O grupo concluiu que a capa representava muito bem os contos narravam e que eles não haviam percebido. A mediadora destacou, portanto, que a leitura também pode começar pela capa.

Na sequência, os participantes apresentaram seus contos escolhidos para debate e a discente Thuane destacou que, “em algumas narrativas, pra mim, ficou mais fácil de diferenciar que região estava sendo retratada, porém, não em todas”. Seu comentário levantou uma questão: sendo todos paraenses, por que os participantes leitores não tiveram acesso a obras de autores pertencentes à sua região ou que se relacionam diretamente com os costumes e cultura de sua região?

Ao longo do Ensino Fundamental e Médio, suas experiências de leituras foram relacionadas aos clássicos das literaturas brasileira e estrangeira, sem abordar autores/livros regionais e contemporâneos. As participantes Islene e Thuane, a propósito, expuseram que livros como *Iracema*, de José de Alencar, e *Makunaíma*, de Mário de Andrade, são os livros dos quais elas se lembram e que têm a ver com a temática do livro de contos de Daniel Munduruku, mas sob enfoques diferentes e descontextualizados da atualidade.

Os depoimentos evidenciam que a presença de mediadores que auxiliem e que façam a ponte entre a obra e o leitor é de suma importância, pois ajuda no desenvolvimento do processo da construção leitura. Milanesi (1983, p. 69) destaca que “[...] cabe à universidade atuar no sentido de estar nas fronteiras do conhecimento para poder ampliá-lo”. Nesse sentido, o bibliotecário como agente promotor da mediação leitora e também como representante da universidade nesta tarefa é de suma importância para a emancipação dos educandos quanto à sua prática de leitura independente e reflexiva.

Assim, Borba (1999, p. 30) antecipa que “os professores e bibliotecários precisam saber quais são os atuais interesses dos leitores para, desse modo, procurar a melhor forma de fornecer livros e outros materiais de leitura que satisfaçam essas necessidades imediatas.

O bibliotecário deve estar ciente de sua responsabilidade e agir com autossuficiência para garantir a continuidade de suas ações para as próximas gerações de estudantes e garantir também o progresso desses na sequência de sua vida acadêmica e pós-acadêmica, tendo em vista que a promoção leitora se estende além do meio universitário, é uma ação que exige consequências vitalícias. É por meio do contato com a biblioteca, com seus recursos e com o bibliotecário/leitor/mediador que se efetiva sua real formação como leitor que colocará a leitura literária como prática em sua vida, como quer Petit (2009) ao falar que a prática de leitura literária é para a vida.

Para que se dê a transição, portanto, dos educandos para sujeitos leitores, o bibliotecário precisa mostrar que pode e deve estar à frente de ações culturais e principalmente literárias, assumindo um lugar que também é seu, enquanto leitor e mediador de leitura, que pode receber as (in)satisfações dos educandos/leitores quanto à seu histórico como leitor e contorná-las com foco no incentivo à continuação de sua formação leitora. Um exemplo disso foi a estudante Thuane, que lembrou, neste encontro, do livro de Machado de Assis, *Memórias Póstumas de Brás Cubas*, leitura indispensável para um estudante universitário, pois é atemporal e sua temática universal. Por outro lado, o foco de leitura de graduandos não deve se manter só nos clássicos, mas também nas leituras da contemporaneidade, cujas abordagens expressam, muitas vezes, os anseios da sociedade, alguns de décadas ou até séculos.

As **Figuras de 9 e 10** a seguir são do primeiro encontro do grupo:

Fig. 9 – Participante/leitor no primeiro encontro do “Círculo de leitores”



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

Fig. 10 - Participante/leitor no primeiro encontro do “Círculo de leitores”



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

As percepções dos componentes do “Círculo de leitores” acerca do livro analisado no primeiro encontro manifestam leituras críticas em relação à estilística e à verossimilhança. Seguem alguns depoimentos:

Achei a leitura muito interessante, li rápido, em menos de 01(uma) hora, quando vi já tinha acabado. Não gostei do conto **Curupira** por que não havia um final, e o conto que mais gostei foi o **A pele nova da mulher velha** e a **Origem do fumo**¹¹ porque ri

¹¹ Conto mais comentado e apresentado no Anexo A.

bastante quando o personagem fala do Urubu e da sua relação com o sol, foi uma leitura muito prazerosa (Clara Pereira).

O conto que mais gostei do livro foi a **Criação do mundo** e a **Origem do fumo**. Ri bastante e compartilhei a leitura com minha irmã, de tão interessante que achei (Islene).

Gostei do conto **Mundo do centro da terra ao mundo de cima**, achei interessante como os indígenas pegaram elementos de sua cultura para criarem as suas narrativas (Douglas Mariano).

A *práxis* leitora está diretamente ligada ao prazer inicial que o texto garante ao leitor. Está também ligada à construção de identidade e poder, o que colabora para humanizar esse sujeito, como quer Candido (2004, p. 72), quando diz que “Toda obra literária é antes de mais nada uma espécie de objeto, de objeto construído; e é grande o poder humanizador desta construção, enquanto construção”. O autor completa seu pensamento ao afirmar que “A literatura desenvolve em nós a quota de humanidade na medida em que nos torna mais compreensivos e abertos para a natureza, a sociedade, o semelhante” (CANDIDO, 2004, p. 169).

Petit contribui com Candido:

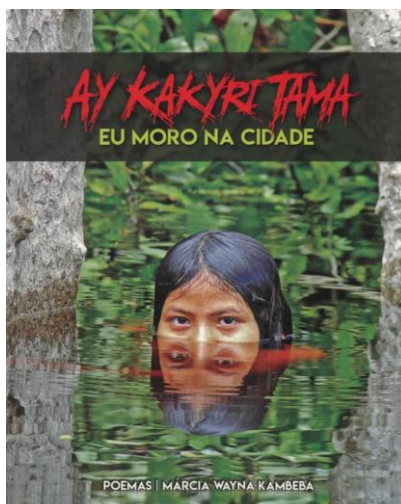
Em tais contextos, crianças, adolescentes e adultos poderiam redescobrir o papel dessa atividade na reconstrução de si mesmos e, além disso, a contribuição única da literatura e da arte para a atividade psíquica. Para a vida, em suma. A hipótese parecerá paradoxal em uma época de mutações tecnológicas na qual é a eventual diminuição da prática da leitura o que preocupa. Parecerá mais audaciosa, até mesmo incoerente, visto que o gosto pela leitura e a sua prática são, em grande medida, socialmente construídos (PETIT, 2009, p. 11).

Assim, a literatura tem o poder de transformar panoramas deturpados pela falta de perspectiva crítica em observações conscientes acerca do mundo e de tudo que o envolve, pois tem também como função representar a sociedade em toda sua complexidade. Dentro desse cenário estão os mediadores da leitura, que fazem o elo entre a literatura e o leitor. Nesse sentido, Silva (1991, p. 117 grifo do autor) “considera **impossível** uma revolução qualitativa na área de leitura sem a participação e sem o compromisso dos bibliotecários para com os processos de mudança e transformação social”. A mediadora finalizou o primeiro encontro de discussões elencando as principais observações citadas pelos participantes, os quais reagiram conferindo à pesquisadora o importante lugar de interlocução para que todos conseguissem alcançar a real compreensão do livro de Munduruku. Além disso, alguns estudantes perseveraram na ideia de, após o círculo, ler os outros livros do autor.

No segundo encontro, como mencionado, ocorreu a análise do livro *Ay Kakyritama: eu moro na cidade*, da escritora Márcia Wayna Kambeba. Sua poesia mostra semelhanças com a literatura de cordel e reflete a violência contra os povos indígenas e os conflitos trazidos pela vida na cidade. Sua obra é composta pelos poemas: 1. Ay kakyri tama; 2. Ser indígena, ser Omágua; 3. Índio eu não sou; 4. Mergulho fundo; 5. Silêncio guerreiro; 6. Árvore da vida; 7. Ritual indígena; 8. Aldeia Tururucari-Uka; 9. União dos povos; 10. Tana kumuera ymimiua; 11. Território ancestral; 12. Minha memória, meu legado; 13. Tuxaua Kambeba; 14. Pintura sagrada; 15. Minha pena vermelha; 16. Os filhos das águas do Solimões; 17. Tana kanata ayetu; 18. O mar de Ajuruteua; 19. São Paulo de Olivença, presença Kambeba; 20. Belém indígena, Belém cabloca; 21. A sina de pescador; 22. Natureza em chama; 23. Caboclo ribeirinho; 24. Fundo do rio; 25. Tucum; 26. Urucum; 27. Jamaxim cultural; 28. Curumim riozeiro; 29. Árvore purua; 30. Gota pequena; 31. Contemplação e 32. Primeira Amazônia. Em *Ay Kakyri Tama* [eu moro na cidade, em tupi-kambeba] ela constrói uma ponte entre sua origem indígena e a vida em Belém do Pará, apresentando a história de seu povo e sua luta em poesias e imagens repletas de emoção e verdade.

A **Figura 11** a seguir apresenta a capa do livro.

Fig. 11 – Capa do livro *Ay kakyri Tama*



Fonte: Editora Jandaia (2022)

Para o segundo encontro, a mediadora percebeu a importância de levar fundamentos teóricos sobre a história e a literatura indígenas, já que iriam discutir a obra de poesia indígena *Ay kakyri Tama: eu moro na cidade*. Para compartilhar com os participantes do grupo um pouco da história do povo indígena, fez-se o convite para o Prof. Dr. André Furtado, diretor e professor da Faculdade de História do Câmpus IETU-UNIFESSPA, e para abordar a literatura indígena,

o convite foi feito para a Prof^a. Esp. Soraima Moreira, do Câmpus Araguatins da UNITINS-TO, os quais aceitaram os convites e, com isso, o nosso segundo encontro foi ainda mais rico com a discussão não apenas sobre a obra proposta, mas também da história e da literatura dos povos indígenas.

As **Figuras 12 e 13** a seguir mostram imagens do encontro virtual.

Fig. 12 - Graduandos do IETU



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

Fig. 13 - Maria José - Bibliotecária



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

Com a palestra da professora Soraima Moreira, os graduandos contataram algumas informações sobre a literatura indígena, que surgiu na década de 1970, mais precisamente na escrita periférica de Eliane Potiguara. A autora publicou livros de crônicas e poesias, apontando

os primeiros paços desta literatura no cenário literário e gráfico brasileiro, tendo em vista a vasta tradição oral dos povos indígenas. Para fundamentar esses dados, a professora Soraima repercutiu a definição de Graça Graúna em seu livro *Contrapontos da literatura indígena contemporânea de 2013* acerca da literatura indígena que, para o autor é como um lugar de sobrevivência, um épico construído pela oralidade desse povo que tem uma grande carga cultural e literária. Em outras palavras é aquela construída, escrita e produzida pelos próprios indígenas e que não deve ser confundida com a literatura indianista, da qual José de Alencar e Gonçalves Dias são representantes.

O primeiro livro de escritores indígenas tem por título *Antes o mundo não existia: mitologia dos antigos Desana-Kehíripõrã*, que foi publicado pela primeira vez em 1980 pelos escritores Umusi Pãrokumu e Tõrãmãkehíri, irmãos do povo Desana. Ainda, a literatura indígena é pautada em um sistema vivo, uma vez que grandes escritores indígenas marcaram a história literária trazendo da oralidade as mais diversas histórias para a escrita. Sendo assim, muitos escritores, como Graça Graúna, Eliane Potiguara, Daniel Munduruku, Ailton Krenak, Olívio Jekupé, Marcia Kambeba, Aurita Tabajara (a primeira cordelista indígena brasileira), e muitos outros escritores indígenas, estão marcando o novo cenário literário no Brasil.

A palestrante abordou as narrativas indígenas, as histórias, a espiritualidade, os conhecimentos medicinais, os costumes e a cosmogonia, os quais são ensinados e partilhados. Hoje busca-se materializar esses costumes e tradições por meio da escrita dos indígenas, para que assim essa literatura do pertencimento, essa manifestação artística saia da sua oca para as escolas, as bibliotecas, as livrarias, a internet e demais meios de comunicação que possam chegar aos mais diversos leitores e, sobretudo, possam se tornar referências no ensino e no letramento literário.

Daniel Munduruku observa que era preciso que a sociedade acatasse a diversidade cultural e linguística dos povos indígenas. Assim:

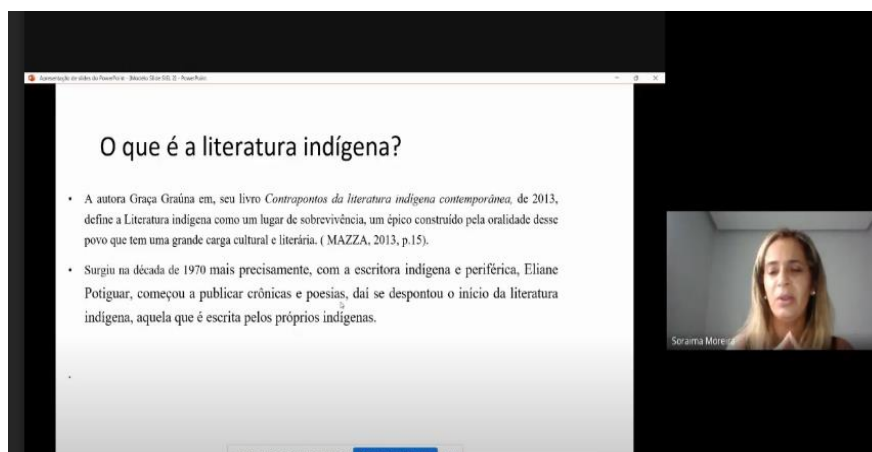
O que antes era visto apenas como uma presença genérica passou a ser encarado como um fato real, obrigando a política oficial a reconhecer os diferentes povos como experiências coletivas e como frontalmente diferentes da concepção de unidade nacional (MUNDURUKU, 2012, p. 222).

Desse modo, para exemplificar um das mudanças advindas do Movimento indígena em prol do reconhecimento de sua identidade, a professora mencionou a Lei 11.654/2008, que inclui no currículo oficial da rede de ensino a obrigatoriedade o estudo da história e da cultura afro-brasileira e indígena, enfatizando as disciplinas de História, Arte e Literatura como âncoras

responsáveis em efetivar, por meio do ensino, o reconhecimento das populações ameríndias, fortalecendo e expondo as expressões literárias das minorias.

A **Figura 14** a seguir apresenta a professora participante do primeiro encontro do círculo.

Fig. 14 - Professora Soraima Moreira



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

Antes da palestra do segundo participante do encontro no “Círculo de leitores”, o professor André Furtado, a mediadora discutiu com os integrantes do grupo sobre a importância do conteúdo teórico e histórico sobre a cultura indígena para a interpretação das poesias de Kambeba e questionou-os se houve diferença em suas análises anteriores e após a palestra. Os estudantes destacaram que o conhecimento adquirido na explanação da professora Soraima foi significativo para o entendimento da proposta literária do livro da escritora.

André Furtado propôs uma abordagem sobre a relação história e literatura em sua apresentação. Sabe-se que essa relação data sua entrada na área acadêmica a partir da década de 1930, sendo que, no século XIX, não havia uma separação muito rígida entre as duas áreas. O passado de separação é típico do século XX, quando as ciências começam se organizar academicamente. Hoje em dia, a história, do ponto de vista metodológico, utiliza a literatura para compreender o ambiente social no qual as narrativas brotam e mostram que existe a possibilidade de mirar o horizonte da verdade por meio da ficção da escrita literária.

De acordo com Jankowski (2006) a literatura é:

uma forma expressiva e da imaginação que contribui para o conhecimento. Cada um de nós edita a sua realidade por intermédio de um modo de pensar profundamente influenciado pela literatura, a história e histórias, bem como os mitos da sua cultura. ‘As literaturas nacionais’ são cachos de ideias, de associações e de poderosas

identificações que visam separar-‘nos’ de ‘outros’ e que são extremamente difíceis de alterar (JANKOWSKI, 2006, p. 24).

É por meio da literatura que reconhecemos a história e, muitas vezes, a individual, a do sujeito leitor, que se identifica com as personagens, suas vivências e assimilações de situações semelhantes às do leitor. Além disso, a leitura literária abre caminhos para a pesquisa de vários conceitos que levam a outro aprendizado, aquele que resulta em real conhecimento, o relacionado à vida.

Fala-se que a literatura indígena ainda não tem amplo alcance, de ela não ser tão (re)conhecida atualmente. A primeira é a barreira da língua, pois, para os escritos indígenas entrarem para o cânone literário, precisam de certa maneira aderir um pouco à lógica do cânone em língua portuguesa, ou seja, escrever livros em português, entrar no mercado editorial, participar de feiras literárias e superar a geração mimeógrafo, que significa sair do estágio de fazer uma literatura quase cordelista, artesanal, para se integrar ao cânone que é mobilizado pelo circuito das editoras e das livrarias, das feiras de livros e todo o seu contexto. O segundo entrave é que os brasileiros não conhecem, de certa forma, sua própria história. O livro *Casa Grande e Senzala*, de Gilberto Freire, é um exemplo desta constatação, pois a obra mostra que somos fruto desses povos.

Daniel Munduruku discorre em relação à imposição social que alguns representantes indígenas tiveram de aceitar para que as sociedades civil e política do Brasil constatassem, por fim, as singularidades dos diversos povos indígenas que formam o povo brasileiro.

Precisaram abrir mão do ser social em suas comunidades de base para se tornarem indivíduos socialmente significativos numa sociedade que privilegia a biografia. Isso significa dizer que elas priorizam o todo – os povos indígenas –, ao invés de se contentarem com a parte – suas comunidades, seu papel social individual (MUNDURUKU, 2012, p. 62).

A literatura, nesse sentido, contribuiu para que essa pluralidade fosse evidenciada além das fronteiras das comunidades indígenas. Para Silva:

A literatura está vinculada à sociedade em que se origina, assim como todo tipo de arte, pois o artista não consegue ser indiferente à realidade. A obra literária é resultado das relações dinâmicas entre escritor, público e sociedade, porque através de suas obras o artista transmite seus sentimentos e ideias do mundo, levando seu leitor à reflexão e até mesmo à mudança de posição perante a realidade, assim a literatura auxilia no processo de transformação social (SILVA, 2019, p. 1).

Assim, a visibilidade da literatura indígena no Brasil ocorreu recentemente, quando em 2020 o escritor e importante liderança indígena, Ailton Krenak, venceu o “Prêmio Juca Pato”,

um dos mais importantes da literatura brasileira, com o livro *Ideia para o fim do mundo*, publicado em 2019.

Os participantes-leitores atingiram um grau maior de autonomia em sua leitura com a cooperação dos professores convidados ao projeto, A mediadora questionou novamente os graduandos sobre a relevância das falas dos palestrantes. Os estudantes reconheceram sua importância para o “Círculo de leitores”. A declaração a seguir representa a opinião do grupo:

Finalmente compreendi como se dá a relação entre história e literatura indígena, o que anteriormente eu desconhecia (Clara Pereira).

O professor André Furtado ainda reforçou como se deu essa divisão ou migração dos povos indígenas para as mais diversas regiões do país, falando dos diferentes povos e línguas, as quais são escritas a literatura indígena, como no livro *Contos indígenas brasileiros*, que é um compilado de contos representantes dessa diversidade. Furtado em declaração para o grupo de leitores completa:

A característica dos povos indígenas era de incorporar o grupo que eles haviam dominado em guerras, por isso que, às vezes, temos expressões conjugadas, como o Tupi-Guarani, porque devido à sua cultura majoritariamente nômade, eles iam se espalhando pelo território nacional, e essa conjugação de línguas também depende do momento histórico de que estamos falando, porque, às vezes, eles estão unidos ou separados, e essa condição nômade nos faz compreender como eles abrangem geograficamente todo o território nacional (FURTADO, 2021, n. p.).

Envolver a história dos índios brasileiros para a compreensão de sua literatura promove a emancipação do leitor, tendo em vista que sua visão de mundo, no caso o dos indígenas, se expande exponencialmente., ou seja, ele relaciona o que vê com muitas outras informações de outras cenas, em outros tipos de lugares e apropria-se da história a partir de reelaborações de sentidos. A partir da teoria de Paulo Freire, a emancipação nada mais é do que o processo de libertação política, cultural, humana e social de todos os oprimidos, que se libertam a si e aos opressores desde a prática de não mais deixarem ser oprimidos por ninguém.

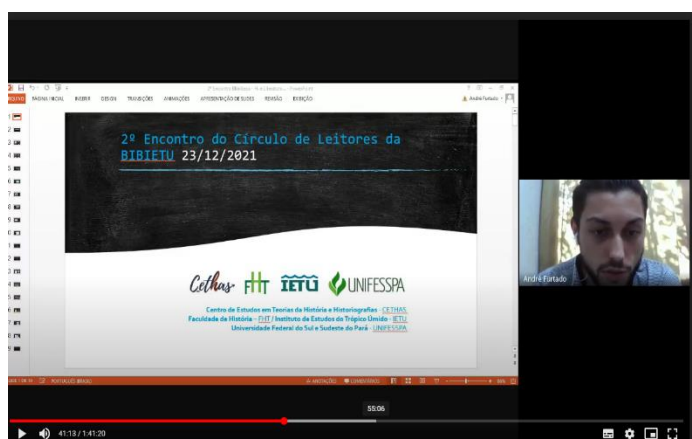
Freire (1986) explicita que:

Antes da leitura da palavra, está a leitura de mundo e através da leitura da palavra continuaremos a ler o mundo. É necessária a prática em “escrever e reescrever” o mundo para que possamos transformá-lo. O ato de ler implica percepção crítica, interpretação e reescrita do lido. Mesmo em se tratando da escrita, o processo da leitura está mais ligado à experiência pessoal do que ao conhecimento sistemático da língua (FREIRE, 1986, p. 22).

Nesse sentido, a mediadora/leitora dirigiu as discussões sobre as poesias de Kambeba em função das palestras dos professores convidados. O grupo relacionou o conteúdo do livro às questões históricas e culturais dos povos originários, com ênfase em sua adaptação ao novo, à cidade, às culturas além das comunidades indígenas e, principalmente, sua relação com o estado do Pará.

A **Figura 15**, a seguir, apresenta a participação do professor André Furtado.

Fig. 15 - Professor André Furtado



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2021)

No terceiro encontro para discussão dos livros elencados para o projeto “Círculo de leitores”, o livro escolhido, como já aqui enfatizado, foi *O Averso da Pele*, do escritor Jeferson Tenório, ganhador do Prêmio Jabuti 2021 na categoria romance, que foi publicado em 2020 pela editora Companhia das letras. A mediadora iniciou o encontro sintetizando a história narrada por Tenório a fim de que todos pudessem organizar as diversas análises que o livro sugere. O livro retrata a história do Pedro, um jovem negro, que após a morte trágica e brutal de seu pai, ocasionada por uma desastrosa operação policial, sai em buscar do passado da família para refazer os caminhos paternos. Destacam-se os personagens Henrique, pai de Pedro, que nasceu no Rio de Janeiro, mas muito jovem se mudou com a família para a cidade de Porto Alegre. Este fato ocorreu porque o pai de Henrique os abandonou e desse modo tiveram que começar a vida em outra cidade, e sua mãe teve que criar os filhos sozinha. Diante de tantas dificuldades, Henrique teve que ir morar com a avó num ambiente hostil e violento.

Henrique conhece Marta na universidade, uma jovem que nasceu numa família muito pobre e, por isso, foi adotada por outra família, a qual fazia Marta se sentir uma estrangeira. Se casam e vivem uma relação complexa e delicada. Da união dos dois, nasce Pedro. A narrativa é em segunda pessoa do singular, não linear que retoma momentos passados da família. A

temática abordada no romance reflete temas de denúncia do racismo, da racialização do corpo negro, de conflitos advindos das relações humanas e inter-raciais, bem como do racismo estrutural em nosso país, além de abordar relacionamentos abusivos, a solidão que muitas pessoas passam ao enfrentarem o luto, a violência policial, a marginalização do ensino no Brasil, enfim a obra é muito rica em detalhes e muito contemporânea

Fig. 16 – Capa de *O avesso da pele*



Fonte: Companhia das Letras (2020)

Após explanação inicial, a pesquisadora/leitora solicitou que todos escolhessem uma palavra que definisse o livro, e a maioria dos participantes indicou a narrativa visceral e intensa como a principal característica observadas em suas leituras. Esse momento de encontro com a obra *O avesso da Pele* permitiu ao grupo um momento de interação, de sintonia e de fluência das mais diversas emoções como afirma Cosson:

Ler implica troca de sentido não só entre o escritor e o leitor, mas também com a sociedade onde ambos estão localizados, pois os sentidos são resultados de compartilhamentos de visões do mundo entre os homens no tempo e no espaço (COSSON, 2014, p. 27).

Para o autor, quando lemos, fazemos uma ligação do nosso mundo/emoções com o do outro. E durante a discussão acerca do livro isso foi muito forte, pois os participantes se emocionaram e relataram momentos nos quais se perceberam dentro da narrativa.

O grupo também recebeu a convidada, Profa. Dra. Anna Carolina, professora do curso de História e do PPG (ProfHistória do IETU- UNIFESSPA-PA), que ressaltou a importância do livro em destaque para a vida de muitos leitores, pois a questão do racismo no Brasil é muito pulsante. A mediadora apresentou a oradora para o grupo e incentivou-os a analisar a palestra

cotejando sua fala com as experiências vividas pelas personagens de Tenório e também com as mensagens do texto, as objetivamente inseridas pelo autor e as subliminares, a fim de que todos pudessem, por meio disso, rever suas interpretações e resgatar sensações e até mesmo dúvidas que surgiram durante a leitura do texto. A professora Anna Carolina iniciou sua fala com uma frase do *O avesso da Pele* (TENÓRIO, 2020, p. 154): “A sua grande obra foi continuar levantando, dia após dia. Apesar de tudo, você continuou desafiando a possibilidade de morrer. No sul do país, um corpo negro ser sempre um corpo em risco”.

Como historiadora, a palestrante dissertou sinteticamente sobre a história dos negros no Brasil, desde o início da colonização até os dias de hoje. Foi uma discussão riquíssima, tendo em vista que a história sempre esteve representada na literatura e por esta analisada. Sua palestra levou o grupo a refletir sobre o sofrimento passado e ainda presente na vida dos afro brasileiros, algumas vezes ameaçados diretamente ou de forma velada.

Um dos convidados do encontro deu um depoimento que, por ser autêntica autoanálise resgatada pela leitura do livro lido, é aqui destacada:

O terceiro encontro do “Círculos de leitores” neste sábado, dia 25 de fevereiro de 2022, foi um momento de encontro com a literatura que me causou muito encanto. Antônio Candido defende o direito de todos à literatura apoiado na ideia de que “a fabulação é uma necessidade básica do ser humano e na convicção sobre o enriquecimento produzido em cada um pela leitura.” tal assertiva reafirma esse direito, a necessidade que temos de ter o contato com a confabulação. E ler a obra *O avesso da pele* de Jeferson Tenório foi encantador, foi um diálogo muito forte que me humanizou ao ler a história de Pedro é um rapaz de 22 anos, estudante de arquitetura e negro. O protagonista da história é o próprio narrador (Pedro), ele quem vai narrar a história de sua família, juntando os pedaços que conhece com outros que supõe, a partir dos objetos deixados por seu pai Henrique, que era um professor de escola pública e acreditava que que os livros poderiam mudara a vida de seus estudantes. Henrique foi assassinado em uma abordagem policial malsucedida. O livro é encantador e a leitura falou com todos nós que participamos do círculo de leitores. A discussão acerca da obra falou muito ao nosso coração, ao meu em particular, pois perdi meu pai recentemente e a narrativa da obra tocou ao meu coração de maneira muito peculiar, pois a morte traz sentimentos e lembranças dolorosas em nossas vidas. Escutar cada um no círculo de leitores foi perceber que a obra lida falou com cada de forma peculiar, trouxe nos choros, como também a certeza de que a cor da nossa pele não pode falar mais alto do que o avesso da nossa pele, ou seja, o que está dentro de nós. Portanto essa tarde literária foi prazerosa e humanizadora, o que nos permite entender que temos de cessar os preconceitos nas mais diversas esferas (Soraima).

Além de seu depoimento, a Professora Soraima Moreira destacou a questão do luto e da solidão de quem perde um ente querido mencionando trecho do livro:

A imagem de um pai falecido também nos mata um pouco, e talvez isso seja uma espécie de amor. E agora, aqui no seu apartamento, tento de algum modo me consolar. Lanço mais um olhar sobre suas coisas. Antes de sair, pego o seu algarido, retiro o ocutá de dentro dele, enrolo num pano, como minha tia Luara disse para eu fazer. Saio segurando Ogum entre as mãos (TENÓRIO, 2020, p. 187).

Diante desse resgate da assertiva do autor lida pela leitora, alguns dos estudantes/leitores se emocionaram, pois a professora falou que seu pai era um homem negro, pobre, foi criado sem pai, apenas pela mãe e avó e era o mais velho dos cinco irmãos, os quais também foram criados sem a figura paterna, um exemplo de família como a de Henrique e do próprio autor do livro.

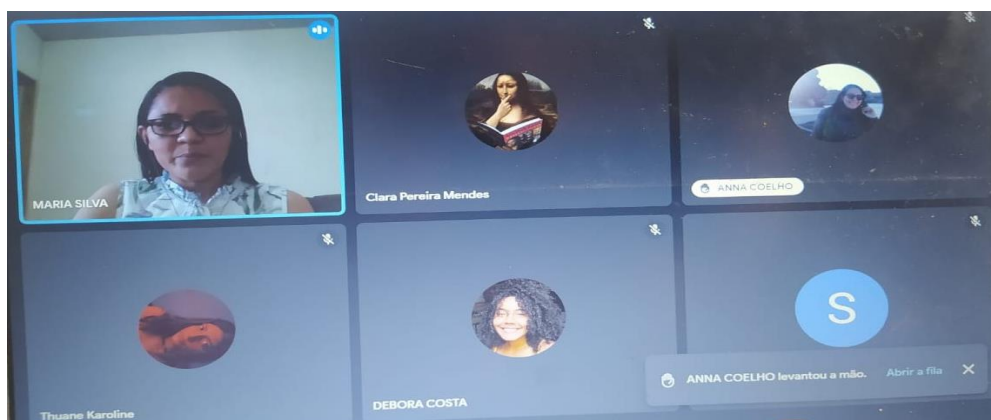
O relato da professora gerou muitos outros, pois os estudantes/leitores e os convidados também leitores começaram a manifestar suas emoções direcionados pela mediadora, que intercalava as falas dos depoentes com explicações teórico-literárias, como a de Antonio Candido quando ele fala sobre o papel humanizador da literatura, destacado a seguir:

O processo que confirma no homem aqueles traços que reputamos essenciais, como o exercício da reflexão, a aquisição do saber, a boa disposição para com o próximo, o afinamento das emoções, a capacidade de penetrar nos problemas da vida, o senso da beleza, a percepção da complexidade do mundo e dos seres, o cultivo do humor (CANDIDO, 2004, p.180).

Assim, a leitura passa a ter sentido, por meio do afinamento das emoções e do texto que ao encontro das experiências de quem o lê, fazendo o ato de ler significativo e humanizador. Desse modo, esse encontro do círculo literário foi envolvido pelos mais diversos relatos pessoais inferidos do livro *O avesso da /Pele* (2020).

A **Figura 17** destaca esse encontro.

Fig. 17 - Bibliotecária e participantes



Fonte: Autora (Via Google Meet, 2022)

A mediadora lembrou aos alunos a relação história/literatura e convidou os leitores participantes a analisar a narrativa de Tenório sob o viés da similaridade/verossimilhança com a realidade brasileira. Além disso, a pesquisadora incluiu como sugestão que os participantes abordassem se houve identificação com as personagens ou se já passaram por situações parecidas aos as personagens do romance, tais como: situações de racismo; família em busca de estrutura ou outro aspecto não mencionado pela mediadora, sendo a história da personagem principal do livro similar à do escritor, cuja preocupação é ser um pai presente para seu filho¹². Destacam-se a seguir alguns relatos e as sequências do livro que foram gatilho para seus comentários, como podemos perceber no relato de Clara Pereira a partir da seguinte passagem do livro:

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem seus documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha um emprego. Tudo isso passava anos reverberando em você. Como um mantra. Um manual de sobrevivência (TENÓRIO 2020, p. 88).

A estudante/leitora fez esse comentário quando destacou a parte citada do livro:

O leitor pode ter um grande impacto ao entender o nível de privilégio de cada indivíduo no Brasil e, assim, passa a respeitar e dar voz e espaço para aqueles que não

¹² Jeferson Tenório é pai de João, com 13 anos. João é o nome do protagonista de “O beijo na parede”, em homenagem a seu filho.

têm. É um livro que não só nos faz refletir sobre a sociedade, mas que também nos permite sentir emoções (Clara Pereira).

E a leitora participante destacou a questão de Henrique, personagem da obra, de sempre manter um mantra de comportamento para que não fosse confundido com algum marginal, ou mesmo fosse abordado pelos policiais. Enfatizou que, muitas vezes, os negros precisam seguir realmente um manual de sobrevivência para poderem ser aceitos e respeitados na sociedade, o que configura a sempre atual luta pelo fim do racismo, luta da qual participam muitos artistas, pessoas influentes e escritoras como Djamilia Ribeiro, Conceição Evaristo, Jeferson Tenório e tantas outras.

A fala da participante/leitora demonstrou um discurso mais político e engajador, mais histórico do que literário. O “Círculo de leitores” e a leitura, nesse sentido, conseguiram despertar as emoções, o sentimento e a humanização, mas também o senso crítico, o desejo do fim do racismo estrutural no Brasil e no mundo e o desejo de que os negros, como a estudante, sejam vistos com naturalidade e respeito, à sua cultura, seu jeito de ser, de se vestir, à sua religião e não apenas como uma pessoa que precisa seguir todas as regras sociais de comportamento para que seja aceita.

A partir das discussões trazidas por Clara Pereira, as estudantes/leitoras Débora e Thuana ressaltaram:

O livro apresenta um tema que sempre deverá ser abordado, mesmo os anos se passando. Com as miscigenações, é muito presente pessoas terem cotidiano semelhante ao de Pedro, então devem entender mais sobre sua cor e história. É uma leitura dolorosa e necessária. Diria que é uma história que apresenta o racismo e a descoberta de cor, um livro base para compreender melhor como a questão de cor é no Brasil. Um livro completo e detalhado, uma leitura que te prende, uma grande obra nacional. Essas leituras sempre são um choque para mim, é uma leitura que apresenta o racismo de Porto Alegre e suas especificidades. **Muda no sentido de que o racismo não é imaginário**, e essas leituras mostram, em muitas vezes, como ele ainda é vigente e suas várias faces, como em muitos casos ele vem disfarçado de piadas, e assim vai.... (Débora).

O personagem mantém um protocolo: ter o cabelo mais curto, andar com identidade, não fazer movimentos bruscos se fosse abordado. Isto é impactante (Thuane).

Os depoimentos das participantes do círculo focaram o racismo estrutural no Brasil, e a fala da Débora já destacada em seu comentário é bastante incisiva, no sentido de que muitos pensam não existir o racismo, ou desconhecem os métodos racistas arraigados na sociedade. A mediadora completou sua fala introdutória relacionada à ligação entre história e literatura enfatizando que o livro de Jeferson Tenório retrata a realidade local e, no caso de racismo, a nacional, e que, neste sentido, a literatura brasileira, em sua formação, passou a decifrar o

Brasil. Como mencionou Candido, o Brasil com todos os seus problemas estruturais e sociais, com autores engajados em contribuir para que situações envolvendo preconceitos de qualquer natureza, que são muitas vezes mascarados pela sociedade ou percebidos sem o peso que realmente carregam.

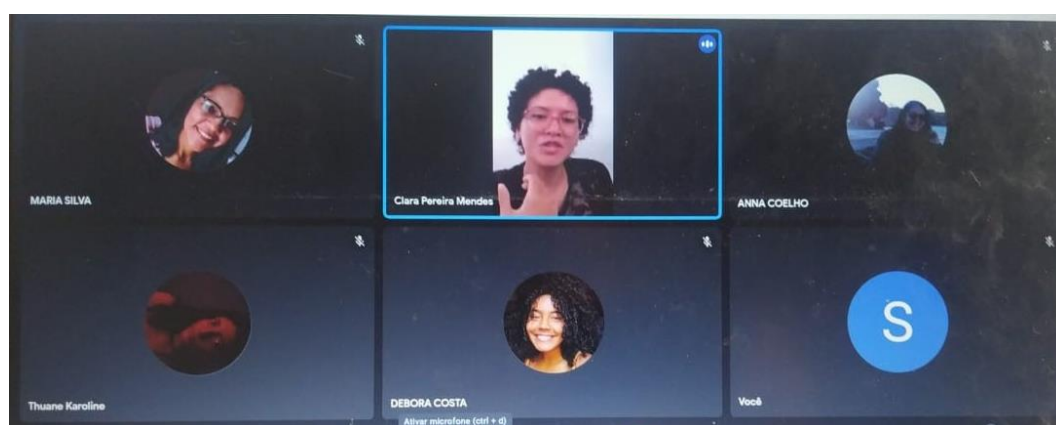
Por isso, para Antonio Candido, destacou a pesquisadora, os nossos escritores estiveram, em grande parte da formação literária, conscientes da sua função; achavam-se na missão de construir a nação ao fazerem literatura. Assim, “quem escreve contribui e se inscreve num processo histórico de elaboração nacional” (CANDIDO, 1975, p. 18). Ainda, a mediadora incluiu em sua fala a teoria literária do autor acerca da formação da literatura brasileira:

Podemos discernir na literatura brasileira um duplo movimento de formação. De um lado, a visão da nossa realidade que se oferecia e devia ser transformada em “temas”, diferentes dos que nutriam a literatura da metrópole. Do outro lado, a necessidade de usar de maneira por vezes diferente as “formas”, adaptando os gêneros às necessidades de expressão dos sentimentos e da realidade local (CANDIDO, 2010b, p. 14, 15).

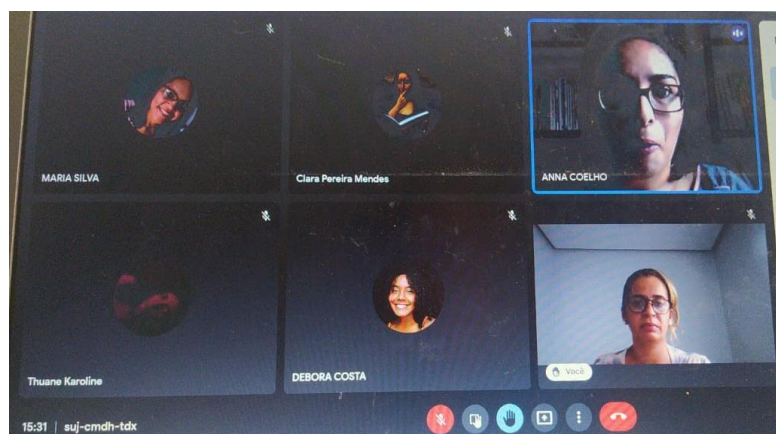
Atualmente, é notável a quantidade de autores que usam sua arte literária para mostrar a realidade de sua região, de sua comunidade, do Brasil como um todo, ou de algum acontecimento que deve ser de conhecimento de todos, como são os três (3) livros elencados para esta pesquisa.

As **Figuras 18 e 19** apresentam imagens do encontro virtual.

Fig. 18 - Discentes do IETU – UNIFESSPA-PA



Fonte: Autora (Via Redmi Note 8, 2022)

Fig. 19 - Docentes e discentes do IETU – UNIFESSPA-PA

Fonte: Autora (Via Redmi Note 8, 2022)

Como era de se esperar, a leitura de *O Averso da Pele* trouxe à tona alguns assuntos bastante debatidos na sociedade atual, como o racismo estrutural, o luto, a desestruturação familiar e a problemática do ensino no Brasil. Nesse sentido, Freire conceitua a literatura como:

Um instrumento poderoso de instrução e educação, entrando nos currículos, sendo proposta a cada um como equipamento intelectual e afetivo. Os valores que a sociedade preconiza, ou os que considera prejudiciais, estão presentes nas diversas manifestações da ficção, da poesia e da ação dramática. A literatura confirma e nega, propõe e denuncia, apoia e combate, fornecendo a possibilidade de vivermos dialeticamente os problemas (FREIRE, 1989, p. 113).

Como instrumento de educação e de apropriação de fatos reais para construir a ficção, a literatura é libertadora, pois faz refletir e, principalmente, sentir.

Para Petit (2013, p. 106), “Com frequência o saber é pensado como a chave da liberdade, como um meio de não ficar à margem de seu tempo, como um meio de participar do mundo e de ali encontrar um lugar”. Ainda, no mesmo viés Orlandi (1988, p. 7) faz a seguinte reflexão: “a leitura vista em sua acepção mais ampla, pode ser entendida como atribuição de sentido às coisas. [...] No sentido mais restrito, leitura pode significar a construção dum aparato teórico e metodológico de aproximação dum texto”.

A liberdade advinda da leitura um texto literário é aquela que submete o leitor a um crescimento pessoal, aquele que se nota por meio da alteração de sua visão de mundo. O leitor, neste viés, deve interagir com o texto, sujeitando-o à sua interpretação e aos conhecimentos que já mantinha antes da leitura. Novas concepções proveem desta equação de mútua interação. Este é o leitor ideal para estudo, aquele cuja subjetividade está implicada na análise do texto. A mediadora destacou no último encontro a real participação dos estudantes no projeto, pois todos trouxeram suas experiências individuais como sujeitos leitores e, com seus depoimentos,

ajudaram e incentivaram os demais graduandos a continuar no grupo e, principalmente, continuar sua formação leitora. Nesse sentido, o letramento literário foi efetivo, tendo em vista a determinação de todos em continuarem sua caminhada universitária e da vida junto a leituras edificantes e libertadoras.

Por meio dos depoimentos aqui incluídos, percebeu-se a real transformação dos estudantes/leitores e também da mediadora/leitora em relação à literatura, com sua característica de fazer com que as experiências vividas na narrativa de um romance, as palavras ricamente escolhidas para uma poesia ou a escrita de histórias orais (lendas, mitos) dos povos originários a fim de que todos possam conhecê-las alcancem o coração e alterem a visão de mundo dos leitores, ampliando-a. Cabe mencionar a satisfação que todos os participantes sentiram em fazer parte do projeto “Círculo de leitores”.

Apontamos que, com a experiência de leitura do “Círculo de Leitores” promovido pela Biblioteca do Câmpus IETU-UNIFESSPA-PA, com a mediação desta pesquisadora-bibliotecária, é possível fazer avançar a formação leitora de universitários e da comunidade em geral, por meio de novos desafios e propostas de incentivo à leitura e letramento literário vinculados à biblioteca e ao bibliotecário/leitor/mediador do instituto, que pode se transformar em um real polo de leitura no Câmpus universitário, transformação essa que este projeto já iniciou.

5 CONSIDERAÇÕES FINAIS

A leitura literária, como é defendida por muitos pensadores, teóricos e pesquisadores, ajuda a ampliar o conhecimento dos sujeitos, sem deixar de ser também uma forma de prazer, por isso ela precisa estar mais presente no cotidiano das pessoas, sobretudo no de estudantes nos mais diversos níveis educacionais. Na universidade, a biblioteca pode ser um espaço de fomento no processo de construção de leitores e no desenvolvimento intelectual dos estudantes. A biblioteca, como um dos espaços de mediação leitora pode ser vista como incentivo à leitura literária, ajudando na formação de sujeitos críticos e mais autônomos

Deste modo, este estudo traz um pouco das experiências de um projeto de leitura do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU, da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará (UNIFESSPA-PA). Para melhor se compreender o papel da biblioteca universitária na construção leitora, apresentou-se ideias e pensadores importantes da área, bem como autores que nos ajudassem a pensar o(a) bibliotecário(a) como mediador(a) nesse processo de leitura literária. Como aporte teórico, utilizamos os seguintes autores: Lajolo (2002); Paulino (2005); Yunes (1995, 2003 e 2012); Jouve (2002, 2013); Cosson (2006, 2019); Compagnon (2003); Petit (2008, 2009, 2013); Candido (2004); Azevedo, (2004) e Freire (1986, 1989).

Ainda, como metodologia da pesquisa aplicamos um questionário semiestruturado aos participantes do projeto, e os dados gerados ajudam na nossa compreensão sobre os leitores envolvidos no “Clube de leitores”.

A realidade é que muitos alunos e alunas chegam ao ensino superior sem nunca terem lido uma obra de literatura. Assim, montar um grupo de leitores literários na biblioteca de uma universidade com alunas e alunos de diferentes cursos não é uma tarefa fácil, pois as dificuldades das(os) graduando(as) são muitas em relação à leitura, e comumente advém desde o ensino básico.

Sabe-se também que nem todos os acadêmicos têm acesso a livros literários, físicos ou em meio digital (e-book), e por isso contam somente com a biblioteca da instituição onde estudam para empréstimos de livros. É válido lembrar que, mesmo com um pequeno acervo de livros literários, é possível implementar ações que tenham como foco a construção de leitores literários, o que colabora em muito com o nível de desempenho da universidade, mas principalmente contribui satisfatoriamente para perpetuar o ciclo de leituras e a busca por leituras literárias dos sujeitos pertencentes à universidade, que despertarão nos demais estudantes, por conseguinte, a vontade de ler.

Ter conhecimento sobre o significado e a importância de ler e sobre como o conceito de leitura literária é discutido e renovado a cada época orienta pesquisadores a descobrirem novas abordagens e ações para a criação de um projeto de leitura. É com a leitura literária que o sujeito observa o mundo com mais amplitude, a qual o estimula a novas leituras. A pesquisa destacou que ler com questionamento amplia o entendimento acerca do texto e aumenta o horizonte de expectativa do leitor em relação a novas leituras, para cujas referências ele estará preparado. Desde Aristóteles até Vincent Jove, a elaboração do conceito de leitura passa pela experiência de quem lê, quando imagina, reflete e inventa um novo modo de vida, o que afeta seu convívio em sociedade, agora com liberdade para pensar.

A liberdade para pensar está diretamente ligada à escolha do livro literário. A leitura literária deve ser um ato prazeroso no qual o sujeito se identifica com o que lê de maneira diferente de outro leitor. Para alcançar gradual desenvolvimento e amadurecimento na leitura literária, o leitor deve estabelecer relações entre a leitura literária e a sociedade, refletindo e dando novos sentidos ao lido. Dessa forma, o(as) mediadores de leitura devem atentar para esse fato, o de apresentar os livros para leitura e não defini-los. Além disso, o mediador/leitor deve estar absolutamente focado em orientar e trazer subsídios para que a formação leitora do sujeito seja efetivada.

As bibliotecas universitárias, além de ser um espaço para pesquisas bibliográficas e estudos, podem ser coadjuvantes na construção de leitores literários, uma vez que possuem a estrutura e o(as) bibliotecário(as), que podem vir a ser mediadores de leitura, mesmo não sendo essa uma obrigatoriedade do departamento estabelecida pelo Governo Federal. Para que a biblioteca, no entanto, também seja vista como um espaço social de acolhimento e de promoção de leituras literárias, deve-se levar em conta a organização de um evento literário voltado a incentivar a leitura e construir novos leitores, mas sempre tendo em vista atribuições cotidianas do(a)s bibliotecário(as).

A pesquisa demonstrou que o papel de mediador de leitura é um desafio o(a) bibliotecário(a), pois unir um livro literário, nesse caso, a um possível leitor não é tarefa fácil nem simples. Nesse processo, o investimento intelectual é importante no sentido de conhecer o que há no acervo e qual de seus livros pode ser indicado a um educando. Esse processo, com a indicação, passa a estabelecer um espaço de debate e intercâmbio social, uma vez que as informações deixam de ser unilaterais. Para que isso ocorra, o(a) mediador(a) deve ser um leitor em constante evolução e emancipação literárias, que poderá, além de mediar, constituir um grupo de leitura.

Para a biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU/ Câmpus da UNIFESSPA – Xinguara-PA, as ações de leitura literária que se mediou apontam caminhos possíveis para mobilizar o fomento à leitura. Ainda, cabe mencionar que nem todas as solicitações de compras de livros são atendidas, no entanto a biblioteca disponibiliza um acervo *online* no *site* da UNIFESSPA-PA, na *home* do CBIU. Os dados mostraram que há disponível cento e vinte e oito (128) títulos da área de Letras e Linguística, incluídos nesses os literários. Entre os anos de 2018 a 2021, o total de empréstimos de livros literários foi de somente cento e treze (113) exemplares, observando-se os dois anos da pandemia COVID-19. São dados interessantes para influir que há um vasto espaço para empreender e criar projetos que incentivem a leitura literária e que fomentem o incentivo à leitura, levando-se em conta que o interesse dos universitários por livros de conteúdo acadêmico-científico abre possibilidades de propor-lhes também leituras literárias, já que são frequentadores do ambiente da biblioteca universitária.

A partir do destaque que a pesquisa deu para o potencial que há no espaço da biblioteca – IETU/Câmpus da UNIFESSPA – Xinguara-PA, pode-se dizer que há uma espaço profícuo para a criação de uma (ou mais) “Clube de leitores literários”, ainda mais constatando que o perfil dos estudantes que frequentam a biblioteca, é de jovens em média com 20 anos, que apontam interesse pela leitura em geral, mas também pelas leituras literárias, o que configura ainda a falta de políticas internas que acolham os educandos e os estimule a construir o hábito (ou o prazer) de ler literatura. Contudo, a realidade evidencia que a maioria dos frequentadores da biblioteca universitária do instituto a utilizam como local de estudo e de pesquisa,

O projeto intitulado “Círculo de leitores” (2022) veio como resposta para preencher o espaço existente na biblioteca, tornando o(a) bibliotecário(a) um agente de incentivo à leitura literária. No “Círculo de leitores” (2022), fez-se a leitura de três (03) livros de gêneros distintos (conto, poesia e romance). Como se sabe, temáticas englobam a representatividade indígena e negra, e com o atual cenário sócio-político do Brasil devem estar sempre em destaque e analisadas criticamente sob o viés antirracista e também de inclusão na literatura brasileira.

A organização do projeto de leitura literária evidenciou que a biblioteca não deve ser somente um espaço onde haja somente livros, mas um ambiente no qual haja interação entre os universitários e os que lá trabalham a fim de que se dê a mediação entre o leitor literário e as obras que compõe o acervo literário. O(a) mediador(a) deve apresentar novos livros, criar situações que chamem a atenção dos leitores e condicioná-los a manter o ciclo de leituras literárias, pois a literatura deve ser construída enquanto força humanizadora, que conduz o sujeito a compreender melhor a vida, os semelhantes e o mundo à sua volta.

As etapas do projeto foram divididas em encontros nos quais analisaram-se as obras. As discussões reforçaram o entendimento de que a literatura contemporânea é fundamental para a construção do leitor literário, assim como a compreensão acerca da história do país, de uma região, de um povo, de alguma personagem, ou seja, sua própria história. Assim, os encontros do “Círculo de leitores” (2022) promoveram a emancipação dos leitores, tendo em vista que sua liberdade de pensamento em relação a várias questões, literárias ou não. Outra percepção resultante do evento é a facilidade com que os leitores literários se reconhecem no livro que leem, o que gera a sensação de pertencimento e o reconhecimento do saber como essência da liberdade.

Nesse sentido, a literatura e o espaço acadêmico, com ênfase na biblioteca, são promotores da liberdade consequente da criação de leitores literários. Assim, a biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU UNIFESSPA-PA é um espaço valioso e acolhedor para novos leitores por meio da mediação leitor-livro literário. Com isso, espera-se que este estudo abra caminhos para reflexão do importante papel de uma biblioteca universitária na formação de leitores literários e da(o) bibliotecária(o) como mediadora(o) e os possíveis caminhos que ele pode trilhar neste processo. Em relação à universidade, espera-se que a comunidade universitária passe a (re)conhecer a biblioteca como um setor que é imprescindível para a vida acadêmica.

REFERÊNCIAS

- AGÊNCIA BRASIL. **Brasil perde 4,6 milhões de leitores em quatro anos**. Disponível em: <https://agenciabrasil.ebc.com.br/educacao/noticia/2020-09/brasil-perde-46-milhoes-de-leitores-em-quatro-anos>. Acesso em: 20 jun. 2021.
- ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. **Sociedade e biblioteconomia**. São Paulo: Polis AB
- ALMEIDA, Núbia; MEDEIROS, Valéria. Do INL à digitalização de acervos: breve panorama da biblioteca pública no Brasil. **EntreLetras**, Araguaína/TO, v. 5, n. 1, p. 42-61, jan./jul. 2013.
- ANZOLIN, Heloisa Helena; CORRÊA, Rosa Lydia Teixeira. Biblioteca universitária como mediadora na produção de conhecimento. **Rev. Diálogo Educ.**, Curitiba, v. 8, n. 25, p. 801-817, set./dez. 2008. Disponível em: [file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3802-6211-1-SM%20\(1\).pdf](file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/3802-6211-1-SM%20(1).pdf). Acesso em: 10 abr. 2021.
- AZEVEDO, Ricardo. Formação de Leitores e Razões para a Literatura. In.: SOUZA, Renata Junqueira de (org.). **Caminhos para a formação do leitor**. São Paulo: DCL,2004. p. 38 – 47.
- BARCELOS, Maria Elisa Americano do Sul; GOMES, Maria Lúcia Barcelos Martins. Preparando sua biblioteca para avaliação do MEC. **Repositório – FEBAB**. Disponível em: <http://repositorio.febab.org.br/items/show/4699>. Acesso em: 5 ago. 2021.
- BARROS, Maria Helena Costa de. **Leitura do adolescente: uma interpretação pelas bibliotecas públicas do Estado de São Paulo - pesquisa trienal**. Marília: UNESP,1995.
- _____. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006.
- BARTHES, R. Da Leitura. In: _____. **O Rumor da Língua**. Tradução de Mário Laranjeira. 3. ed. São Paulo: Editora WMF Martins Fontes, 2012. p. 65 a 75
- BECKER, Caroline da Rosa Ferreira; GROSCHE, Maria Selma. A formação do leitor através das bibliotecas: o letramento e a ciência da informação como pressupostos. **Revista Brasileira de Biblioteconomia e Documentação**, n. 1, v. 4, p. 35-45, 2008.
- BELLENGER, L. **Os métodos de leitura**. Rio de Janeiro: Zahar Editores, 1979.
- BORTOLIN, Sueli. A mediação de leitura nos espaços infanto-juvenis. In: BARROS, Maria Helena T. C. de; BORTOLIN, Sueli; SILVA, Rovilson José da. **Leitura: mediação e mediador**. São Paulo: FA, 2006. p. 65-74.
- _____; ALMEIDA JÚNIOR, Oswaldo Francisco de. Memória de uma bibliotecária-personagem e a mediação oral da literatura com adolescentes. In: SEMINÁRIO EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 4., 2011. Londrina. **Anais eletrônicos...** Londrina: MPGI/UUEL, 2011. p. 1-16. Disponível em: <http://www.uel.br/eventos/cinf/index.php/secin2011/secin2011/paper/viewFile/32/6>. Acesso em: 25 mar. 2013.
- _____; SANTOS, Zineide Pereira. **Clube da Leitura na Biblioteca Escolar: Manual de Instruções**. Londrina, v. 3, n. 1/2, p.147-172, jan./dez. 2014.
- BOSI, Alfredo. Narrativa e Resistência. **Itinerários**, Araraquara, n. 10, 1996.

BOURDIEU, P. **Sociologia**. São Paulo: Ática, 1983.

BRANDÃO, Carlos Rodrigues. **O que é educação**. São Paulo: Brasiliense, 2003.

BRANDILEONE, Ana Paula Franco Nobile; OLIVEIRA, Vanderléia da Silva. O lugar do PNBE e do PIBID na e para a formação de leitores. **Estudos de Literatura Brasileira Contemporânea [online]**. 2017, n. 50, pp. 311-329. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/2316-40185020>.

BRASIL. Constituição (1988). **Constituição da República Federativa do Brasil**. 25. ed. Brasília: Câmara dos Deputados, Coordenação de Publicações, 2005.

BRASIL. **Decreto nº 519, de 13 de maio de 1992**. Institui o Programa Nacional de Incentivo à Leitura PROLER e dá outras providências. Brasília, DF, 1992. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/decreto/1990-1994/d0519.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

_____. **Decreto nº 7.599, de 1 de setembro de 2011**. Dispõe sobre o Plano Nacional do Livro e Leitura - PNLL e dá outras providências. Brasília, DF, 2011. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2011-2014/2011/decreto/d7559.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

_____. Lei nº 13.696, de 12 de julho de 2018. Institui a Política Nacional de Leitura e Escrita. **Diário Oficial da União**: seção 1, Brasília, DF, ano 134, 13 jul. 2018. Disponível em: http://www.planalto.gov.br/ccivil_03/_ato2015-2018/2018/lei/L13696.htm. Acesso em: 20 jul. 2021.

_____. Ministério da Educação. Comissão Nacional de Avaliação da Educação Superior. Instituto Nacional de Pesquisas Educacionais Anísio Teixeira. **Avaliação de cursos de graduação**: instrumento. Brasília, 2006. 91 p.

_____. Ministério do Trabalho e Emprego. **Classificação Brasileira de Ocupações**. Brasília: MTE, 2002. Disponível em: www.mteco.gov.br. Acesso em: 3 abr. 2021.

_____. Tribunal de Contas da União. **Avaliação do Programa Nacional Biblioteca da Escola - PNBE**. Sumário Executivo. Brasília-DF, 2002.

CANDIDO, Antonio. Direitos Humanos e literatura. In: A.C.R. Fester (org.). **Direitos humanos E...** Ed. Brasiliense, 1989.

CASTRILLON, Silvia. **O direito de ler e de escrever**. São Paulo: Pulo do Gato, 2011.

CASTRO FILHO, C. M. Roger Chartier e práticas de leitura: uma abordagem para o campo da informação. In: SEGUNDO, J. E. S.; SILVA, M. R.; MOSTAFA, S. P. (org.) **Os pensadores e a Ciência da Informação**. Rio de Janeiro: E-papers, 2012.

CATTANI, Maria Izabel; AGUIAR, Vera Teixeira de. Leitura no 1º grau: a proposta dos currículos. In: ZILBERMAN, Regina. **Leitura em crise na escola**: as alternativas do professor. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1982

CAVALCANTE, L. E. Cultura informacional e gestão de bibliotecas públicas municipais: competências e usos da informação. In: XI ENCONTRO NACIONAL DE PESQUISA EM CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO. **Anais...** Rio de Janeiro, 2010. Disponível em: <http://goo.gl/TvYpeH>. Acesso em: 26 jul. 2021.

CHARTIER, R. Do livro à leitura. In: _____ (org.). **Práticas da leitura**. São Paulo: Estação Liberdade, 2001.

COLOMER, T. **A formação do leitor literário: narrativa infantil e juvenil atual.** Tradução de Laura Sandroni. São Paulo: Global, 2003.

COMPAGNON Antoine. O leitor. In: _____. **O demônio da teoria: literatura e senso comum.** Belo Horizonte: Ed. UFMG, 1999.

CÔRTE, Adelaide Ramos; BANDEIRA, Suelena Pinto. **Biblioteca escolar.** Brasília, DF: Briquet de Lemos; Livros, 2011.

COSSON, Rildo. **Círculo de leitura e letramento literário.** São Paulo: Contexto, 2019.

_____. **Letramento literário: teoria e prática.** 2. ed. São Paulo, SP: Contexto, 2014.

_____; PAULINO, Graça. Letramento literário: para viver dentro e fora da escola. In: ZILBERMAN, Regina; ROSING, Tania M.K. (org.). **Escola e Leitura: Velha Crise novas alternativas.** São Paulo: Global, 2009.

COSTA, Sérgio Francisco. **Método científico: os caminhos da investigação.** São Paulo: Harbra, 2001.

D'ADESKY, J. **Pluralismo étnico e multiculturalismo: racismos e anti-racismos no Brasil.** Rio de Janeiro: Pallas, 2001.

DOUGLAS, Mary Peacock. **A biblioteca da escola primária e suas funções.** Rio de Janeiro: INL, 1971.

EAGLETON, Terry. **Teoria da literatura: uma introdução.** São Paulo: Martins Fontes, 1990.

ECO, Umberto. **Seis passeios pelos bosques da ficção.** Tradução de Hildegard Feist. São Paulo: Companhia das Letras, 1994.

FERREIRO, Emília. **Com todas as letras.** 4. ed. São Paulo: Cortez, 1993.

FONSECA, Edson Nery da. **Introdução à biblioteconomia.** 2. ed. Brasília: Brinquet de Lemos, 2007.

FONTES, Edilza Joana Oliveira. Memória e história da interiorização da UFPA: quando a memória constrói uma história coletiva. **Fronteiras - Revista Catarinense de História** [online], Florianópolis, n.20, p.93-114, 2012.

FOUCAMBERT, Jean. **A leitura em questão.** Tradução: Bruno Charles Magne. Porto Alegre: Artes Médicas, 1994. 157p.

FREIRE, Paulo. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 13. ed. São Paulo: Cortez, 1986.

_____. **A importância do ato de ler: em três artigos que se completam.** 33. ed. São Paulo: Cortez, 1995.

GARCIA, Fernanda. PNLE, afinal de contas o que virou lei? **Publishnews**, 2018. Disponível em: <https://www.publishnews.com.br/materias/2018/07/16/pnle-afinal-decontas-o-que-virou-lei>. Acesso em: 13 janeiro 2019.

HOFLING, Eloísa. Estado e Políticas (Públicas) Sociais. **Caderno Cedes**, ano XXI, n. 55, nov. 2001.

- IFLA. **Manifesto da Biblioteca Pública da UNESCO**, 1994. Disponível em: <https://www.ifla.org/publications/ifla-unesco-public-library-manifesto-1994?og=49>. Acesso em: 09 ago. 2021.
- ISER, Wolfgang. **O ato da leitura: uma teoria do efeito estético**. Tradução de Johannes Kretschmer. V. 1. São Paulo: Editora 34, 1996, v. 1.
- JANKOWSKI, Piotr *et al.* **Clubes de leitura para adultos: manual para mentores**. Portalegre: Instituto Politécnico de Portalegre, 2006.
- JAPIASSÚ, Hilton; MARCONDES, Danilo. **Dicionário básico de filosofia**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 1990.
- JULIATTO, C. I. Pensando na biblioteca da universidade. **Educação brasileira**, v. 10, n. 21, p. 105-123, 1998.
- JOUVE, Vincent. **A leitura**. São Paulo: Unesp, 2002.
- JOUVE, Vincent. A leitura como retorno a si: sobre o interesse pedagógica das leituras subjetivas. Tradução: Neide Luzia Rezende. In: ROUXEL, Annie; LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (Org.). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.
- KUENZER, Acácia (Org.). **Ensino Médio: Construindo uma proposta para os que vivem do trabalho**. 3. ed. Cortez, 2002.
- LAJOLO, Marisa. **Do mundo da leitura para a leitura do mundo**. 6. ed. São Paulo: Ática, 2002.
- LAROUSSE cultural: **Brasil de a/z**. São Paulo: Editora Universo, 1998.
- MANGUEL, A. **Uma história da curiosidade**. Lisboa: Tinta-da-china, 2015.
- MARSULO, Thabyta; GROSSI, Ângela. (2018). Políticas públicas de Informação: uma análise do Plano Nacional do Livro e da Leitura (PNLL). **Revista do Instituto de Políticas Públicas de Marília**. 3. 9-24. 10.33027/2447-780X.2017.v3. n2.02.p9
- MARTELETO, R. M.; COUZINETE, V. Mediações e dispositivos de informação e Comunicação na apropriação de conhecimentos: elementos conceituais e empíricos a partir de olhares inter cruzados. **RECIIS – Revista Eletrônica de Comunicação, Informação e Inovação em Saúde**, v. 7, n. 2, jun. 2013. Disponível em: <https://www.reciis.icict.fiocruz.br/index.php/reciis/article/view/450>. Acesso em: 15 out. 2021.
- MARTINS, Ana Amélia Lage. **Mediação: reflexões no campo da Ciência da Informação**. 2010. 253 f. Dissertação (Mestrado em Ciência da Informação). Belo Horizonte: Universidade Federal de Minas Gerais, Escola de Ciência da Informação, 2010. Disponível em: <http://hdl.handle.net/1843/ECID-88MHR9>. Acesso em: 15 out. 2021.
- MARTINS, Maria Helena. **O que é leitura**. 24. ed. São Paulo: Brasiliense, 1994.
- MELÃO, D. A formação do leitor no ensino superior: trajetórias de motivação para a leitura. **Revista Desenredo**, v. 12, n. 2, 19 jan. 2017.
- MELO, Camila Alves de. **História e memória do programa nacional biblioteca da escola (PNBE) e suas contribuições para a formação de alunos-leitores**. Porto Alegre - RS: Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2019.

MILANESI, L. **O que é biblioteca**. São Paulo: Brasiliense, 1998.

MIRANDA, Antônio. Biblioteca universitária no Brasil: reflexões sobre a problemática. In: SEMINÁRIO NACIONAL DE BIBLIOTECAS UNIVERSITÁRIAS, 1.; 1978, Rio de Janeiro. **Anais**. Disponível em:

http://www.antoniomiranda.com.br/Ciencia_Informacao/Biblioteca_Universitaria_.Pdf. Acesso em: 8 abr. 2021.

MUNDURUKU, Daniel. **O ato indígena de educar(se), uma conversa com Daniel Munduruku**. Transcrição de encontro realizado em 5 de julho de 2016, como parte da ação de difusão da 32ª Bienal: Programa de Encontros no Masp. Disponível em: <http://www.bienal.org.br/post/3364>. Acesso em: 20 jun. 2021.

NEVES, Iara Conceição Bitencourt et al. **Ler e escrever: compromisso de todas as áreas**. Porto Alegre: Ed. da Universidade/UFRGS, 1999.

NUNES, Martha S. C.; CARVALHO, Kátia de. As bibliotecas universitárias em perspectiva histórica: a caminho do desenvolvimento durável. **Perspectivas em Ciência da Informação**, Belo Horizonte, v. 21, n. 1, p. 173-193, jan./mar 2016. Disponível em:

https://www.scielo.br/scielo.php?pid=S141399362016000100173&script=sci_abstract&lng=pt. Acesso em: 02 mar. 2021.

OLIVEIRA, K. Universitários dedicam pouco tempo à leitura e aos estudos, revela Enade. **Agência Brasil**, São Paulo: Empresa Brasil de Comunicação, 9 jul. 2007. Disponível em: <http://www.agenciabrasil.gov.br/noticias/2007/07/09/materia.2007-07-09.4440958479/view>. Acesso em: 23 jun. 2021.

ORGANIZAÇÃO DAS NAÇÕES UNIDAS (ONU). **Declaração das Nações Unidas sobre os direitos dos povos indígenas**. Disponível em:

<https://www.acnur.org/fileadmin/Documentos/portugues/BDL/Declaracao_das_Nacoes_Unidas_sobre_os_Direitos_dos_Povos_Indigenas.pdf>. Acesso em: 10 ago. 2021.

ORLANDI, Eni Pulcinelli. **Discurso & leitura**. São Paulo: Cortez, 1988.

PAIVA, J.; BERENBLUM, A. Programa Nacional Biblioteca da Escola (PNBE): uma avaliação diagnóstica. **Pro-Posições**, Campinas, SP, v. 20, n. 1, p. 173–188, 2016. Disponível em: <https://periodicos.sbu.unicamp.br/ojs/index.php/proposic/article/view/8643441>. Acesso em: 8 jul. 2021.

PAULINO, G. Algumas especificidades da leitura literária. In.: PAIVA, A. et al. (org). **Leituras literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Autêntica, 2005.

PAULINO, Graça. Formação de leitores: a questão dos cânones literários. **Revista Portuguesa de Educação**, v. 17, n. 1, p. 47-62, 2004. Disponível em: <https://www.redalyc.org/pdf/374/37417104.pdf>. Acesso em: 20 out. 2021.

PDI - Plano de Desenvolvimento Institucional: 2020 a 2024. organização, Manoel Enio Almeida Aguiar ... [et al.]. Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará Marabá, PA: UNIFESSPA, 2020 [recurso eletrônico]

PEREIRA JUNIOR, Nilo Marinho. **A Biblioteca Universitária Professor Severino Francisco e suas ações de incentivo à leitura na UFT**. (Dissertação de Mestrado). Araguaína: Universidade Federal do Tocantins, 2019.

- PERINI, Mário A. A leitura funcional e a dupla função do texto didático. In: **Leitura: perspectivas interdisciplinares**. ZILBERMAN, Regina; SILVA, Ezequiel Theodoro da (org). 5. ed. São Paulo: Ática, 1999. p. 79-86.
- PERROTTI, E; PIERUCCINI, I. Infoeducação: saberes e fazeres da contemporaneidade. In: LARA, M. L. G.; FUJINO, A.; NORONHA, D. P. (org.). **Informação e contemporaneidade: perspectivas**. Recife: Néctar, 2007, p. 46-95.
<<http://www2.eca.usp.br/nucleos/colabori/documentos/Infoeducacao.pdf>>. Acesso em: 15 nov. 2021.
- PERROTTI, Edmir. **Confinamento cultural, infância e leitura**. São Paulo: Summus, 1990. (Coleção novas buscas em educação, v.38).
- PIEGAY-GROS, N. **Le lecteur, textes choisis & présentés**. Paris: GF Flammarion. 2002.
- PUCHEU, Alberto. **Márcia Wayna Kambeba: para ouvir o choro do nosso chão**, 2020. Disponível em: <https://revistacult.uol.com.br/home/marcia-wayna-kambeba/>. Acesso em: 21 ago. 2021.
- RASTELLI, A.; CAVALCANTE, L. E. Mediação cultural e apropriação da informação em bibliotecas públicas. **Encontros Bibli: revista eletrônica de biblioteconomia e ciência da informação**, v. 19, n. 39, p. 42-58, jan/abr. 2014. Disponível em: <<https://periodicos.ufsc.br/index.php/eb/article/view/1518-2924.2014v19n39p43/26577>>. Acesso em: 11 abr. 2021.
- REYES, Y. **A casa imaginária: leitura e literatura na primeira infância**. São Paulo: Global, 2010.
- ROCA, Glória Durban. **Biblioteca escolar hoje: recurso estratégico para a escola**. Porto Alegre, RS: PENSO, 2012.
- ROSA, Flávia Goullart Mota Garcia; ODDONE, Nanci. Políticas públicas para o livro, leitura e biblioteca. **Ciência da Informação**, Brasília, v.35, n.3, p.183-193, set./dez. 2006.
- ROUXEL, Annie. In: LANGLADE, Gérard; REZENDE, Neide Luzia (org). **Leitura subjetiva e ensino de literatura**. São Paulo: Alameda, 2013.
- SANTA ANNA, Jorge; GREGÓRIO, Elaine; GERLIN, Merinádía Marques. Atuação bibliotecária além da biblioteca: o espaço de leitura do Hospital Universitário Cassiano Antônio de Moraes (HUCAM). **Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina**, Florianópolis, v. 19, n. 1, p. 77-88, jan./jun. 2014. Disponível em: https://revista.acbsc.org.br/racb/article/view/953/pdf_89 Acesso em: 5 mar. 2021.
- SANTOS, Fabiano dos; MARQUES NETO, José Castilho; RÖSING, Tânia M. K. (Org.). **Mediação de leitura: discussões e alternativas para a formação de leitores**. São Paulo: Global, 2009.
- SANTOS, Raquel do Rosário; GOMES, Henriette Ferreira; DUARTE, Emeide Nóbrega. O papel da biblioteca universitária como mediadora da informação para construção de conhecimento coletivo. **DataGramZero - Revista de Informação**, v. 15, n. 2, p. 1-13, abr. 2014.
- SILVA, Ezequiel T. et al. A contribuição da biblioteca escolar na formação de leitores enfocando o desenvolvimento individual e organizacional. **Biblioteca Escolar em Revista**, [S. l.], v. 3, n. 2, p. 15-30, 2015. DOI: 10.11606/issn.2238-5894.berev.2015.106608.

Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/berev/article/view/106608>. Acesso em: 5 jul. 2021.

_____. **Leitura & realidade brasileira**. 4. ed. Porto Alegre: Mercado Aberto, 1991.

_____. **Leitura e realidade brasileira**. Porto Alegre: Mercado aberto, 1997.

_____. O bibliotecário e a formação do leitor. **Leitura: teoria & prática**, Campinas, v. 6, n. 10, p. 5-10, dez. 1987.

SOARES, Magda. A escolarização da leitura infantil e juvenil. In: EVANGELISTA, Aracy Alves M.; BRANDÃO, Heliana M. B.; MACHADO, Maria Z. V. (org.). **A escolarização da leitura literária: o jogo do livro infantil e juvenil**. Belo Horizonte: Autêntica, 1999.

SOARES, Magda. Ler, Verbo Transitivo. In.: PAIVA, Aparecida et. al. (org.). **Leituras Literárias: discursos transitivos**. Belo Horizonte: Ceale; Autêntica, 2008. p. 29-34.

_____. **Letramento: um tema em três gêneros**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica, 2003.

SOUZA, Renata J.; BORTOLANZA, A. M. E. Leitura e Literatura para Crianças de meses a 5 anos: livros, poesias e outras ideias. In: **Leitura e Cidadania**. Campinas: Mercado de Letras, 2012.

_____; MOTOYAMA, Juliane Francischetti Martins. A formação de leitores literários: o espaço como mediador. **Raído**, Dourados, v. 8, n. 17, p. 155-169, dez. 2014. ISSN 1984-4018. Disponível em: <<https://ojs.ufgd.edu.br/index.php/Raido/article/view/3553>>. Acesso em: 08 set. 2021.

TAVARES, Aureliana Lopes de Lacerda; SILVA, Tiago José; VALÉRIO, Erinaldo Dias. **Biblioteca escolar: instrumento para a formação de leitores críticos**. Revista ACB: Biblioteconomia em Santa Catarina, Florianópolis, v. 18, n. 1, p. 639-657, jan./jun.2013

TÉBAR, Lorenzo. **O perfil do professor mediador: pedagogia da mediação**. Trad. Priscila Pereira Mota. São Paulo: Editora Senac São Paulo, 2011.

THIOLLENT, Michel. **Metodologia da pesquisa-ação**. São Paulo: Cortez, 1985.

UFPA. Universidade Federal do Pará/ Faculdade de História. **Projeto Pedagógico do Curso de História**. Belém, 2011.

UNIFESSPA. **Nota 4: Unifesspa garante boa avaliação apesar do histórico de cortes de verbas**. Disponível em: <https://www.unifesspa.edu.br/noticias/5148-nota-4-unifesspa-garante-bom-avaliacao-institucional-apesar-do-historico-de-cortes-de-verbas>. Acesso em: 02 jul. 2021.

_____. **Plano de aquisição, expansão e atualização do acervo**. Marabá, PA: SIBI, 2019.

VICENTINI, L. et al. O papel da biblioteca universitária no incentivo à leitura e promoção da cidadania. In: CONGRESSO BRASILEIRO DE BIBLIOTECONOMIA, DOCUMENTO E CIÊNCIA DA INFORMAÇÃO, 25.; 2007, Florianópolis, SC. **Anais**. Disponível em: [https://file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1639-1652-1-PB%20\(1\).pdf](https://file:///C:/Users/Usu%C3%A1rio/Downloads/1639-1652-1-PB%20(1).pdf). Acesso em: 11 abr. 2021.

VIEIRA, Ronaldo da Mota. **Introdução à teoria geral da biblioteconomia**. Rio de Janeiro: Interciência, 2014.

VOLMER, L.; KUNZ, M. A. Biblioteca, que espaço é esse? **Revista Prâksis**, [S. l.], v. 2, p. 29–34, 2009. DOI: 10.25112/rp.v2i0.675. Disponível em:

<https://periodicos.feevale.br/seer/index.php/revistapraksis/article/view/675>. Acesso em: 7 set. 2021.

WITTER, G. (org.). **Leitura e universidade**. Campinas-SP: Alínea, 1997.

YUNES, Eliana. Contar para ler: a arte de contar histórias e as práticas de leitura. In: GOMES, Lenice. MORAES, Fabiano (Org.) **A arte de encantar**: o contador de histórias contemporâneo e seus olhares. São Paulo: Cortez, 2012. p. 59-77.

YUNES, Eliana. Leituras, experiência e cidadania. In: YUNES, Eliana; OSWALD, Maria Luiza (orgs.). **A experiência da leitura**. São Pulo: Edições Loyola, 2003. p. 41-56

_____. PELO AVESSO: A Leitura e o Leitor. **Revista letras**, Curitiba, v. 44, p. 185-196, Editora UFPR, 1995. Disponível em: <https://revistas.ufpr.br/letras/article/view/19078/12383>. Acesso em: 30 set. 2021.

_____; PONDÉ, Glória. **Leitura e leituras da literatura infantil**. São Paulo: FTD, 1988.

ANEXO A – CONTO “A ORIGEM DO FUMO”

A origem do fumo
 Povo Terena — Mito Terena
 Povo: TERENA
 UNGUA: TERENA FAMÍLIA: ARUAX
 TRONCO: ARUAX
 POPULAÇÃO: 16.000

Assim os velhos do povo Terena contam o aparecimento do fumo.

Havia uma mulher que não gostava muito de seu marido, e por isso fez um feitiço contra ele. Fez o feitiço usando o caraguatá. Ela o pegou e o arrancou do chão e pôs dentro da árvore seu próprio sangue. É por isso que esta árvore tem o centro da cor vermelha.

Em seguida, a mulher deu o broto para o marido comem. Imediatamente ele sentiu-se fraco e sem disposição para o trabalho, ficando deitado o dia todo. E se permanecesse desse jeito, fatalmente morreria em alguns dias.

Acontece, no entanto, que o filho dele havia visto a mulher fazer aquela maldade e contou a ele, que ficou muito aborrecido com sua esposa.

— Não sei por que ela quer me maltratar. Mas se é assim, eu vou me vingar dela — pensou.

Com muito esforço, decidiu levantar-se e comunicou à esposa que ia ao mato tirar mel e que logo voltaria. Calçou suas sandálias de couro de anta, chamou o menino e entrou no mato.

Ao chegar na floresta, notou que havia uma cobra e uma abelheira jati no tronco da lixeira. Foi até lá e furou a árvore para tirar mel. Matou a cobra, abriu a barriga dela e tirou o filhote que lá estava. Fez tudo isso e misturou com parte do mel. Colocou o mel puro em uma vasilha e o mel misturado em outra.

Ao chegar em casa, sua mulher quis imediatamente provar do mel que ele trouxe. Ela foi direto ao mel puro, mas o homem não permitiu, dizendo que aquele pote estava reservado para seu filho e o dela estava na outra vasilha.

A mulher — que estava com muita vontade de comer o mel — pulou em cima do pote e comeu até mas não poder. Comeu tanto que não percebeu que ele fazia aparecer uma estranha cocara em seu corpo. Somente depois é que notou que era por causa do mel misturado. Ficou furiosa. Tão furiosa que ameaçou matar o marido por ter feito aquela maldade a ela.



— A maldade primeira foi sua, minha esposa. Você é quem quis me eliminar e agora eu me vinguei.

— Isso não vai ficar assim, pai de meu filho Eu vou te matar.

E dizendo estas palavras saiu correndo atrás do marido que não pensou duas vezes antes de fugir. Enquanto corria ficava pensando um jeito de livrar-se daquela mulher que o havia enganado.

Lembrou-se, então, que havia visto uma árvore com três filhotes de papagaio. Essa poderia ser sua salvação. Correu para lá e subiu na árvore. Como ela estava se aproximando da árvore, ele pegou o filhote mais novo e jogou-o sobre ela, que o devorou rapidamente.

Percebendo que ela ainda continuava avançando, o homem jogou o segundo filhote sobre a mulher que, desta vez, estancou para pegar o pássaro e comê-lo. O tempo, porém, não foi o suficiente para fugir, e o marido teve que jogar também o terceiro filhote para sua mulher. Desta vez o tempo de parada dela foi maior e deu tempo para que o homem descesse da árvore e fugisse.

Sua estratégia, no entanto, não foi muito longa, pois a mulher. Já estava em seu encalço novamente.

Correndo, ofegante, o marido pensava num jeito de livrar-se dela para sempre. Lembrou-se então, que havia um fojo que ele mesmo havia aberto para pegar animais. Correu para lá e lançou-se dentro do buraco e ficou quietinho.

Como a mulher não sabia da armadilha, não notou sua existência e caiu lá dentro. O tombo foi fatal e ela morreu.

O homem, mais que imediatamente, cobriu o buraco com terra e ali mesmo ficou vigiando para ver o que acontecia.

Com o passar dos dias, notou que nascia uma plantinha sobre o tumulo da mulher. Foi lá e a arrancou pensando se tratar de erva daninha. A plantinha teimava, no entanto, a crescer. Ele, então, desistiu de limpá-la.

Passados alguns dias, a árvore cresceu e suas folhas amarelaram. O homem viu que eram diferentes das outras que cresciam ali ao seu redor. Tirou as folhas, amassou-as e as pôs ao sol para secar. Sentiu um agradável aroma que saía delas e as colocou dentro de seu cachimbo que havia acabado de fazer, utilizando o barro. Não sabendo direito o que era, escondeu-se e pitou sozinho, à meia-noite para que ninguém o percebesse. No entanto, o perfume da planta era tão gostoso que as outras pessoas logo quiseram saber de onde vinha. Correram até ele, mas ele não quis contar para os outros.

Isto não ficou assim, não, dizem os antigos. Como queriam participar também daquela descoberta, os homens ficaram vigiando todos os passos do marido e acabaram por descobrir seu segredo quando o viram entrando na mata para buscar as folhas daquela estranha árvore. Imediatamente toda a aldeia ficou sabendo do que se tratava e logo, logo estavam todos utilizando o mesmo fumo que o marido da mulher-feiticeira.

Glossário

Terena — Povo cuja língua pertence ao tronco Aruak. O grosso de sua população está localizada no Mato Grosso do Sul, mas está presente também nos estados de São Paulo e Paraná. Forma, com os Guarani e os Ticuna, a população indígena mais numerosa do Brasil.

Caraguatá — Árvore de médio porte comum no Centro-Oeste brasileiro, Jati Abelha preta e miúda, que produz mel de excelente qualidade. Faz sua colmeia em árvores ocas e entre pedras.

Lixeira — Árvore de folhas ásperas como lixas

Fojo — Armadilha para caçar animais. É uma cova funda coberta de galhos e folhas que enganam a presa

Fumo ou Tabaco — Grande erva de origem sul-americana, de folhas amplas. Possui nicotina e por isso é utilizada para matar parasitas e utilizadas amplamente em rituais indígenas.

APÊNDICE A – PESQUISA QUANTITATIVA – TÓPICOS GERAIS

1. **Curso/Período:** _____
2. **Faixa Etária:** () menos de 20 () 20 a 29 () 30 a 39 () 40 ou mais
3. **Em relação ao seu gosto pela Leitura, podemos dizer que é:**
() Nenhum () Fraco () Médio () Grande
4. **Que tipo de leitura você costuma realizar com mais frequência?**
() Literária - romance, poesia, teatro
() Teórica/Técnico Científico
() Informativa - Jornais, Revistas
5. **Quantos livros literários você costuma ler durante o ano?**
() Nenhum () 1 a 5 () 6 a 10 () 11 a 20 () mais de 20
6. **Antes de ingressar na Universidade você já tinha frequentado alguma biblioteca?**
() Sim () Não
7. **Com que frequência você costuma ir à biblioteca?**
() Raramente () Às vezes () Frequentemente / Regularmente
8. **Você costuma ir à Biblioteca para:**
() Leitura casual/Consulta
() Estudar/Pesquisar/Elaborar trabalhos
() Emprestar/ Devolver livros
9. **Você considera a Biblioteca do “IETU” um bom lugar para leitura?**
() Sim () Não

Observação: _____

10. **Você acha importante a realização de projetos de incentivo à leitura em Bibliotecas Universitárias?**

() Sim () Não

Observação: _____

APÊNDICE B – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA INDÍGENA

Obra: MUNDURUKU, Daniel. **Contos indígenas brasileiros.** São Paulo: Global editora, 2021.

1. Os contos hoje escritos e editados eram antes histórias contadas oralmente nas tribos. Você acha que escutar uma história é melhor do que lê-la em um livro?
2. Em seus livros, Daniel Munduruku nos apresenta personagens que são contadores de histórias orais, como seu pai. A qual razão você destina tal escolha?
3. Se não fosse por uma indicação, você buscaria um livro de contos indígenas para leitura? Por quê?
4. Tendo em vista que há mais de 750.000 pessoas entre os diversos povos indígenas brasileiros, você acha que há representatividade desse povo na literatura brasileira?
5. Após a leitura dos 8 contos separados por Daniel, você consegue vislumbrar um pouco de cada grupo indígena representando as regiões brasileiras? Exemplifique sua resposta.
6. É possível perceber as tradições de cada povo por meio de leituras de suas lendas?
7. As lendas indígenas apresentadas nos contos mostram as tradições de cada povo, assim como suas crenças e ensinamentos. Existe relação entre os contos lidos e alguma peculiaridade de sua região? Se sim, exemplifique.
8. Como um intelectual ligado às histórias de seu povo, Daniel Munduruku luta para manter a literatura indígena viva. O que você achou dos contos de seu livro?
9. Depois dessa leitura, voltará a ler outros livros com o tema indígena?
10. A Literatura, assim como os contadores de história orais, pode também perpetuar as tradições de um povo?

APÊNDICE C – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA INDÍGENA

Obra: KAMBEBA, Márcia Wayna. **Ay kakyri Tama:** eu moro na cidade. Manaus: Editora Pólen, 2013.

1. “Márcia Wayna Kambeba é uma dessas vozes, que se firma percorrendo o Brasil com sua poesia e sua música. Em *Ay Kakyri Tama* [eu moro na cidade, em tupi-kambeba] ela constrói uma ponte entre sua origem indígena e a vida em Belém do Pará, apresentando a história de seu povo e sua luta em poesias e imagens repletas de emoção e verdade”. Esse relato do site *Expressão popular* é evidenciado no livro que você leu?
2. Você considera a poesia um gênero eficiente para evidenciar a cultura de um povo ou civilização?
3. Você conhece algum autor de literatura indígena?
4. A oralidade presente nas poesias ajudou a entender o texto da autora?
5. A autora, como porta-voz autorizada por ser de origem indígena, tem seu lugar de fala mais aceito por leitores diversos? Seria diferente se ela não fosse do povo Kambeba?
6. Que traços da identidade indígena aparecem nos poemas da autora?
7. Márcia constrói suas poesias com oralidade atual, mas baseados em sua ancestralidade. Você acha que o passado importa para a literatura contemporânea? Por quê?
8. A quais sensações lhe remeteu a leitura de *Ay kakyri Tama: eu moro na cidade*?
9. Você recomendaria este livro a outra pessoa? Por quê?
10. A literatura, por meio de poesias, pode nos ajudar a ampliar nosso conhecimento de mundo?

APÊNDICE D – PESQUISA QUALITATIVA – OBRA FICÇÃO URBANA

Obra: TENÓRIO, Jeferson. **O avesso da pele.** São Paulo: Companhia das Letras, 2020.

1. O *avesso da pele* é um livro que fala sobre identidade em relação à negritude. Na sua opinião, qual a relevância deste tema no atual contexto mundial?
2. Pedro é um personagem que representa muitos meninos e meninas em função de sua história de vida. Pode-se dizer que seu perfil é pouco comum na sociedade brasileira? Exemplifique sua resposta.
3. O autor escolheu um narrador-personagem para seu romance. Pedro é tão fiel à verdade e causa empatia em seus leitores justamente por ser o narrador de sua história? Explique sua resposta.
4. Os acontecimentos que envolvem Henrique, pai de Pedro, são anunciados, não diretamente, mas por meio do pesadelo do policial e sua atitude no mesmo dia. Como podemos entender essa passagem?
5. O autor questiona, em sua narrativa, qual a ameaça que pessoas negras trazem à sociedade e o porquê de serem vistas e entendidas como ameaça. Quanto ao racismo, que comparações podemos fazer entre as personagens do livro e as da “vida real”, conforme os últimos acontecimentos envolvendo pessoas negras?
6. Leia um trecho do livro *O avesso da pele*:

Você apenas pensou que havia um problema com você, mas talvez nunca tenha percebido que toda aquela vontade de ficar calado, que toda aquela vontade de permanecer quieto, pudesse ter a ver com a cor da sua pele. Que seu receio de falar, seu receio de se expor, pudesse ter a ver com as orientações que você recebeu desde a infância: *não chame a atenção dos brancos. Não fale alto em certos lugares, as pessoas se assustam quando um rapaz negro fala alto. Não ande por muito tempo atrás de uma pessoa branca, na rua. Não faça nenhum tipo de movimento brusco quando um policial te abordar. Nunca saia sem seus documentos. Não ande com quem não presta. Não seja um vagabundo, tenha um emprego.* Tudo isso passava anos reverberando em você. Como um mantra. Um manual de sobrevivência. (TENÓRIO, 2020, p. 88)

Esse é o resultado da autoanálise de Pedro e sua condição na sociedade de Porto Alegre racista e intolerante. Concorda que este relato poderia ser de um jovem de qualquer região do Brasil? Por quê?

7. Tenório traz muitos elementos do candomblé para a narrativa, cujos significados vamos observando ao longo da leitura. Todo o percurso de Pedro pode ser assimilado como o recolhimento vivenciado nas religiões de matriz africana, porque ele poderá, ou não, se conectar com sua energia ancestral. Quanto a isso, o narrador diz: “tenho Ogum em minhas mãos porque agora é minha vez”. Desse modo, é correto dizer que, ao se recolher, Pedro vislumbra para si o mesmo destino do pai, não em reação à morte, mas à negritude, assim como quem se recolhe nas religiões de matriz africana se nota como filho de um orixá?
8. Jeferson Tenório escreve de forma provocativa, o que leva o leitor a julgar-se. Ele é objetivo em mostrar que o que ocorre com os negros no Brasil é um horror atávico. Como isso compromete a formação da nacionalidade brasileira?
9. Como você descreveria *O avesso da pele*?
10. Como essa leitura fez você mudar sua visão de mundo em relação às questões sociais?

APÊNDICE E – CARTA-CONVITE

A Biblioteca irá promover, junto com a comunidade acadêmica do IETU, um projeto que visa reunir leitores (discentes) para análise e leitura de livros com temas específicos. Denominado **Círculo de Leitores**, busca proporcionar um ambiente propício para a discussão de temas atuais com base na literatura (romances, contos, poesias, etc.), mesmo que à distância, com intuito de promover o incentivo à leitura.

Nessa perspectiva, convidamos você, aluno (a), para participar deste projeto de leitura que irá engrandecer o seu currículo, pois as horas dispensadas para este projeto serão adicionadas ao seu histórico como horas complementares, e essa experiência lhe proporcionará aprendizagem concernente à leitura de um bom livro. Sabendo-se que é por meio da leitura que alteramos e expandimos nossa visão de mundo, a pesquisa elaborada para o projeto **Círculo de leitores** contempla 03 (três) livros de gêneros distintos – conto, poesia e romance, a fim de que os participantes observem como se dá a representatividade de temas de vertente indígena e negra sob o viés antirracista e de inclusão na Literatura brasileira. Os livros elencados para a leitura são:

2. *Contos indígenas brasileiros* (2005), de Daniel Munduruku (Conto);
3. *Ay kakyri Tama: eu moro na cidade* (2013), de Márcia Wayna Kambeba (Poesia);
4. *O avesso da pele* (2020), de Jeferson Tenório (Romance).

Um ebook de cada leitura será enviado por e-mail a cada participante. Após o Comitê de ética da universidade autorizar, estarão disponíveis pelo *Google forms* o termo de consentimento por estarem participando da pesquisa e um questionário, que servirá de apoio para a análise do livro selecionado. O link para acesso também será encaminhado por e-mail. O questionário específico de cada livro deve ser respondido ao final de cada leitura. Ao todo, os participantes terão 20 dias para a leitura do **Livro 1**, composto de 8 contos; 15 dias para a leitura do **Livro 2**, composto por 20 poesias; e 30 dias para a leitura do **Livro 3**, um romance.

Por meio deste projeto, vocês estarão contribuindo também para a aplicação de uma pesquisa de mestrado com o título: “Formação de leitores na Biblioteca do Instituto Federal de Estudos do Trópico Úmido – UNIFESSPA”, que tem como objetivo principal promover, por meio da Biblioteca universitária - IETU, a formação de leitores, a fim de que haja melhoria no desenvolvimento do hábito da leitura.

A Biblioteca IETU

ANEXO B – Projeto Interno da Universidade



UNIVERSIDADE FEDERAL DO SUL E SUDESTE DO PARÁ
PRÓ-REITORIA DE PÓS-GRADUAÇÃO, PESQUISA E INOVAÇÃO TECNOLÓGICA
PROGRAMA INSTITUCIONAL DE BOLSAS DE EXTENSÃO-PIBEX

CÍRCULO DE LEITORES DA BIBLIOTECA DO INSTITUTO DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO - IETU

Esp. Maria José Pereira da Silva
Bibliotecário-Documentalista/IETU/UNIFESSPA

Marabá/PA
2022

SUMÁRIO

1.	IDENTIFICAÇÃO	3
1.1.	Modalidade da ação	3
1.2.	Título.....	3
1.3.	Instituição Proponente/Executora	3
1.4.	Programa vinculado	3
1.5.	Ano-base	3
1.6.	Componentes da equipe	3
1.7.	Local de implantação	4
2.	RESUMO	5
3.	INTRODUÇÃO	5
4.	JUSTIFICATIVA	8
5.	OBJETIVOS	9
5.1.	Objetivo geral	9
5.2.	Objetivos específicos	9
6.	METODOLOGIA	10
7.	METAS.....	11
8.	AVALIAÇÃO.....	11
9.	CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO	13
10.	NÚMERO DE BOLSISTA(S).....	14
11.	ORÇAMENTO.....	14
14	REFERÊNCIAS	14

1. IDENTIFICAÇÃO

1.1. Modalidade da ação	Extensão
1.2. Título	Círculo de Leitores da biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido - IETU
1.3. Instituição Proponente/Executora	Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará - UNIFESSPA
1.4. Programa vinculado	Programa institucional de bolsas de extensão-PIBEX/ EDITAL PROEX nº 04/2022
1.5. Ano-base	2022
1.6. Componentes da equipe	<p>Coordenadora:</p> <p>Maria José Pereira da Silva. C.P.F.: 893.266.793-49 R.G.: 2.033.476 Telefone: (94) 98125-1841/ (86) 98848-5460 Mestranda do Programa de Pós-Graduação em Letras: Ensino de Língua e Literatura (PPGL) da Universidade Federal do Norte do Tocantins (UFNT). Araguaína, Brasil. Bibliotecária-Documentalista da Universidade Federal do Sul e Sudeste do Pará-Unifesspa – Campus de Xinguara, Brasil. Regime de trabalho: dedicação exclusiva – 40 horas</p> <p>E-mail: maria.jose@unifesspa.edu.br.com.</p> <p>Link currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/3884773315782552. ORCID: http://orcid.org/0000-0003-4069-9568</p> <p>Docente:</p> <p>Andrea Regina de Brito Costa Lopes. CPF.: 87407825653 RG.: 1032758 SSP MS Cargo/Função: Professora do Magistério Superior SIAPE: 1982816 Telefone: (61) 98312 - 1741 E-mail: andbritto@yahoo.com.br Regime de trabalho: dedicação exclusiva – 40 horas</p>

	<p>Titulação: Doutorado Área de atuação: Geociências Experiência em extensão - Projetos de pesquisa 2017-2017 Clube do Livro. Link currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/2224912449034718 ID Lattes: 2224912449034718</p> <p>Técnicos administrativos:</p> <p>Eliane Miranda Machado CPF.: 756.910.602-44 R.G.: 4.386.130 Cargo/função: Secretária Executiva SIAPE: 01668641 Telefone: (94) 99161-4720 E-mail: elianemiranda@unifesspa.edu.br Regime de trabalho: dedicação exclusiva – 40 horas Titulação: Doutoranda Área de atuação: Letras Experiência em extensão - Projetos de Pesquisa Link currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/5187121815637281 ID Lattes: 5187121815637281</p> <p>Eva Lopes da Cruz Arndt C.P.F.: 921.154.461-00 R.G.: 268.271 Cargo/função: Pedagoga SIAPE: 1072156 Telefone: (63) 98455-8116 E-mail: evaarndt11@hotmail.com Regime de trabalho: dedicação exclusiva – 40 horas Titulação: Mestranda Área de atuação: Educação Experiência em extensão - Projetos de Extensão</p> <p>Link currículo lattes: http://lattes.cnpq.br/4133654317565247 ID Lattes: 4133654317565247</p> <p>1 Bolsista</p>
1.7. Local de implantação	Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU (campus Xinguara-PA)

2 RESUMO

Projeto que visa reunir leitores – internos do IETU – para leitura de livros com temas específicos e posterior troca de experiências e debates acerca do tema/livro selecionado. Tem como problemática, como os discentes do Campus IETU, são incentivados a fazer outras leituras, além das habituais de suas rotinas acadêmicas? Com objetivo Incentivar o discente acadêmico a fazer outras leituras além das habituais do curso através do “Círculo de leitores”, tendo como base temáticas de gêneros literários contemporâneos (romance, conto, poesia e etc.) e de autores nacionais e internacionais. O Círculo de Leitores também busca fornecer um ambiente propício para a discussão de temáticas de gêneros literários contemporâneos (romances, contos, poesias e etc.) de autores nacionais e internacionais, incentivo à leitura literária e a produção textual focada em resenhas literárias simples dos livros a serem lidos.

Palavras-chave: Incentivo à leitura. Literatura literária. Educação inclusiva e diversidade

3 INTRODUÇÃO

A Unifesspa tem por missão produzir, sistematizar e difundir conhecimentos filosófico, científico, artístico, cultural e tecnológico, ampliando a formação e as competências do ser humano na perspectiva da construção de uma sociedade justa e democrática e no avanço da qualidade de vida.

Com isso, a Unifesspa oferece os cursos de graduação em Medicina Veterinária, Zootecnia, História e Geografia. Sendo assim, foi elaborado no âmbito dessa instituição, Os Projetos Pedagógicos dos Cursos – PPCs de cada curso, envolvendo seus docentes, seus técnicos e seus alunos, cuja relevância educacional manifesta-se no impacto regional que possui a universidade no Sul e Sudeste do Pará, em geral, e em Xinguara, especificamente.

Seus cursos asseguraram uma sólida base dos conhecimentos científicos e tecnológicos; dotados de consciência ética, política, humanista, com visão crítica e global da conjuntura econômica, social, política e ambiental. Para isto, os cursos levam em conta as diferenças de natureza individual e as desigualdades coletivas de natureza social. A proposta pedagógica possibilita a formação de um profissional com capacidade de comunicação e integração dos conhecimentos adquiridos; com raciocínio lógico, interpretativo e analítico para identificar e solucionar problemas.

A leitura é um hábito, e, como qualquer hábito, necessita de empenho e dedicação, principalmente no início. Estamos vivendo uma época na qual o acesso à informação se disseminou amplamente, em todas as partes do mundo, com a popularização da internet. Porém, o que poderia ser extremamente benéfico para incentivar o hábito da leitura literária entre pessoas de todas as camadas sociais, às vezes acaba por ser prejudicial.

Com isso, a grande quantidade de informações que chegam pela internet a todo instante, de maneira rápida, acabamos perdendo um pouco a capacidade de foco e atenção. Portanto, ler textos mais longos ou até mesmo parar para ler um romance, impresso em papel, tornaram-se tarefas extremamente maçantes e desinteressantes para os jovens.

Sendo assim, quando ingressamos em uma universidade, a maioria tenta pensar somente em aprender sobre temas da escolha profissional, atualizado em sua área e ficar preparado para o mercado de trabalho. Mas, para que o aprendizado ocorra de maneira eficiente e não superficial, é necessário não somente se aprofundar em determinados assuntos dos estudos acadêmicos, mais também em leituras diversas: romances, jornais, revistas. E isso amplia o hábito de leitura e o conhecimento.

Dito isto, o hábito de ler nos permite uma expansão incrível do nosso conhecimento e é fundamental para o sucesso acadêmico. Na maioria das vezes, os alunos tendem a adiar leituras, a dividir a leitura de livros e textos entre componentes do grupo para realizar trabalhos e quase nunca vão além da bibliografia sugerida pelo professor da disciplina. Essas atitudes limitam demais o conhecimento e o tornam parcial. Com isso, o hábito de ler um livro e textos completos vai se perdendo, devido as leituras específicas e rápidas dos cursos.

Todavia, a problemática busca saber como os discentes do Campus IETU, são incentivados a fazer outras leituras, além das habituais de suas rotinas acadêmicas?

Visto isso, a proposta do projeto tende a incentivar o aluno acadêmico a fazer outras leituras além das habituais dos cursos e fazer isso através do “Círculo de leitores” e com a mediação da Biblioteca do Instituto de Estudos do Trópico Úmido – IETU (campus Xinguara-PA).

Pois as bibliotecas universitárias podem não apenas facilitar o acesso à informação científica, como também possibilitar que através de seus espaços e a partir dos serviços que oferecem à comunidade externa se estabeleça uma perspectiva cidadã, em que a biblioteca universitária se torne um local de acesso e troca de conhecimentos, não necessariamente acadêmicos, em que as pessoas experimentem acessar visões de mundo diferentes, sempre que

possível, a partir das suas próprias experiências de cotidiano. Aqui se aponta um caminho muito semelhante ao que já anteviu Paulo Freire:

Enquanto preparação do sujeito para aprender, estudar é, em primeiro lugar, um que-fazer crítico, criador, recriador, não importa que eu nele me engaje através da leitura de um texto que trata ou discute um certo conteúdo que me foi proposto pela *escola* ou se o realize partindo de uma reflexão crítica sobre um certo acontecimento social ou natural e que, como necessidade da própria reflexão, me conduz à leitura de textos que minha curiosidade e minha experiência intelectual me sugerem ou que me são sugeridos por outros. Assim, em nível de uma posição crítica, a que não dicotomiza o saber do senso comum do outro saber, mais sistemático, de maior exatidão, mas busca uma síntese dos contrários, o ato de estudar implica sempre o de ler, mesmo que neste não se esgote. De *ler o mundo*, de ler a palavra e assim ler a leitura do mundo anteriormente feita. Mas ler não é puro entretenimento nem tampouco um exercício de memorização mecânica de certos trechos do texto. (FREIRE, 2001, p. 260).

Por esse motivo, acreditamos, que as bibliotecas universitárias devem investir em projetos de incentivo à leitura, tanto pelo impacto social que iniciativas como estas podem causar, e assim a biblioteca estaria também cumprindo seu papel social, quanto pela própria necessidade acadêmica dos alunos e alunas, sendo a leitura e as variadas formas de fazê-la, a base da compreensão dos textos acadêmicos e da própria leitura por prazer.

Assim, segundo Bortolin e Santos (2014), "a criação de um círculo de leitores para mediação da leitura na biblioteca é um instrumento fundamental". E esta importância pode ser vista tanto para a formação dos mediadores de um círculo de leitores com esta finalidade, como para os participantes e aspirantes a leitores.

4 JUSTIFICATIVA

Este projeto é baseado nas premissas dos PPCs, e PDI da Unifesspa. Onde o Plano de Desenvolvimento Institucional (PDI) é referente ao período 2020-2024, expressa, em sua essência, as políticas e estratégias acadêmicas e administrativas da Universidade, sedimentadas nas normas vigentes, na cultura, identidade, vocação e realidade institucional desta Instituição. As tarefas de articulação e elaboração do PDI foram coordenadas pela Secretaria de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Seplan) por meio de sua Divisão de Planejamento e Desenvolvimento Institucional (Diplan). Construído com a participação determinante da comunidade acadêmica: pró-reitorias, institutos acadêmicos de todos os campus da Unifesspa, e demais unidades, acadêmicas e administrativas, por meio de contribuições, críticas e sugestões, e por diversas outras formas de interação entre os diferentes seguimentos que compõem a Universidade.

Neste projeto será trabalhado a leitura pois, ela é como instrumento de apropriação crítica da informação, precisa ser trabalhado principalmente por conta de outra problemática que vem obtendo enorme repercussão negativa, que é a quantidade gigantesca de informação circulante de caráter não confiável e deliberadamente produzidas para a desestabilização dos critérios de verdade e confiabilidade, causando confusão social e graves distorções ideológicas, a saber: as Fake News.

As pessoas que chegam a uma graduação no Brasil, em sua maioria, não foram usuários nem de bibliotecas públicas, nem de biblioteca escolar (quando estas existem), por isso apresentam dificuldades na hora de construir e interpretar um texto. Na maioria das vezes, eles apenas copiam e colam, usam frases, pensamentos de autores, sem lhes dar o devido crédito, desse modo, cometendo o plágio, ainda que inconscientemente. Associado a isso, não conseguem validar uma informação, e se utilizam daquele recurso mais rápido e fácil, principalmente nos dias de hoje, onde a internet é acessível pelo celular, fazendo valer uma falsa ideia de que se está na internet é verdade. (SUAIDEN, 2018 *apud* ARAÚJO, 2021).

Acredita-se que a biblioteca universitária pode também investir em leitura em suas variadas formas, criando novos serviços e projetos nessa perspectiva. O incentivo à leitura, somado aos serviços de acesso a informação científica, já costumeiramente oferecidos, é também uma forma de conexão com a comunidade que se serve da biblioteca, uma possibilidade de se conectar à realidade, de fazer da biblioteca universitária também um espaço de aprendizagem, em que as pessoas possam reduzir o ritmo acelerado do cotidiano e se pôr numa experiência de reflexão e compartilhamento de visões de mundo.

Com isso, este projeto é necessário para firmar a importância da leitura literária para os discentes do IETU Campus Xinguara como para a comunidade acadêmica. As reuniões periódicas do Círculo de Leitores proporcionarão um ambiente de conversas e debates temáticos a partir de obras literárias disponíveis na biblioteca, o que contribuirá para o conhecimento cultural e desenvolvimento intelectual dos participantes para com os temas discutidos.

Nessa linha de pensamento, a comunidade acadêmica será beneficiada por poder participar e contribuir com as discussões envolvendo alunos dos cursos de graduação (Geografia, História, Zootecnia e Medicina Veterinária), onde os mesmos entrarão em contato com visões de mundo e opiniões diferentes acerca dos temas propostos ao mesmo tempo em que conhecerão temáticas de gêneros literários contemporâneos (romance, conto, poesia e etc.) de autores nacionais e internacionais.

Para esta proposta contaremos com o apoio do Campus na execução deste projeto por proporcionar um local de produção de conhecimento educacional e cultural, além de fomentar

a ligação entre a instituição e a comunidade acadêmica, este apoio aponta para a necessidade do seu trabalho em conjunto com a administração e o corpo docente a fim de integrar uma política pedagógica de ensino entre as aulas e o uso da biblioteca.

5 OBJETIVOS

5.1 Geral

Incentivar o discente acadêmico a fazer outras leituras além das habituais do curso através do “Círculo de leitores”, tendo como base temáticas de gêneros literários contemporâneos (romance, conto, poesia e etc.) e de autores nacionais e internacionais.

5.2 Específicos

Possibilitar discussões acerca de temas variados e contemporâneos sobre: literatura indígena, autoras negras, marginal, paraense e etc.;

Incentivar o hábito da leitura, possibilitando o diálogo com pessoas de opiniões diferentes;

Contribuir para o conhecimento de temáticas de gêneros literários contemporâneos e de autores nacionais e internacionais.

6 METODOLOGIA

Apesar de sua importância, a leitura em nossa sociedade ainda encontra barreiras, seja no seu valor sociocultural ou no valor financeiro que o livro, seu instrumento, obtém no mercado. Programas como Círculo de Leitores, permitem que os estudantes acadêmicos e a comunidade em geral possam tanto ampliar quanto socializar sua bagagem de leitura. Além disso, o programa procura assumir o compromisso constante de estabelecer diálogos entre práticas de ensino e práticas culturais que visem estimular o crescimento dos sujeitos como cidadãos críticos e participativos. Essa dimensão cultural envolve não apenas a aquisição de um conhecimento de mundo, mas também a possibilidade de se vir a interferir nesse mundo, reinterpretando os processos sociocognitivos.

A intenção do projeto é reunir leitores – discentes e comunidade acadêmica interessada do IETU para leitura de livros com temas específicos e posterior troca de experiências e debates acerca do tema/livro selecionado. O Círculo de Leitores busca também fornecer um ambiente propício para a discussão de temáticas de gêneros literários contemporâneos (romance, conto, poesia e etc) de autores nacionais e internacionais, incentivo à leitura e a produção textual focada na escrita de resenhas literárias simples dos livros a serem discutidos.

Para isso, a metodologia seguirá o cronograma do projeto, o qual será dividido da seguinte maneira: Primeira etapa: o Círculo de leitores será divulgado através das redes sociais da biblioteca do IETU e com o envio de e-mail aos alunos, e em seguida serão abertas as inscrições na própria biblioteca do IETU para os discentes, e comunidade acadêmica interessada; Segunda etapa: Serão realizados encontros no decorrer de 12 meses para apresentação dos participantes, oficina sobre resenha literária, escolha do tema/livro, discussão do tema/livro escolhido, entrega da resenha e encontro com todos para finalização do projeto. Terceira etapa: criação de um livro/cartilha para divulgação do projeto. Este livro será composto pelas resenhas literárias escritas pelos participantes. Os encontros acontecerão na biblioteca. Os participantes serão acompanhados pelo bibliotecário(a), docentes, técnicos, bolsista e voluntários integrantes do projeto.

Durante o projeto serão realizadas listas para acompanhamento da frequência dos participantes. Na última reunião do projeto, haverá o preenchimento de um questionário sobre os pontos positivos e negativos do Círculo de leitores para avaliarmos a aceitação do projeto pelos participantes. Assim, o projeto poderá ser melhorado com base nessas opiniões.

7 METAS

Espera-se, ao final do projeto, com o relato de experiência do Círculo de Leitores por parte dos participantes e o apanhado das resenhas críticas realizadas pelos mesmos, como motivação em tornar a leitura literária uma peça-chave na construção da rotina acadêmica dos alunos. Da experiência em escrever suas opiniões sobre as obras literárias lidas. Esse tipo de atividade estimula o desenvolvimento e a capacidade de interpretação e da formação de pensamento crítico e podem fazer o aluno se sobressair dentro da comunidade acadêmica. Isso que servirá como fonte de disseminação dos resultados alcançados durante a realização do projeto.

8 AVALIAÇÃO

Realizar pesquisa por questionário diagnóstico junto a população atendida de ensino (discentes da Unifesspa,) e comunidade interessada, os seguintes itens:

Questionário para os discentes e comunidade da Unifesspa:

- 1) Você sabe o conceito de um projeto de ensino e um projeto de extensão?
- 2) Como discente ou comunidade, você tem o hábito de ler outros livros que não seja os conteúdos de seu curso?
- 3) Você costuma frequentar a biblioteca do IETU?
- 4) Ao fazer empréstimos de livros na biblioteca, qual tipo de material/obra você costuma levar?
- 5) Você conhece as obras literárias da biblioteca do IETU?
- 6) Dê sua opinião da importância da leitura para a vida acadêmica?
- 7) Como você visualiza o papel da biblioteca do IETU junto à comunidade acadêmica e comunidade geral do município?

9 CRONOGRAMA DE EXECUÇÃO

Atividade	Período/ Meses /2022							
	03	04	05	06	07	08	09	10
Divulgação do projeto no campus do ETUI. Além de divulgação pelas redes sociais.	X							
Inscrições dos participantes pelo site e redes sociais do instituto.		X						
Apuração do resultado.		X						
Divulgação do resultado das inscrições.		X						
Encontro inicial com todos os participantes para apresentação do projeto e preenchimento da ficha de confirmação de participação.		X						
Reunião com os participantes do projeto para organização do cronograma, divisão e escolha dos temas.		X						

Encontros com os participantes e Palestras: sobre A importância do ato de ler/ Mesa redonda: Resenha Literária-Dinâmica de Grupo			X	X	X	X	X	
Apresentação sobre o tema (o mediador irá elaborar sua apresentação) / Dicas de livros que se encaixam na temática dos livros.			X					
Leitura do livro e elaboração da resenha literária por parte dos participantes.				X	X	X	X	
Conversa inicial sobre a experiência da leitura de cada participante; Discussão sobre o tema baseada no livro que cada participante leu; Entrega das resenhas.							X	
Criação do livro/cartilha com as resenhas produzidas pelos participantes. Encontro com todos os participantes para encerramento do projeto.								X
Relatório final								X

10. NÚMERO DE BOLSISTA(S)

Validade das bolsas é de 08 (oito) meses

1 bolsista.

11 ORÇAMENTO

Fonte dos respectivos recursos financeiros	Aplicação	Valor mensal	Valor total
Programa Nacional de Assistência Estudantil – PNAES relativo a PGO 2022.	Bolsa	400,00 x 8	3.200,00

REFERÊNCIAS

BORTOLIN, Sueli; SANTOS, Zineide Pereira. **Clube da Leitura na Biblioteca Escolar: Manual de Instruções**. Londrina, v. 3, n. 1/2, p.147-172, jan./dez. 2014.

FAILLA, Zoara (org.). **Retratos da Leitura no Brasil**. 3. ed. São Paulo, Imprensa Oficial, 2012.

FREIRE, P. Carta de Paulo Freire aos professores. **Estudos Avançados**, v.15, n.42, p. 259-268, 2001. Disponível em: <https://www.revistas.usp.br/eav/article/view/9805> . Acesso em: 18 jul. 2021.

SUAIDEN, E. J. O papel da biblioteca pública na reconstrução da verdade. **Ciência da Informação**, Brasília, DF, v.47 n.2, p.143-152, maio/ago. 2018. Disponível em: <http://revista.ibict.br/ciinf/article/view/4285>. Acesso em: 8 set. 2021.

ANEXO C - PARECER CONSUBSTANCIADO DO CEP

FUNDAÇÃO UNIVERSIDADE
FEDERAL DO TOCANTINS



DADOS DO PROJETO DE PESQUISA

Título da Pesquisa: FORMAÇÃO DE LEITORES NA BIBLIOTECA DO INSTITUTO FEDERAL DE ESTUDOS DO TRÓPICO ÚMIDO - UNIFESSPA **Pesquisador:** MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA **Área Temática:**

Versão: 3

CAAE: 57935821.7.0000.5519

Instituição Proponente: Fundação Universidade Federal do Tocantins - Campus de Araguaína

Patrocinador Principal: Financiamento Próprio

DADOS DO PARECER

Número do Parecer: 5.711.254

Apresentação do Projeto:

Segundo Compagnon (2009) O leitor é aquele que lê entendendo todo o conteúdo lido de forma clara e objetiva de acordo com seus objetivos educacionais e é capaz de comunicar o que aprendeu com a leitura a seus colegas de forma discursiva e dialética. A biblioteca é um elemento facilitador do ensino e fornecedora do material bibliográfico adequado, tanto para o uso dos professores quanto dos alunos e deve ser ativa para reforçar o ensino/aprendizagem. Mas esta biblioteca não tem utilização frequente pelos professores e alunos no tocante a leitura sendo vista apenas como um lugar de guarda de livros, sendo ela um setor da instituição que deve estar incumbida também de desenvolver o gosto pela leitura, habituar os alunos a utilizarem livros, desenvolvendo - lhes a capacidade de pesquisa, enriquecendo sua experiência pessoal, senso crítico e tornando-os assim mais aptos a progredir nas profissões para as quais estão sendo preparadas.

Objetivo da Pesquisa:

OBJETIVO GERAL

Promover através da Biblioteca universitária a formação de leitores com o intuito da melhoria do desenvolvimento ao hábito de leitura no Instituto de Estudos do Trópico

Úmido - IETU da UNIFESSPA campus de Xinguara-PA

OBJETIVOS ESPECÍFICOS

Incentivar nos alunos o hábito e o prazer pela leitura, pela aprendizagem e da utilização da Biblioteca ao longo da vida;

Avaliação dos Riscos e Benefícios:

A avaliação dos Riscos, foi realizada adequadamente: no PB - Informações básicas do projeto, Projeto completo e no TCLE.

Comentários e Considerações sobre a Pesquisa:

O projeto representa uma contribuição para promover através da Biblioteca universitária a formação de leitores com o intuito da melhoria do desenvolvimento ao hábito de leitura no Instituto de Estudos do Trópico

Úmido - IETU da UNIFESSPA campus de Xinguara-PA

Considerações sobre os Termos de apresentação obrigatória:

Os termos foram apresentados em conformidade com o exigido.

Recomendações:

No PB - Informações básicas do projeto:

Inserir os critérios de inclusão e exclusão

Conclusões ou Pendências e Lista de Inadequações:

Não há.

Considerações Finais a critério do CEP:

Conforme Resolução CNS 466/2012, itens X.1.- 3.b. e XI.2.d, e Resolução CNS 510/2016, Art. 28, inc. V, o pesquisador deve apresentar relatórios parcial semestral e final do projeto de pesquisa, contados a partir da data de aprovação do protocolo de pesquisa.

Este parecer foi elaborado baseado nos documentos abaixo relacionados:

Tipo Documento	Arquivo	Postagem	Autor	Situação
Informações Básicas do Projeto	PB_INFORMAÇÕES_BÁSICA_S_DO_PROJETO_1833910.pdf	07/10/2022 10:33:19		Aceito
Outros	FORMULARIO_RESP_PEND_PARECE_R_5591428.pdf	06/10/2022 16:23:53	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Projeto Detalhado / Brochura Investigador	PROJETO_MODIFICADO.pdf	06/10/2022 16:21:45	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
TCLE / Termos de Assentimento / Justificativa de Ausência	TERMO_DE_ASSENTIMENTO_LIVRE_ESCLARECIDO_MODIFICADO.pdf	06/10/2022 16:20:33	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Folha de Rosto	FOLHA_DE_ROSTO.pdf	16/03/2022 18:06:52	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	QUESTIONARIOS.pdf	29/09/2021 17:16:47	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Orçamento	ORCAMENTO.pdf	29/09/2021 17:12:00	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Solicitação Assinada pelo Pesquisador Responsável	TERMO_DE_COMPROMISSO_DO_PESQUISADOR.pdf	29/09/2021 16:58:42	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Cronograma	CRONOGRAMA_EXECUCAO.pdf	29/09/2021 16:07:10	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito

Declaração de Instituição e Infraestrutura	TERMO_CONSENTIMENTO_INSTITUI CAO.pdf	28/09/2021 11:51:02	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Declaração de concordância	TERMO_DE_ACEITE_ORIENTADOR.p df	28/09/2021 11:50:03	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	DECLARACAO_ISENCAO_ONUS_FIN ANCEIRO.pdf	28/09/2021 11:47:38	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito
Outros	CARTA_DE_ENCAMINHAMENTO.pdf	28/09/2021 11:44:41	MARIA JOSE PEREIRA DA SILVA	Aceito

Situação do Parecer:

Aprovado

Necessita Apreciação da CONEP:

Não

PALMAS, 19 de Outubro de 2022

Assinado por:
PEDRO YSMAEL CORNEJO MUJICA
(Coordenador(a))